



LORENA ANGÉLICA MANCINI

**TURISMO CULTURAL:**  
Proposta de Roteiro Interpretativo para o Município de São  
Francisco do Sul – SC

Balneário Camboriú

2007

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

LORENA ANGÉLICA MANCINI

**TURISMO CULTURAL:**

**Proposta de Roteiro Interpretativo para o Município de São Francisco do  
Sul – SC**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Turismo e Hotelaria pela UNIVALI – Universidade do Vale do Itajaí, Centro de Educação Balneário Camboriú.

Orientador (a): Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Dóris Van de Meene Ruschmann

Balneário Camboriú

2007

LORENA ANGÉLICA MANCINI

**TURISMO CULTURAL:**

**Proposta de Roteiro Interpretativo para o Município de São Francisco do  
Sul – SC.**

Esta dissertação foi julgada adequada para obtenção do título de Mestre e aprovada pelo curso de Pós Graduação *Strictu Sensu* em Turismo e Hotelaria da UNIVALI – Universidade do Vale do Itajaí, Centro de Educação Balneário Camboriú.

Área de Concentração: Planejamento e Gestão de Espaços para o Turismo

Balneário Camboriú, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2007.

---

Profª Drª Dóris Van de Meene Ruschmann (orientadora) – UNIVALI

---

Profº Drº José Roberto Severino

---

Profº Drº Dario Luiz Dias Paixão

## DEDICATÓRIA

Dedico a realização deste trabalho a Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup>  
Roselys Izabel C. dos Santos (*in memoriam*).  
Professora, orientadora, amiga...  
Exemplo de vida a todos nós.

## AGRADECIMENTOS

Para a realização de um bom trabalho é necessário, acima de tudo, dedicação, paciência, confiança e apoio de várias outras pessoas. Nada podemos fazer só, por isso agradeço a todos que ajudaram direta ou indiretamente para a construção deste trabalho.

Agradeço aos meus pais, pelo amor, pelo apoio, pela proteção e pela educação que me proporcionaram e principalmente paciência e dedicação que me fizeram continuar a seguir diante das barreiras. Por acreditarem em mim quando muitos não acreditaram e pelo amor incondicional que me levou a ser quem sou. Vocês são meu maior exemplo e incentivo para vencer os desafios.

Agradeço aos colegas de mestrado que sempre me ajudaram e incentivaram, entre eles Thianne Mussoi. Em especial a duas amigas, Dircéia Antunes de Oliveira e Priscila Loro Milan, que desde o início do curso passaram a fazer parte não só de um grupo de estudos, mas também de minha vida, em todas as horas difíceis e de descontração.

À Thiago Figueiredo Liberati, pela compreensão e incentivo, jamais me deixou esmorecer. Nunca se queixou dos meus momentos de ausência e ansiedade, sempre me deu abraços e sorrisos.

Agradeço aos professores do Mestrado em Turismo e Hotelaria da Univali, que ensinaram com prazer e dedicação parte do que sei. A Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Dóris Van de Menne Ruschmann, pela orientação, por ter me oferecido apoio quando tudo parecia perdido.

Ao Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> José Roberto Severino e Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Dario Luis Paixão, por atenderem prontamente ao pedido de participarem da banca, e por suas considerações que com certeza enriqueceram muito esse trabalho.

MANCINI, L. A. **Turismo Cultural: Proposta de Roteiro Interpretativo para o Município de São Francisco do Sul – SC.** Dissertação de Mestrado. Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI, 2007.

## RESUMO

O presente trabalho pretende relacionar a busca da valorização e da revitalização enquanto algo construído pelas populações. A interpretação do patrimônio cultural sinaliza justamente o valor único de um determinado ambiente, buscando estabelecer uma comunicação com o visitante, ampliando seu conhecimento. No decorrer do estudo a ser apresentado encontra-se uma análise da ligação existente entre a memória e a reconstrução da identidade local a partir da valorização do patrimônio histórico-cultural, além de tentar verificar o papel do turismo cultural nesta relação. Verificou-se dessa forma, a necessidade de uma contextualização geográfica e histórica do município de São Francisco do Sul, abordando a localização bem como o processo de construção histórica e da memória local. Percebeu-se também a importância de apresentar o patrimônio histórico e cultural do município, embasado em aspectos conceituais, e sua contribuição para a formação do município. O patrimônio francisquense expressa a história do seu povo com significados ocultos poucos revelados pelo estudo da memória da cidade. O turismo cultural baseia-se na busca pelas diferentes culturas materializadas por meio do patrimônio histórico e cultural. Sendo assim, verifica-se o grande potencial da localidade para a utilização turística. Para tanto, este trabalho apresentará uma proposta de roteiro interpretativo para o patrimônio de São Francisco. Visando a coleta de informações relevantes para o estudo e para a formatação do roteiro foram realizadas entrevistas informais com os turistas, e entrevistas direcionadas com membros do poder público, privado e comunidade local. O roteiro proposto no trabalho tem como principal objetivo se tornar uma alternativa de conhecimento do patrimônio aos turistas de veraneio.

**Palavras – Chave:** Valorização e Preservação da memória e Identidade; Patrimônio Histórico e Cultural; Turismo Cultural, Interpretação.

MANCINI, L. A. **Cultural Tourism: Proposal of a Interpretative Itinerary for the city of São Francisco do Sul – SC.** Master's degree's lecture. Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI, 2007.

### ABSTRACT

The present lecture intends to enroll the search for valorization and revitalization as something built by population. The interpretation of cultural patrimony shows exactly the unique value of certain environment, trying to establish a communication with the visitor, increasing her/his knowledge. In the course of this lecture, can be found an analysis of the connection between memory and local identity's reconstruction from the valorization of the historical-cultural, moreover it tries to verify the importance of cultural tourism in this relationship.

And so a historical and geographic contextualization of São Francisco do Sul was found necessary, which should broach as a subject the localization as well the process of historical construction and the local memory. It was also noticed the importance of showing the cultural and historical patrimony, based on conceptual aspects and its contribution for the city's development. São Francisco's heritage reflects the history of its people with hidden meanings hardly revealed by the study of the city's memories. The cultural tourism is based on the search for different cultures materialized by a historical and cultural patrimony.

Hence it follows that it is clear the huge potential of the locality for touristic utilization. Towards that, this lecture presents a proposal of a interpretative itinerary trough the patrimony of São Francisco do Sul. Aiming at the gathering of relevant information for the study and itinerary development, informal interviews were taken from the tourists, and more direct interviews were taken from the public and private authorits and from local community. The proposed itinerary in this lecture carries as its main objective to become an alternative for patrimony's knowledge to summer tourists.

**Keywords:** Valorization and Preservation of memory and Identity, Historical and Cultural Patrimony, Cultural Tourism, Interpretation.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa Localização Brasil – Santa Catarina – Litoral Catarinense .....	27
Figura 2 – Sistema Viário São Francisco do Sul .....	29
Figura 3 – Mapa Santa Catarina – Principais Vias e Acessos .....	31
Figura 4 – Imagem Satélite da Baía da Babitonga .....	33
Figura 5 – Vista Aérea do Porto de São Francisco do Sul .....	65
Figura 6 – Centro Histórico de São Francisco do Sul .....	84
Figura 7 – Planta do Centro Histórico de São Francisco do Sul .....	86
Figura 8 – Igreja Matriz Nossa Senhora da Graça no Decorrer dos Anos .....	91
Figura 9 – Museu Histórico de São Francisco do Sul .....	93
Figura 10 – Interior Museu Histórico/ Cela .....	94
Figura 11 – Mercado Municipal .....	95
Figura 12 – Hospital da Caridade .....	96
Figura 13 – Prefeitura Municipal .....	98
Figura 14 - Museu Nacional do Mar .....	99
Figura 15 – Interior do Museu .....	100
Figura 16 – Cine Teatro “X de Novembro” .....	101
Figura 17 – Sobrado dos Carvalho .....	104
Figura 18 – Casarão da Família Rhinow .....	106
Figura 19 – Forte Marechal Luz .....	108
Figura 20 – Ruínas do Leprosário .....	109
Figura 21 – Capela Nossa Senhora da Glória.....	111
Figura 22 – Sambaquis .....	113
Figura 23 – Carnaval Centro Histórico .....	117
Figura 24 – Grupo Folclórico .....	120
Figura 25 – Gastronomia .....	121
Figura 26 – Praia Enseada – Alta Temporada .....	151
Figura 27 – Planta do Centro Histórico com Detalhes dos Recursos a Serem Utilizados para o Roteiro .....	164

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distância das Principais Cidades .....	28
Tabela 2 - IDH Santa Catarina e São Francisco do Sul .....	59
Tabela 3 – Movimento Estimado de Turistas .....	70
Tabela 4 – Principais Atrativos Turísticos .....	71
Tabela 5 – Meios de Hospedagem Utilizados .....	71
Tabela 6 – Principais Mercados Emissores Nacionais .....	72
Tabela 7 – Motivo da Viagem .....	72
Tabela 8 – Meios de transporte Utilizado .....	72
Tabela 9 – Permanência Média em Todos os Meios de Hospedagem .....	73

## LISTA DE SIGLAS

ACISFS – Associação Comercial e de Indústrias de São Francisco do Sul  
AFAA – Associação de Artesãos e Artistas de São Francisco do Sul  
ALL – América latina Logística  
AMPE – Associação de Micro e Pequenas Empresas  
APSFS – Administração do Porto de São Francisco do Sul  
ASCORED – Associação Comunitária do distrito do Saí  
CAP – Conselho de Administração Portuária  
CIDASC – Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola de Santa Catarina  
CIT - Centro de Informações Turísticas  
COMTUR – Conselho Municipal de Turismo  
EMBRATUR – Empresa Brasileira de Turismo  
FESTILHA – Festa de Tradições da Ilha  
FUNAI – Fundação Nacional do Índio  
FUNASA – Fundação Nacional da Saúde  
ICOM – Conselho Internacional de Museus  
IDH – Índice de Desenvolvimento Humano  
IPEA – Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas  
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional  
OGMO – Órgão Gestor de Mão de Obra  
OMT – Organização Mundial de Turismo  
PRODETUR –Sul – Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável  
SAMAE – Sistema Municipal de Água e Esgoto  
SANTUR – Santa Catarina Turismo S/A – Órgão Oficial de Turismo do Estado de Santa Catarina  
SOGO – SouthOcean Grãos e Óleos  
SPHAN – Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional  
SUS – Sistema Unificado de Saúde  
UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	13
1 SÃO FRANCISCO DO SUL .....	26
1.1 Contextualização Geo-Espacial .....	26
1.1.1 Baía da Babitonga .....	32
1.2 Contextualização Histórica .....	36
1.2.1 Formação Sócio Espacial Catarinense .....	37
1.2.2 A Ocupação Original de São Francisco do Sul .....	39
1.2.3 A Ocupação Vicentista de São Francisco do Sul .....	45
1.2.3.1 A Fundação de São Francisco do Sul .....	47
1.4 Falanstério do Saí .....	53
2 SÃO FRANCISCO DO SUL NA ATUALIDADE .....	58
2.1 Saneamento Ambiental .....	59
2.1.1 Abastecimento Público de Água .....	59
2.1.2 Tratamento de Esgoto Doméstico .....	60
2.1.3 Destinação de Resíduos Sólidos Domésticos (lixo) .....	61
2.2 Educação .....	61
2.3 Saúde .....	62
2.4 Economia .....	63
2.4.1 Porto .....	64
2.4.2 Turismo .....	68
3 PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE SÃO FRANCISCO DO SUL.....	76
3.1 Patrimônio Material .....	83
3.1.1 Centro Histórico de São Francisco do Sul .....	83
3.1.1.1 Edifícios Públicos .....	89
3.1.1.1.1 Igreja matriz e Casa Paroquial .....	89

3.1.1.1.2 Casa de Câmara e Cadeia .....	91
3.1.1.1.3 Museu Histórico de São Francisco do Sul .....	93
3.1.1.1.4 Mercado Municipal .....	94
3.1.1.1.5 Hospital de Caridade .....	95
3.1.1.1.6 Prefeitura Municipal .....	97
3.1.1.1.7 Museu Nacional do Mar .....	98
3.1.1.1.8 Cine Teatro “X de Novembro” .....	100
3.1.1.1.9 Sede do IPHAN .....	101
3.1.1.2 Edifícios Particulares .....	102
3.1.1.2.1 Clube XXIV de Janeiro .....	102
3.1.1.2.2 Casarão Loja Koerich .....	103
3.1.1.2.3 Sobrado dos Carvalho .....	103
3.1.1.2.4 Sobrado da Família Assef.....	104
3.1.1.2.5 Casarão da Família Rinow .....	105
3.1.1.2.6 Residência Ernesto S. Thiago .....	106
3.1.2 Forte Marechal Luz .....	106
3.1.3 Ruínas do Leprosário .....	108
3.1.4 Capela Nossa Senhora da Glória .....	110
3.1.5 Ilha da Rita .....	111
3.1.6 Sambaquis .....	112
3.2 Patrimônio Imaterial .....	114
3.2.1 Festas .....	114
3.2.1.1 Festas Religiosas .....	115
3.2.1.2 Festas Tradicionais .....	116
3.2.2 Grupos Folclóricos .....	114
3.2.3 Gastronomia .....	120
4 TURISMO .....	123
4.1 Turismo Cultural .....	127
5 INTERPRETAÇÃO .....	137

5.1 Princípios e Técnicas da Interpretação .....	142
--------------------------------------------------	-----

## 6 PROPOSTA DE ROTEIRO INTERPRETATIVO PARA

SÃO FRANCISCO DO SUL .....	148
6.1 Análise dos Dados Obtidos através da Pesquisa <i>In Loco</i> .....	150
6.1.1 Entrevistas Informais Realizadas com os Turistas .....	150
6.1.2 Entrevista com o Secretário Municipal de Turismo e Lazer .....	152
6.1.3 Entrevista com a Responsável pelo Escritório do IPHAN .....	155
6.1.4 Entrevistas com a Comunidade Local .....	157
6.2 Sugestão de Roteiro para o Turismo Cultural e de Estratégias Interpretativas .....	160
6.2.1 Etapas do Plano Interpretativo .....	161
6.2.2 Estratégias Interpretativas .....	169
6.2.3 Roteiro: São Francisco do Sul – A História Mais Perto de Você .....	175

CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	181
----------------------------	-----

REFERÊNCIAS .....	186
-------------------	-----

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS .....	195
-------------------------------	-----

## APÊNDICES

Apêndice 1 – Folder .....	199
Apêndice 2 – Normas para Visitação .....	200

## INTRODUÇÃO

Nos últimos decênios do século 20, foi possível notar o despertar de um renovado interesse das sociedades pela sua história, que ultrapassou o meio acadêmico e assumiu novas formas de expressão. A principal razão para esse novo fascínio no resgate histórico está na velocidade das mudanças que as sociedades vêm enfrentando, unida à globalização e seu impacto sobre a constituição da identidade, tanto individual quanto coletiva.

Segundo Ferreira e Moser (In: MOSER; MULLER, 2001), as recentes transformações mundiais, especialmente no que diz respeito à interligação dos indivíduos, confirmam a existência de uma sociedade global onde o indivíduo não precisa mais necessariamente se deslocar para que o mundo penetre em seu cotidiano e transforme suas práticas culturais. No entanto, há uma contradição, isto é, ao mesmo tempo em que a sociedade está inserida neste processo de globalização, as nações estão experimentando um desejo crescente de mostrar suas singularidades e assinalar diferenças diante da mundialização da cultura.

Castells (2000), afirma que nosso mundo e nossa vida, vêm sendo moldados pelas tendências conflitantes da globalização e da identidade. O autor aponta que a revolução da tecnologia da informação e a reestruturação do capitalismo introduziram uma nova forma de sociedade chamada “sociedade em rede”. Esta é caracterizada pela globalização das atividades econômicas; pela flexibilidade e instabilidade do emprego e a individualização da mão-de-obra, além de “uma cultura de virtualidade real construída a partir de um sistema de mídia onipresente, interligado e altamente diversificado”.

Entretanto o autor ainda coloca que, juntamente com a revolução tecnológica, vivenciamos no último quarto do século o avanço de expressões poderosas de identidade coletiva “que desafiam a globalização e o cosmopolitismo em função da singularidade cultural e do controle das pessoas sobre suas próprias vidas e ambientes”. Essas expressões são altamente diversificadas e seguem os contornos pertinentes a cada cultura, bem como às fontes históricas da formação de cada identidade.

Freire e Pereira (In: MURTA;ALBANO, 2002), por outro lado, expõem que o processo de globalização tende a reduzir a diversidade cultural ao estimular que membros das minorias culturais moldem sua cultura àquela dita dominante. Este processo pode fazer com que os indivíduos, ao começar perder suas principais características culturais, sintam a necessidade de buscar sua identidade.

A rapidez do processo de mudança, [...], trouxe o sentimento de perda do sentido do passado, do desenraizamento e do esquecimento fácil, originando a necessidade de indivíduos e coletividades retomarem seu passado, na busca de elementos que permitam uma recomposição da identidade. (FREIRE;PEREIRA In: MURTA;ALBANO, 2002, p 121)

Para fins de esclarecimento, optou-se por expor brevemente alguns conceitos relacionados à identidade.

De acordo com Castells (2000), identidade é entendida como a fonte de significado e experiência de um povo. “Não temos conhecimento de um povo que não tenha nomes, idiomas ou culturas em que alguma forma de distinção entre o eu e o outro, nós e eles, não seja estabelecida”.

Ferreira e Moser (In: MOSER; MULLER, 2001, p. 57), citam que a identidade “possui um caráter diferencial e multifacetado, e , devido ao fato de estar vinculada ao coletivo, constrói-se num sentido múltiplo e evoca dimensões de uma cultura plural e conflitante”.

Novamente citando Castells (2000), “a identidade é um processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, os quais prevalecem sobre outras fontes de significados”.

Sem dúvida, a luta pela definição da identidade traz consigo elementos fixados a uma rede de significações complexas e expressas em termos de uma dominação simbólica, onde símbolos, objetos, usos e costumes apresentam-se com uma boa dose de coerência interna, construindo práticas e moldando discursos como melhor lhe convier. (FERREIRA; MOSER, In: MOSER; MULLER, 2001, p. 61)



Torna-se importante também esclarecer o elemento memória, já que este está estritamente ligado à identidade.

Desta forma, corroborando com Freire e Pereira (In: MURTA;ALBANO, 2002, p. 25), a memória é um elemento constitutivo da identidade, pois restitui o passado a partir do presente além de constituir fator de relevante importância para o reconhecimento e a valorização de indivíduos ou grupos. “A memória coletiva é base para a construção da identidade coletiva e da cidadania, constituindo uma força social de imenso poder”.

Assim, quando o turismo tem como matéria prima o patrimônio histórico e cultural, pode vir a tornar-se um aliado no processo de revitalização de valores da comunidade local, o que irá desencadear um processo de preservação da memória e identidade e também do patrimônio local, ou seja, da cultura local.

Gastal (2002), cita que no início da década de 1960, a atividade turística não era entendida isolada de seu aspecto cultural. No entanto, segundo a autora, o turismo tornou-se fato social e econômico reconhecido, a demandar atenção de amplos segmentos da sociedade. A cultura, por sua vez, também passou a ser encarada como fato econômico nas suas diferentes manifestações.

Dessa maneira, se o binômio turismo-cultura dizia respeito a uma das motivações dos viajantes nas suas decisões sobre os destinos, hoje esse mesmo binômio exige novos enfoques, para além das reflexões românticas ou mercadológicas.

O Turismo Cultural tem como principal foco o patrimônio histórico e cultural das comunidades, e as discussões acerca desse tema contribuem para o desenvolvimento da atividade turística, buscando a preservação da herança patrimonial, da memória, identidade e cultura de um povo ou de uma região. De acordo com Santos (2001, p.112),

[...] o turismo cultural assenta-se justamente na busca do conhecimento de tudo aquilo que convencionamos chamar de patrimônio histórico, artístico e cultural. O patrimônio deixado por antigas civilizações continua a despertar o interesse de turistas que se deslocam para todas as partes do mundo, com o objetivo de conhecê-lo, mesmo que esteja em ruínas.

Barretto (2001), quando se refere a turismo cultural afirma que se trata de toda forma de turismo que tenha como principal atrativo algum aspecto da cultura humana, que pode ser a história, o cotidiano, o artesanato ou qualquer outro aspecto da cultura.

O turismo cultural, como atividade sustentável, tem a vantagem de ampliar as oportunidades para atividades econômicas diversas, aumentando as formas de desenvolvimento, enquanto se conservam as características culturais das comunidades.

Se a atividade turística valoriza e respeita a autenticidade do patrimônio histórico e cultural como símbolo do passado e suas formas simbólicas como parte desse tempo, a necessidade de se preservar a memória e a identidade local irão aparecer como uma contra-finalidade à homogeneização de culturas para o consumo.

Quando o turismo cultural envolve a comunidade local e busca em sua história a base para o desenvolvimento da atividade, apóia-se na memória coletiva e, ao mesmo tempo, estimula-a já que ela é o motor fundamental para desencadear o processo de identificação do cidadão com sua história e cultura.

Assim, o ambiente voltado para o turista é também voltado para o povo, tornando-se, uma atividade sustentável, gerando a preservação de centros históricos, encenações, festas, edifícios, ou seja, o patrimônio histórico cultural.(BARRETTO, 2001)

Desta forma, a partir da valorização de sua história a população de uma comunidade terá a oportunidade de melhor entender o seu passado, os remetendo às suas identidades.

Contudo, o turismo cultural, pode visar em primeiro aspecto, o elemento econômico, ocasionando dessa forma um processo inverso ao citado acima que terá como consequência diversos impactos negativos relacionados ao patrimônio, cultura, memória e identidade locais.

Assim, Gastal (2002), acredita que, no momento turístico que vivenciamos, diante da tecnologia que facilita o acesso às informações pelos turistas, concorrência acirrada, clientes buscando cada vez mais produtos que se adequem às suas necessidades e expectativas e principalmente o fato de o turismo estar deixando de ser uma atividade meramente econômica e passando a ser visto como um fenômeno social, torna-se necessário aprofundarmos a reflexão sobre os conceitos e categorias teóricas, lançando maior atenção ao turismo cultural para além de sua apresentação como mero diferencial mercadológico em roteiros sofisticados.

Dessa forma, este estudo pretende utilizar a teoria da interpretação patrimonial para que através desta o turismo cultural possa agir como elemento incentivador do processo de valorização da cultura local em detrimento de sua descaracterização, muitas vezes imposta pela sociedade globalizada.

A fruição do turismo cultural não deve ser realizada baseando-se na superficialidade, mas sim na interação entre o turista e o local que ele está visitando. O turista deve realmente vivenciar os aspectos culturais da localidade, fazer parte do todo. Enquanto o atrativo cultural for considerado apenas uma mercadoria, não terá significado para o visitante, fazendo com que seja esquecido logo após o consumo, o que pode caracterizar um consumo massificado.

Deve-se construir atrativos a partir da cultura local, projetando neles sua memória e identidade. Para tanto o turista, assim como a comunidade local precisa aderir ao processo de interpretação patrimonial.

Murta e Albano (2002), mostram que a interpretação sinaliza o valor único de determinado ambiente buscando estabelecer uma comunicação com o visitante, ampliando seu

conhecimento. Ela estimula as várias formas de olhar e entender o mesmo objeto. No caso do turismo que possui forte apelo visual, as autoras afirmam que a interpretação ajuda o visitante a encontrar a singularidade do lugar, seus símbolos e significados mais marcantes.

Menezes (2004), expõe que interpretar é produzir significados às coisas e que através desse processo é possível entender o que não faz parte do seu cotidiano.

A interpretação [...] busca destacar lugares de memória, desenhar no espaço uma rede de descobertas, de modo a revelar a identidade do lugar e ajudar o visitante a captar sua alma, sua essência. A boa interpretação marca a qualidade da descoberta, descortina significados e toca as emoções, ao invés de apenas passar informações factuais. (MURTA; ALBANO, 2002, p. 9 – 10)

Assim, a interpretação torna-se uma forma utilizada para formatar roteiros culturais mais atrativos e com maior qualidade do ponto de vista dos turistas, e, no que diz respeito a comunidade, a interpretação poderá contribuir também em fornecer referências identitárias a ela, possibilitando maior contato e entendimento dos sentidos e significados do seu passado, além de auxiliar na melhoria da qualidade de vida e preservação do patrimônio material e imaterial. Essa pode se tornar uma maneira para buscar desenvolver o turismo cultural como atividade sustentável.

Desta forma, este estudo justifica-se pela necessidade de se manter a importância de comunidades manterem sua memória e identidade e também preservarem seu patrimônio histórico e cultural. Conforme dito anteriormente, o turismo pode agir como incentivador deste processo, fazendo com que através dele a população local entrem em contato com sua história, cultura e patrimônio, conhecendo-os e a partir disso valorizando-os, obtendo como consequência a preservação de seu memória e identidade. Neste sentido, o trabalho apresentado justifica-se ainda pela necessidade de aprofundar os estudos sobre o turismo cultural, a fim de buscar formas em que este venha se desenvolver aliando desenvolvimento da região, uma experiência singular ao turista, valorização e resgate da memória e identidade local, proteção e preservação do patrimônio histórico e cultural, entre outros fatores.

Segundo Lage e Milone (2001), o turismo tem potencialmente um grande número de custos sociais e culturais. Ao mesmo tempo em que pode ajudar, reconhecer e promover culturas distintas, pode também alterar ou distorcer padrões culturais. Ou seja, quando desenvolvido de forma não planejada, pode trazer danos à comunidade e cultura local. Em contrapartida, sua exploração de forma planejada pode auxiliar nos casos em que a oferta turística é constituída pelo patrimônio cultural. Assim, observa-se a interpretação patrimonial como uma forma de planejar o turismo cultural promovendo uma aliança entre turismo e preservação patrimonial, o que pode representar um acerto de ambos os lados.

Neste sentido cabe salientar a questão desta pesquisa:

De que forma o desenvolvimento do Turismo Cultural em São Francisco do Sul influencia na preservação patrimônio histórico e cultural e da memória/identidade local?

A presente questão visa analisar uma forma que o turismo cultural seja desenvolvido preocupando-se com aspectos culturais e sociais e não apenas com os econômicos, e também quais seriam os benéficos gerados com o desenvolvimento dessa atividade.

Com base no exposto, o objetivo geral desse trabalho é analisar o desenvolvimento do turismo cultural em São Francisco do Sul para, a partir disso, propor um roteiro interpretativo que inclua a comunidade local e torne-se uma alternativa de conhecimento e lazer aos turistas da localidade.

Dentre as cidades históricas de Santa Catarina, destaca-se São Francisco do Sul, escolhida como objeto de estudo desse trabalho, devido ao fato de se constituir em um destino turístico já consolidado e principalmente por possuir um rico patrimônio histórico e cultural material e imaterial.

Localizada ao norte do estado, além de possuir um espaço geográfico privilegiado, apresenta também um rico acervo histórico. Nela se encontra um conjunto de edificações e monumentos que formam seu centro histórico, além de outras construções que

refletem a história do município, os sambaquis, seu rico patrimônio imaterial, tudo isso rodeados pela natureza, o que proporciona uma visão de volta ao passado. Essa herança patrimonial reflete os diversos períodos da história do país, para os quais a cidade serviu de cenário.

Porém, esse patrimônio, atualmente, é mal explorado pela atividade turística, visto que seu principal segmento é o turismo de veraneio.

Assim, faz-se necessário diagnosticar o potencial do centro histórico de São Francisco do Sul, para que seja possível propor um roteiro interpretativo aproveitando esse potencial, envolvendo a comunidade local, trabalhando os conceitos de memória e identidade, e, proporcionando também, a preservação do patrimônio.

Foram também definidos alguns objetivos específicos para o estudo a fim de nortear a pesquisa a ser realizada. Esses objetivos dividiram-se em: realizar uma contextualização geo-espacial e histórica do município de São Francisco do Sul; caracterizar o município na atualidade visando a apresentação dos aspectos sócio-culturais e econômicos; analisar o desenvolvimento da atividade turística e sua influência no município; identificar o patrimônio histórico e cultural local bem como sua importância para a memória e identidade local para tornar claro seu potencial e analisar o desenvolvimento do segmento de turismo cultural na localidade.

A escolha do tema insere-se na Linha de Pesquisa Planejamento e Gestão de Espaços para o Turismo. Para o desenvolvimento desse estudo utilizou-se a pesquisa histórica e qualitativa, por se adequarem aos objetivos a serem alcançados.

Segundo Dencker (1998, p. 97), a pesquisa qualitativa possibilita a observação de elementos e ocorrências, selecionadas a partir de concepções teóricas acerca do objeto de estudo e permite a análise de suas causas, condições e frequência. “A observação dos fenômenos sociais, feita de maneira intensiva, a qual implica a participação do pesquisador no universo de ocorrência desses fenômenos”.

A pesquisa qualitativa não produz generalizações para entender o comportamento humano, nem necessita aplicar testes de validade e fidedignidade. “Não apresenta padrões de objetividade e não atende aos critérios de verdade do paradigma positivista.” (Santos F, 2000, p. 39)

O método da pesquisa histórica foi utilizado, já que de acordo com Menezes (2004), existe uma proximidade metodológica entre o tratamento que as duas áreas dão ao objeto histórico.

Ambas definem um evento no passado, buscam apreendê-lo, o interpretam e publicizam a interpretação[...] Este texto, dessa forma, elege como objeto central uma reflexão de caráter metodológico, elegendo instrumentos e estratégias de disciplinas distintas – História e Turismo – para pensá-los em ação integrada. Nessa abordagem específica, ele se distingue de tantos outros que têm abordado a questão da interpretação do patrimônio para a ação do turismo. (MENEZES, 2004, p. 11 – 12)

Assim trabalhar o turismo cultural, o patrimônio histórico e a identidade entre outros elementos exigem uma articulação interdisciplinar entre a História e o Turismo, já que estes ainda de acordo com a autora comungam de espaços fronteiriços e de interdisciplinaridade e produtos que configuram bens culturais a serem apreendidos, documentados, preservados e comunicados.

Segundo Lakatos e Marconi (1999), a utilização do método histórico é indicada quando se pretende investigar um acontecimento para verificar sua influência na sociedade atual, permitindo que se preencham os vazios e apoiando-se em um tempo, mesmo que artificialmente construído.

Esta reconstrução faz-se necessária para este estudo, pois através dela será possível entender todo o processo de ocupação do município de São Francisco do Sul, e, a partir deste entender o espaço em que o município encontra-se atualmente, e, principalmente seu patrimônio histórico cultural material e imaterial.

Dentro do processo de trabalho de campo incluem-se, em um primeiro momento, as fontes documentais e bibliográficas.

A pesquisa bibliográfica que, segundo Dencker (1998), é aquela “desenvolvida a partir de material já elaborado: livros e artigos científicos”. Para Lakatos e Marconi (1999, p. 73), “sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto”.

Gil (1999), aponta que a principal vantagem desta pesquisa se encontra no fato de que a mesma permite ao pesquisador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Esta pesquisa irá contribuir para que sejam definidos todos os termos relevantes para o estudo, a análise da relação existente entre eles, assim como dos possíveis impactos que a atividade turística pode trazer para os destinos na qual é desenvolvida.

A partir do embasamento teórico, pretende-se desenvolver uma pesquisa documental que no parecer de Gil (1999, p. 66), “vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa”. A principal característica da pesquisa documental é que a mesma está restrita a documentos escritos ou não, constituindo o que se denomina de fontes primárias.

Desta forma, o presente trabalho enquadra-se em um estudo de caso que segundo Gil (1999, p. 78), “é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir conhecimento amplo e detalhado do mesmo; tarefa praticamente impossível mediante os outros delineamentos considerados”.

O autor nos mostra ainda que este método é muito freqüente na pesquisa social, devido à sua simplicidade e economia, visto que pode ser realizado por um único investigador, e não requer técnicas de massa para a coleta de dados.



O estudo de caso não se trata de uma técnica específica. De acordo com Goode; Hatt (1969, p. 422), “é um meio de organizar dados sociais preservando o caráter unitário do objeto estudado”. Já para Tull (1976, p. 323), o estudo de caso “refere-se a uma análise intensiva de uma situação particular”.

Para a pesquisa *in loco* realizou-se *a priori* uma observação do local a fim de detectar alguns aspectos positivos e negativos que possam influenciar no desenvolvimento da atividade, realizar uma análise do turismo no centro histórico e nas praias, enfim, obter um panorama geral sobre o turismo local, assim como os recursos existentes e como estes estão sendo utilizados.

Ainda neste primeiro contato com a localidade buscou-se também uma aproximação com os turistas objetivando caracterizar seu perfil, suas expectativas e satisfação com o produto, além do seu interesse no aprimoramento de uma oferta para o turismo cultural em São Francisco do Sul.

Cabe ressaltar que para a coleta destes dados não foi utilizado um questionário ou entrevista previamente determinados, caracterizando-se como uma entrevista informal. Utilizou-se esse método devido ao fato de este não ser o principal objeto a ser pesquisado no local e também porque as informações adquiridas não se constituem na base do desenvolvimento do trabalho, mesmo sendo necessárias para o mesmo.

No segundo momento da pesquisa *in loco* buscou-se a realização de entrevistas direcionadas com membros do poder público, nesse caso a Secretaria de Turismo e Lazer e o escritório municipal do IPHAN. O objetivo principal dessas entrevistas foi verificar a existência das ações do poder público voltadas ao turismo e patrimônio histórico e cultural, bem como, o interesse dos órgãos na incrementação do turismo cultural, através da criação de um roteiro interpretativo.

Neste segundo momento da pesquisa foram realizadas ainda entrevistas direcionadas com diferentes segmentos da população local, como moradores antigos, membros

do comércio local, proprietários de bens tombados, jovens, membros da associação de artesãos e pescadores. Objetivou-se com esta entrevista verificar o envolvimento da comunidade com a atividade turística, sua relação com o patrimônio histórico e cultural, sua opinião sobre o turismo no local, interesse na formação de um roteiro interpretativo e do possível envolvimento com este.

Conforme apontado, optou-se por entrevistas direcionadas, por estas serem relacionadas a algumas pessoas chaves, que forneceram informações relevantes ao estudo. Não existe um roteiro estruturado para essa forma de entrevista.

Para Chizzotti (1991, p. 57), essa forma de entrevista “é um diálogo preparado com objetivos definidos e uma estratégia de trabalho”. Segundo sua forma de operacionalização, é classificada em entrevista não-estruturada na qual “ o pesquisador busca conseguir, através da conversação, dados que possam ser utilizados em análise qualitativa, ou seja, os aspectos considerados mais relevantes de um problema de pesquisa”. (BARROS; LEHFELD, 2000, p. 91). De acordo com os autores, o pesquisador tem mais flexibilidade durante a coleta dos dados, ou seja, pode formular e reformular as questões para melhor entendimento do entrevistado, pode também, reduzir o número de entrevistas realizadas por estas serem de base qualitativa e buscarem conseguir o maior número de informações de uma mesma pessoa.

Os resultados obtidos nesta pesquisa estão distribuídos em seis capítulos onde o primeiro apresenta uma contextualização geo-espacial e histórica do município a fim de permitir a obtenção de uma visão e interpretação total dos fatos e ao mesmo tempo uma específica de cada lugar histórica e geograficamente sem desprezar o conhecimento do conjunto.

O segundo capítulo apresenta o município de São Francisco do Sul na atualidade, abordando aspectos sociais e econômicos, dando maior ênfase ao desenvolvimento trazido pelo porto e pela atividade turística. Onde trata da atividade turística, o capítulo buscará realizar uma análise do desenvolvimento da atividade no local, bem como de alguns aspectos positivos e negativos diagnosticados.

O patrimônio histórico e cultural como fator de notável importância na valorização da memória e identidade, seus aspectos conceituais, seguido de uma caracterização do patrimônio material e imaterial do município, além de uma análise do seu uso pelo segmento de turismo cultural, será objeto do terceiro capítulo.

Os subsídios teóricos acerca do turismo e do turismo cultural, sua relação com a memória e identidade, patrimônio histórico e cultural, seus impactos positivos e negativos formarão o conteúdo exposto no quarto capítulo.

O quinto capítulo estará responsável por apresentar uma reflexão teórica da teoria de interpretação patrimonial, utilizando como base Stela Murta e Celina Albano em seu livro *Interpretar o Patrimônio um exercício do olhar* e José Newton Coelho de Menezes, *História e Turismo Cultural*.

Por fim utilizando como embasamento a teoria de interpretação patrimonial de Stela Maris Murta e Celina Albano irá propor-se um roteiro interpretativo para o município de São Francisco do Sul, sendo este apresentado como uma opção a complementar o roteiro dos turistas de veraneio. Esta proposta visa também incluir a participação da comunidade local, buscando dessa forma uma valorização e preservação do patrimônio, com objetivo de subsidiar o roteiro que será proposto no sexto capítulo, logo depois de serem expostos os resultados obtidos a partir da pesquisa in loco.

## **1 SÃO FRANCISCO DO SUL**

Qualquer localidade apresenta um processo de formação sócio-espacial que se inicia com seu povoamento e continua com as transformações sociais, econômicas, culturais e naturais que marcam a história de uma localidade. Para se realizar um estudo fundamentado neste processo é necessário segundo Santos (1982), tratar inicialmente da gênese desta formação e definir o processo histórico responsável por sua forma atual, ou seja, a materialidade concreta expressa no espaço.

A análise da formação sócio-espacial de localidades deve se basear em conhecimentos ligados aos aspectos históricos, ao espaço geográfico e às transformações sociais e naturais ocorridas na localidade em questão. Estes processos devem ser analisados em conjunto considerando suas características específicas para que seja possível entender as bases de desenvolvimento do espaço estudado. Assim entendemos a necessidade de se conhecer os processos sociais e as características naturais para entender a dinâmica de um espaço geográfico, pois estes oferecem as bases para o desenvolvimento deste espaço. (PEREIRA;VIEIRA, 1997)

Com base nestas informações, procurou-se realizar uma contextualização espacial e geográfica do município de São Francisco do Sul. A contextualização histórica do objeto de estudo também se tornou importante por expor sua ocupação que muito influenciou no patrimônio material e imaterial e conseqüentemente na identidade de seus moradores.

### **1.1 Contextualização Geo-Espacial**

O município de São Francisco do Sul está localizado na microrregião do extremo norte do litoral de Santa Catarina. Seu território é constituído pela Ilha de São Francisco e de uma faixa continental onde se encontra o Distrito do Saí. Está hidrograficamente caracterizado pela bacia marítima da Baía da Babitonga. (Figura 1)

Sua diversidade, segundo Costa (2005), manifesta-se tanto no meio natural quanto na ocupação urbana. No meio natural tem-se a baía, as ilhas, o Canal do Linguado, os morros, as parias e a restinga do Canal do Acarai. Enquanto na paisagem urbana têm-se três núcleos: o centro histórico, os balneários e a Vila da Glória.



**Figura 1 – Mapa Localização – Brasil/Santa Catarina/ Litoral Catarinense**  
Fonte: Santa Catarina /Brasil – Porto Encantado no Atlântico Sul

Sua área sofreu desmembramentos progressivos ao longo dos anos até se reduzir a área atual de 541,8 Km<sup>2</sup>, envolvendo, como dito acima, a Iha e parte continental, sendo 58,5 Km<sup>2</sup> de área rural e 483,3 Km<sup>2</sup> de área urbana. Sua população estimada em 2005 era de 37.725 habitantes, no entanto na alta temporada, esta população triplica devido aos balneários. (Figura 2)

Faz divisa ao norte com os municípios de Joinville e Itapoá, ao sul Balneário de Barras do Sul, oeste com Joinville e Araquari e ao leste com o Oceano Atlântico.(Figura 2) Está localizado sob as coordenadas: latitude – 26° 14'7'' e longitude – 48°38'4'', estando a uma altitude de 9 metros.

DISTÂNCIAS		
<b>Balneário Camboriú</b>	-	<b>125 Km</b>
<b>Blumenau</b>	-	<b>160 Km</b>
<b>Chapecó</b>	-	<b>655 Km</b>
<b>Curitiba</b>	-	<b>180 Km</b>
<b>Florianópolis</b>	-	<b>215 Km</b>
<b>Itajaí</b>	-	<b>116 Km</b>
<b>Joinville</b>	-	<b>40 Km</b>
<b>Navegantes</b>	-	<b>95 Km</b>
<b>Ponta Grossa</b>	-	<b>295 Km</b>
<b>Porto Alegre</b>	-	<b>720 Km</b>
<b>São Paulo</b>	-	<b>580 Km</b>

**Tabela 1 – Distância das Principais Cidades (Principais Centros)**

Fonte: <http://www.saochico.com/comochegar.php>





**Legenda**

- Rodovias
- Vias Principais
- Vias Marginais
- Vias Arteriais
- Vias Coletoras
- Vias Parque
- Diretrizes
- - - Rodovias
- - - Vias Marginais
- - - Vias Arteriais
- - - Vias Coletoras
- - - Vias Parque

**Escala**  
1:100.000



O acesso ao município pode ser realizado:

- Automóvel: pela BR 101 duplicada, há um trevo de acesso na altura de Araquari. A partir dali, segue-se pela BR 280 em pista simples. No primeiro trevo, a esquerda dá acesso a Joinville e a direita segue para São Francisco do Sul. No segundo trevo, a esquerda dá acesso ao centro de Araquari e a direita segue para São Francisco do Sul. No terceiro trevo, a direita dá acesso ao Centro da cidade e em frente segue para as praias.
- Avião: o aeroporto mais próximo de São Francisco do Sul é o de Joinville, que dista 60 km e recebe vôos diários a partir de Congonhas e Guarulhos pelas empresas TAM, Varig e Gol.
- Ônibus: as empresas Penha, Catarinense, Bogotur e Verdes Mares operam na cidade. Para chegar de ônibus até São Francisco do Sul é preciso pegar as linhas que saem de Curitiba, Balneário Camboriú, Itajaí e Joinville.





**Figura 3 – Mapa Santa Catarina – Principais Vias e Acessos**

Fonte – Agenda 21 – São Francisco do Sul

A cidade de São Francisco, sede do município está edificada à margem oriental da Baía da Babitonga, em terreno pouco elevado, mas circundado de diversos morros e outeiros que restringem muito a área principal onde se desdobra com alguma regularidade o traçado das ruas mais importantes. (S. THIAGO, 1941)

Devido ao fato de se encontrar na Baía da Babitonga muitas de suas características espaciais e geográficas são decorrentes das características encontradas neste estuário. Assim, verifica-se a importância de abordar brevemente alguns aspectos da Baía.

### 1.1.1 Baía da Babitonga

A palavra Babitonga é, segundo Pereira (2004 p. 23-24), provavelmente derivada da expressão tupi-guarani, que era a língua falada pelos carijós<sup>1</sup>, Ibiporanga (ibi – terra e poranga –, formosa - terra formosa).

[...] ponto que merece comentário é aquele constante da [...] comunicação feita à Federação das Academias de Letras do Brasil, de que esta região era "designada pelos naturais com o nome de Ibiporanga". [...] qual poderia ser o significado do topônimo da nossa baía, sendo-lhe respondido de pronto, como numa inspiração vinda do alto, tratar-se de uma corruptela de ibiporanga, palavra composta de ibi, terra e poranga, formosa.

Não sei se tal informante terá neste assunto mais autoridade que Teodoro Sampaio, [...] supõe ser Babitonga corruptela de Bopitonga, alt. de mbipitanga (assinalar de vermelho, avermelhar), ou talvez proceda de mbaé-pitanga (a vermelha) e o Coronel Tenório de Albuquerque, que segundo comunicação feita ao Dr. Afonso Taunay, presume ser o topônimo corr. de babaétoungá (lugar contornado pelas águas ou lugar das pitangueiras), modificado para ibabahétonga, de onde Babetonga, Ibabitonga.

Como se vê, ambos os tupinólogos divergem em suas opiniões, devendo-se notar que eles nada afirmam. Assim mesmo, os vocabulários que sugerem como sendo os que teriam dado origem ao aludido topônimo em sua forma atual, merecem maior aceitação que Ibiporanga.

S. Thiago (1944, p. 9), cita que a transição de Ibiporanga para Babitonga pode ter se passado da seguinte maneira: “de ibiporanga fez-se ibipotanga – ibipotonga – bipotonga – bapitonga e, finalmente Babitonga, conforme o gênio da língua portuguesa, tendente ao abrandamento dos sons articulados”.

Contudo, para Nacke; Santos e Reis (2001, não paginado)

---

<sup>1</sup> Grupo indígena que ocupou todo o litoral sul antes da colonização. Atualmente conhecidos como Guaranis. A grafia carijó e de outros povos indígenas está de acordo com o estabelecido na convenção instituída pela 1ª Reunião Brasileira de Antropologia (Rio de Janeiro, 1952). Revista de Antropologia, v. 2, n. 2, dezembro de 1954, São Paulo

[...] babitonga ou bopitanga provavelmente são derivadas das palavras guaranis mbopi, morcego, e tang, novo, tenro. Há também a versão de que a denominação carijó era bepitanga, de que babitonga é uma corruptela. Sob esse nome aparece pela primeira vez no mapa do Paraguai feito pelos jesuítas entre 1646 e 1649.

A Baía da Babitonga, uma das principais formações estuarinas do Sul do Brasil, fica localizada no litoral norte do Estado de Santa Catarina. Formada entre o continente e a Ilha de São Francisco do Sul, a baía possui uma lâmina de água com área total de 154 Km<sup>2</sup>. (EIA) O complexo hídrico da Baía de Babitonga, com 1.400 km<sup>2</sup>, abrange parte dos municípios de Joinville, São Francisco do Sul, Garuva, Araquari e Itapoá. (KNIE, 2002) Na margem norte da baía está a localidade de Saí. (Figura 4)



**Figura 4 – Imagem Satélite da Baía da Babitonga**

fonte: <http://www.sfs.com.br>

Situada próxima às encostas da Serra do Mar, a baía recebe contribuição de vários rios, com destaque para as bacias hidrográficas dos rios Cubatão e Palmital, que formam os maiores maciços de manguezais do limite austral da América do Sul. (KINIE, 2004)

Segundo Reis (In: NCKE; SANTOS; REIS, 2004, não paginado), toda região da Baía da Babitonga foi caracterizada pela ocorrência de uma grande quantidade de sítios arqueológicos pré-coloniais, isto é, “de locais que apresentem vestígios da existência de grupos humanos que ocuparam esses espaços antes da chegada dos colonizadores europeus”.

O autor aponta ainda que, através de métodos físico-químicos atestam que esses sítios foram formados a partir de cerca de 5.000 anos atrás, persistindo a presença de grupos responsáveis por sua formação até cerca de setecentos anos, época aproximada da chegada dos primeiros visitantes europeus. As evidências mais facilmente detectadas nesses sítios

são a concentração de artefatos líticos e pedaços de cerâmica depositados superficialmente em manchas de solo escuro, de 30 a 50 cm de profundidade, comumente denominadas de terras pretas, ou misturados com restos de conchas de moluscos, de peixes e mamíferos. Seja como for, as citadas evidências comprovam, do mesmo modo, a presença e a passagem, em tempos pretéritos, na região e no território atual de São Francisco do Sul, de grupos humanos de diferentes tradições. (REIS: IN: NACKE; SANTOS; REIS, não paginado)

Na Baía da Babitonga, encontra-se a Ilha da Rita, que tem importante papel na história de São Francisco do Sul. Segundo S. Thiago; Coelho (2001) nesta ilha foi instalada uma base naval para o abastecimento de água, óleo combustível e carvão que foi inaugurada em 8 de março de 1940, com a presença do presidente Getúlio Vargas, além de servir como ponto estratégico-militar de defesa durante a Segunda Guerra Mundial.

De acordo com Stimamiglio (In: KINIE, 2002) a Baía da Babitonga está inserida na Planície Costeira formada pela sedimentação flúvio-marinha. O relevo é predominantemente plano, podendo ser suavemente ondulado o que propicia o uso intensivo do solo. Na planície estão instalados os centros urbanos e as áreas agrícolas da região.

O clima desta região é caracterizado por “altos valores de temperatura e umidade, com chuvas que se apresentam sob a forma de intensas chuvas de convecção acompanhadas por descargas elétricas [...]”. (ALVES; MIRANDA; VEADO, In: KINIE, 2002, p. 23)

Em suas estruturas geomórfológicas encontram-se, como afirma Rosa (In: KINIE, 2002 p. 09)

Desde sedimentos quaternários que correspondem primordialmente a planícies, até rochas pré-cambrianas que estão entre as mais antigas de todo o território brasileiro e que correspondem a serras e montanhas [...] A alternância entre planícies e montanhas gera contrastes altimétricos acentuados e confere à paisagem um aspecto ao mesmo tempo inóspito e de rara beleza cênica.

A Baía da Babitonga vem promovendo encontros entre homens e culturas através dos séculos.

De fato, o porto seguro, a abundância de peixes e aves proporcionados pela riqueza em manguezais e alagadiços, o verde e as boas terras das suas ilhas, onde cultivam diversos produtos de subsistência, fizeram da baía da babitonga o centro da vida de São Francisco do Sul. Mesmo exercendo outras profissões, quase todos os homens possuíam uma canoa. As mulheres sabiam maneja-las. Além disso, a posição estratégica de abrigo e a comunicação com o continente integram sua história ao mundo terrestre que a rodeia. (NACKE; SANTOS; REIS, 2004, não paginado)

Verifica-se dessa forma a grande importância que a Baía da Babitonga possui, e sua relação com a colonização e desenvolvimento da região. A calma das suas águas, a facilidade de acesso e suas reconhecidas condições para abrigar embarcações à vela, contribuíram com a chegada dos primeiros colonizadores, assim como dos imigrantes em busca de novas terras, fazendo com que o porto se tornasse a razão de ser do povoamento que aos poucos foi surgindo e também do desenvolvimento de São Francisco do Sul. É considerada também fonte de renda e subsistência para inúmeras famílias desde a época pré-colonial, além de ser, a maternidade da vida marinha da região, com vastos manguezais e alagadiços que propiciam o desenvolvimento de farta fauna marinha, entre aves, peixes, moluscos e crustáceos, sendo assim, o viveiro natural de milhares de espécies que habitam e ou procuram a região como criadouros naturais.

Por se encontrar inserido na Baía da Babitonga as características físicas do município de São Francisco do Sul não diferem tanto das citadas anteriormente. Contudo, é possível especificar que se tratando do relevo S. Thiago (1944), afirma que os terrenos do

município são geralmente acidentados principalmente em suas faces meridional e ocidental tanto do Distrito do Saí quanto de São Francisco.

Stimamiglio (In: KNIE, 2002), completa afirmando que na planície encontram-se também serras e morros isolados, como o morro Cantagalo com mais de 600 metros. No centro urbano destaca-se o morro Pão-de-Açúcar, próximo ao porto, com 181 metros.

Alves; Miranda; Veado (In: KNIE, 2002), caracterizam o clima como temperado, fortemente marcado por duas épocas distintas no ano, o verão, caracterizado por altos valores de temperaturas e umidade (entre 15°C e 25°), e chuvas intensas; e o inverno, com uma queda na temperatura e na pluviosidade. Outono e primavera são amenos. A média anual de chuvas varia entre 1.400 a 2.000 mm. A umidade média do ar é de 84%.

No que diz respeito à vegetação Costa (2005), afirma que sua maior incidência é de Mata Atlântica, porém na Ilha há predominância de restingas.

Diversos autores citam esta formação espacial como fator de forte relevância na constituição do processo de ocupação ocorrido em São Francisco do Sul e, sendo a Baía da Babitonga a maior Baía de Santa Catarina, foi o caminho para a colonização de toda a região.

## **1.2 Contextualização Histórica**

Em se tratando do processo de ocupação e colonização de São Francisco do Sul, é possível afirmar que vários personagens foram responsáveis por explorar, descrever e mapear a região. O contexto da época se compunha de espanhóis de um lado e portugueses de outro na disputa por terras ao sul do continente americano. Sem contar com a ocupação inicial dos índios e da visita feita pela Expedição de Gonville em 1504.

Para um melhor entendimento das transformações ocorridas ao longo do tempo e da forma como se encontra essa localidade atualmente, buscou-se realizar primeiramente uma breve análise do processo de ocupação sócio espacial do estado de Santa Catarina, principalmente no que diz respeito ao litoral, a fim de analisar o município de São Francisco inserido no contexto regional.

Este processo, a ser abordado no presente capítulo é responsável pela miscigenação e pelo mosaico cultural existente em São Francisco.

### **1.2.1 Formação Sócio-Espacial Catarinense**

Segundo os autores pesquisados, o quadro natural foi um dos principais elementos determinantes no processo de conquista do continente americano pelo europeu. A formação sócio-espacial catarinense, não foge a regra.

Pereira (2003, p. 103), cita que

A origem modesta e desvinculada do lucrativo comércio colonial agro-exportador imprimiu um caráter singular à formação sócio-espacial do Brasil Meridional, onde a ocupação da faixa Atlântica representou o primeiro momento da colonização lusa e constituiu um passo fundamental na conquista de vastas áreas situadas além dos limites impostos pelo Tratado de Tordesilhas. O domínio português sobre extensões do território sul-americano, que hoje corresponde à quase totalidade das terras que integram os estados do sul do país, só foi assegurado após acirradas disputas entre as Coroas Ibéricas.

Da mesma forma como aconteceu no restante do país, a povoação iniciou-se pelo litoral (séc. XVII), alvo da política expansionista de Portugal para o sul do Brasil, sendo os vicentistas os responsáveis pela fundação de vários núcleos de povoamento, que ofereciam apoio e municiação para essa expansão rumo ao estuário do Prata.

Nota-se, assim, que a primeira grande divisão regional catarinense se deu pelo relevo regional: litoral e planalto. Para Pereira e Vieira (1997), essa conformação geral do relevo, combinada a outros elementos naturais, tornou-se decisiva para o povoamento e desenvolvimento do estado de Santa Catarina.

Os autores afirmam ainda que a exploração das terras do planalto começa com os paulistas no séc. XVIII, instalando a pecuária extensiva nas manchas de campo naturais de Lages, Curitibanos e Campos Novos, associada ao latifúndio pastoril, desenvolvendo uma economia pastoril e extrativa, com base em relações feudais e escravistas.

Enquanto isto, no litoral, os açorianos que sucederam aos vicentistas no séc. XVIII, iniciaram a exploração de pequenas propriedades policultoras que, forneceram excedentes alimentares que se destinaram ao abastecimento do Rio, Salvador e Recife. (PEREIRA: VIEIRA, 1997)

Desta forma, segundo Pereira (2003, p. 105),

o projeto de colonização do Brasil Meridional, do qual fazia parte a ocupação do espaço litorâneo catarinense com a instalação de bases político-militares, o que levou à construção de um complexo de fortificações [...] e à edificação de armações baleeiras, financiadas por capitais comerciais portugueses, para a extração de óleo de baleia, utilizado nos séculos XVIII e XIX para vários fins [...], em cujo processo produtivo empregava-se o trabalho escravo. As enormes instalações marítimas e manufatureiras instaladas ao longo do litoral catarinense multiplicaram-se.

A mão-de-obra escrava estava ligada à pequena produção agrícola que tinha, como dito anteriormente, seus excedentes comercializados, o que fez com que o litoral catarinense alcançasse uma posição de destaque no contexto Brasil-colonial como uma das áreas fornecedoras de gêneros alimentícios. Diferente do que acontecia em outras regiões brasileiras que estavam baseadas na monocultura, no litoral catarinense, a colonização alicerçada na pequena propriedade familiar permitia a prática de uma policultura de subsistência, que estava também somada à produção pesqueira. (PEREIRA, 2003)



Com base na mesma autora afirma-se que ao se iniciar a fase do Brasil independente as áreas relativas ao planalto encontravam-se praticamente virgens. Com estabelecimento de agricultores alemães em pequenas propriedades, inicia-se um novo ciclo povoador com uma sucessão de várias correntes de imigrantes europeus, que incrementaram a colonização da área modificando as características naturais e promovendo o desenvolvimento econômico de várias regiões catarinenses, como é o caso de São Pedro de Alcântara, Blumenau e Joinville.

Ainda no final do século XIX, imigrantes italianos reuniram-se à corrente de imigrantes alemães, povoando as áreas do Vale do Itajaí. A ocupação do território se deu por completo quando, nas primeiras décadas do século XX, houve a comercialização de glebas de terras localizadas na porção oeste do planalto.

Pereira (2003), expõe ainda que a pequena produção mercantil soube tirar proveito de condições internas favoráveis e propiciou o desenvolvimento econômico do latifúndio pastoril, onde as fracas densidades populacionais ocasionavam uma baixa produtividade e um reduzido nível de consumo dos produtores diretos.

O tipo de sociedade criada com o estabelecimento de milhares de pequenos agricultores independentes, artesãos, operários e pequenos comerciantes que realizavam uma significativa divisão social do trabalho é essencial para se entender o êxito da industrialização nessas áreas onde, ao contrário da sociedade de base latifundiária, os empreendimentos se multiplicaram e souberam tirar proveito de conjunturas depressivas do comércio internacional, expandindo seus negócios de modo a alcançar o mercado do sul do Brasil e, às vezes, de São Paulo e do Rio de Janeiro, antes mesmo da 1ª Guerra Mundial. (PEREIRA, 2003, p. 109)

### **1.2.2 A Ocupação Original de São Francisco do Sul**

Em todo litoral catarinense há a ocorrência de uma enorme quantidade de sítios arqueológicos pré-coloniais, isto é, de locais que apresentam vestígios da existência de grupos humanos que ocuparam esses espaços antes da chegada dos colonizadores europeus. Esta

concentração também ocorre nas praias, margens de rios e de lagos da Ilha de São Francisco do Sul, onde foram localizados sítios arqueológicos comprovando a presença desses grupos.

Santos (In: NACKE; SANTOS; REIS, 2004), afirma que todo o litoral sul, de Cananéia (SP) até a Lagoa dos Patos (RS), os vales interioranos e as margens dos rios da bacia Paraná-Paraguai eram ocupadas por índios, os Guaranis, que mais tarde foram denominados pelos europeus como Carijós.

Segundo S. Thiago (1941, p 14),

não se pode, tratando da origem do povoamento deste município, excluir os Carijós do número dos fatores étnicos que contribuíram, preponderantemente, para a formação da população atual – e dessa preponderância só nos temos que felicitar, pois é de amálgama luso-brasileiro, constituindo o cerne da nossa gloriosa nacionalidade, em toda parte onde conservamos o fulcro luminoso da nossa trajetória de civilização e progresso.

Santos (In: NACKE; SANTOS; REIS, 2004), mostra que os guaranis iniciaram o processo de dispersão e conquista do território a partir da Amazônia, cerca de 2.000 anos atrás. Ocuparam, entre outras áreas, a bacia do Paraná-Paraguai, e, seguindo alguns rios que formam esta bacia, chegaram a São Francisco do Sul. Datações obtidas em sítios arqueológicos indicam a presença deste grupo na região há cerca de 1.000 anos, atestando que os Guaranis já a ocupavam quando lá chegaram os europeus.

Organizados em subgrupos e distribuídos em diversas aldeias, os Carijós se caracterizavam por possuir vida sedentária e dominar técnicas de horticultura, caça, coleta, olaria, cestaria e de fiação do algodão, além de serem profundos conhecedores de toda a região, do seu relevo, da flora e da fauna. “Seus hábitos eram simples. Mantinham tradicionalmente certas solenidades em que era de notar um caráter acentuado de religiosidade, nem sempre isento de superstição, o que, aliás, é de cunho nimamente humano”. (S. THIAGO, 1941, p. 14) Os líderes religiosos tinham grande importância na organização social e no cotidiano de cada grupo.

As aldeias eram formadas por famílias extensas, nas quais predominavam a exogamia e a reciprocidade nas relações econômicas, ou seja, a circulação dos bens objetivava atender às necessidades de todos. Mantinham uma forte relação com a natureza, fundamentada no aproveitamento dos recursos disponíveis de forma pouco agressiva, e o domínio das técnicas agrícolas, de caça e de pesca garantiam equilíbrio com o meio ambiente. (SANTOS In: SANTOS; NACKE; REIS, 2004)

Sua indumentária se compunha de tangas de penas e de peles finas, usavam cocares, e as mulheres, braceletes e colares de ossos de conchas.

Os homens usavam, como armas, o arco de madeira mui flexível e resistente, munido de flechas que sabiam desferir com enorme perícia. Também se utilizavam do tacape, de madeira pesada, e do machado de pedra lascada, que poliam com todo o cuidado, encabando-os em madeiras resistentes, a que os ligavam fortemente com cipós, abundantes ainda hoje nesta região. Outros objetos de pedra eram usados por esses aborígenes, bem como vasilhas de barro e cubas de troncos de árvores em que guardavam mantimentos, frutas etc. Suas pirogas ou canoas, embora mal trabalhadas, devido à imperfeição de seus instrumentos cortantes, serviam-lhes à maravilha para as suas excursões a todos os pontos da Babitonga e pelos inúmeros rios que deságuam em seu seio. Fabricavam cestos de taquaras, de que ainda se conservam vestígios nos “tipitis” em que se espreme a mandioca, para extrair-lhe a substância tóxica (mandiquera, como é conhecida); nos bem ideados “covos”, para captura de peixes, e, em geral, em todos os utensílios de cipó e taquara, que ainda são fabricados. (S. THIAGO, 1941, p. 15)

De acordo com Kern (1998), a diversidade de artefatos encontrados nos sambaquis<sup>2</sup> e a forma com que foram manufaturados demonstram, desde as primeiras manifestações de cultura material, uma grande capacidade artesanal e o perfeito domínio de técnicas. Foram registrados artefatos líticos polidos, artefatos lascados, sendo possível constatar uma gama de tipos diferentes de utensílios e objetos de adorno.

Reis (In: NACKE; SANTOS; REIS, 2004), aponta que os artefatos representativos da cultura material dos povos que viveram nesses sítios arqueológicos fazem

---

<sup>2</sup> Designação que significa no idioma tupi “amontoado de conchas”. São sítios arqueológicos que apresentam vestígios da existência de grupos humanos que ocuparam esses espaços antes da chegada dos colonizadores. (REIS, 2004)

supor que eles foram, simultaneamente, locais de habitação e sepultamento. Quanto aos vestígios de habitações, além de inúmeros artefatos destinados ao desempenho de tarefas cotidianas, a evidência de fogueiras atesta a ocorrência de atividades de cozimento de alimentos, sendo encontrados, ainda, locais que deveriam conter estacas, prováveis suportes de abrigos. Porém não foi possível reconstituir as formas originais desses abrigos. De outra parte, tornou-se possível afirmar os sepultamentos devido às evidências acima citadas e o encontro de esqueletos humanos nos sambaquis de São Francisco do Sul, que foram objetos de pesquisas arqueológicas.

Foram os Carijós que receberam Gonville e sua tripulação quando aportaram em São Francisco em 1504. Na “declaração da viagem” aparecem de acordo com Santos (In: SANTOS;NACKE;REIS, 2004, não paginado). referências resumidas do relacionamento amistoso entre os franceses e os índios.

A confraternização entre os tripulantes e os nativos não se resumiu à troca de presentes e festas. Poucos certamente não foram os casos de relacionamento sexual. Mais tarde, observações de outros navegadores e padres vão ressaltar tanto os costumes como a cordialidade e a receptividade dos Carijós para com os brancos.

Ainda de acordo com o autor, também foram os Carijós que suportaram os primeiros embates com os europeus que ocuparam a região.

Da cordialidade e da curiosidade sobre aqueles estranhos homens barbudos, cobertos com roupas malcheirosas, que desciam de barcos enormes usando estrondosas armas de fogo e portando afiadas lâminas de aço, surgiram nas décadas seguintes o temor e o medo, devido à violência e à vontade explícita dos recém-chegados em submeter os nativos. O rapto seguido do trabalho escravo, o abuso sexual das mulheres e o apossamento dos bens indígenas, apesar das convicções cristãs dos conquistadores, tornaram-se rotina. Simultaneamente, os europeus passaram aos índios diversas doenças até então para eles desconhecidas, como a varíola, o sarampo, a gripe, a pneumonia, a tuberculose e a gonorréia. Assim, as epidemias desarticularam o equilíbrio demográfico das aldeias e a sua organização socioeconômica. Ao mesmo tempo, as crenças religiosas que davam suporte à explicação do mundo em que os Carijós viviam passaram a ser desvalorizadas pelos padres que chegaram para catequizá-los. (ibid)

A motivação da maioria dos navegadores que exploraram o Atlântico Sul nas primeiras décadas do século XVI era a descoberta de uma passagem para o Pacífico que

permitisse chegar às Índias. Nessa busca, alcançaram o Rio da Prata, que se tornou uma alternativa para se atingir as terras do Peru e da Bolívia. Interessavam-se, antes de tudo, pela conquista de riquezas fáceis, e na falta dessas foi comum a apropriação de seres humanos, ou seja, de índios, para utilizá-los como testemunhos exóticos da estada em terras estranhas, como objetos sexuais ou como escravos.

A começar pelo capitão de Gonneville e seus companheiros, foram os Carijós que passaram para os europeus os saberes fundamentais à sobrevivência no espaço que estavam invadindo. Esses saberes perduraram no tempo, chegaram até a atualidade absorvidos que foram pela população que se tornou dominante. Citando alguns destes saberes temos a farinha, o peixe assado na brasa, ervas, plantas como a mandioca, o feijão e o milho, o uso da canoa de tronco entre tantos outros no cotidiano das gerações que sucederam os colonizadores. Além disso temos também a existência de diversos topônimos como Babitonga, Araquari, Itapoá, Ubatuba e muitos outros.

Segundo Santos (In: SANTOS; NACKE; REIS, 2004, não paginado), os carijs não desapareceram por inteiro. “Dispersos em pequenos grupos, se refugiaram nos pontos mais inacessíveis da costa e do interior. Outros foram obrigados a conviver com o branco na condição de escravos”.

Weber (In: SANTOS; NACKE; REIS, 2004), afirma que atualmente, São Francisco do Sul conta no seu cotidiano com a presença dos índios Guarani. Esses indígenas se encontram na aldeia (*Tekoa*) “Laranjeiras”, também conhecida como “Morro Alto”, que está localizada na periferia da cidade. “Nessa aldeia, vivem cerca de 60 indígenas que aguardam a demarcação de suas terras pela Fundação Nacional do Índio (Funai). Ainda na localidade próxima conhecida como aldeia “Araçá” ou “Figueira”, vive outro pequeno grupo Guarani.

A autora ainda cita que sua principal fonte de subsistência é a confecção de artesanato e o cultivo do milho como complemento para seu autoconsumo. Ambas as atividades são realizadas conforme suas tradições culturais. O artesanato produzido é comercializado nas

ruas da cidade, principalmente para turistas. Esses indígenas recebem apoio da Funai e da Fundação Nacional de Saúde (Funasa)<sup>3</sup>.

Embora a presença desses índios seja visível aos olhos dos residentes e turistas, a dimensão de sua história e de sua cultura é freqüentemente desconhecida da maioria da população de São Francisco do Sul.

Hoje estes índios tentam voltar a circular pelo litoral sul com o objetivo de reocupar as terras que foram de seus ancestrais, como acontece com os que ficam aldeados em Laranjeiras e Figueira. A situação em que se encontram expõem claramente as contradições de nossa sociedade, ao buscarem ganhar recursos financeiros vendendo artesanato ou esmolando.

São eles que continuam, de uma forma ou outra, a pretender nos mostrar no dia-a-dia que existem formas alternas de vida social e de sobrevivência humanas que não necessariamente estão baseadas na concentração da riqueza, na exploração agressiva dos recursos da natureza e numa contínua e inglória disputa de “todos contra todos”, como acontece entre nós. São eles, os mais deserdados entre todos os demais, que clamam por justiça e por definições políticas que lhes assegurem, pelo menos, áreas de terra que lhes permitam a sua reprodução biológica e cultural, no cenário de um país que pretende respeitar as diferenças culturais e garantir condições de sobrevivência às minorias étnicas. (SANTOS In: NACKE; REIS; SANTOS, 2004, não paginado)

Além de seus saberes, o que podemos classificar como patrimônio imaterial, os carijós deixaram também, corroborando com S. Thiago (1941, p. 15), traços de sangue indígena na população do município, “aquela que não tem outra origem que não seja a do cruzamento luso-carijó [...]”.

---

<sup>3</sup> Um programa da Funasa mantém agentes de saúde dentro da própria Terra Indígena (TI), o que facilita a identificação imediata de doenças que exijam maior atenção. (WEBER, 2004)

### 1.2.3 A Ocupação Vicentista de São Francisco do Sul

Conforme exposto anteriormente a primeira expedição de europeus que aportou em São Francisco do Sul, foi a de Paulmier de Gonneville, navegador francês, no ano de 1504. Contudo, esta visita não pode ser considerada como o início da ocupação da localidade, pois franceses nada realizaram no que diz respeito à fundação do município.

Segundo Farias (2001), é possível dizer que São Francisco do Sul até pode ser considerada uma das regiões mais antigas visitadas por europeus em território brasileiro e até mesmo a primeira a ser visitada por franceses, porém não seria correto afirmarmos que trata-se da terceira cidade mais antiga do Brasil, pois sua ocupação efetiva só ocorreu anos depois, até então, a ilha serviu de ponto de aguarda e escambo das navegações que se aventuraram na região.

S. Thiago (1941), cita que decorridos cerca de 11 anos da passagem de Gonneville, uma outra expedição chefiada por João Dias de Solis, navegador espanhol, buscando explorar as terras do sul do Brasil, com intuito de encontrar uma passagem para as Molucas, chegou a São Francisco.

Corroborando com Pereira (2004), a região passou a ser freqüentada por espanhóis que procuravam uma passagem para as Índias pelo Sul da América, o que certamente levou Portugal igualmente a querer fincar sua bandeira na região. A indefinição da linha demarcatória de Tordesilhas promoveu movimentações tanto de espanhóis como de portugueses pelas terras do sul.

S. Thiago (2004, In: NACKE, SANTOS; REIS, 2004), afirma que os espanhóis entendiam que a linha terminava em São Vicente, o que determinava toda área dali para o sul como sua propriedade, embora os portugueses a situassem no Rio da Prata. Desta forma, seria necessário que as duas nações chegassem a um acordo que permitisse fixar o ponto onde terminaria ao sul, a linha de demarcação do Tratado de Tordesilhas. Nesse contexto foi que, na segunda década do século XVI entre 1515 e 1519, navegadores espanhóis chegaram ao local e

estenderam-no para a Baía da Babitonga. Assim, o casal Fernando Trejo e Maria de Senabria, e outros espanhóis instalaram-se em São Francisco, fundando, de acordo com S.Thiago (2004, In: NACKE, SANTOS; REIS, 2004),, por volta de 1533, uma povoação.

A fome e as doenças fizeram com que esses primeiros povoadores se retirassem para Assunção, seguindo caminho antes percorrido por D. Álvaro Núñez Cabeza de Vaca<sup>4</sup>.

O domínio espanhol exercido sobre Portugal entre 1580 e 1640 – a “União Ibérica” -, mais o interesse predominante dos espanhóis na procura de metais preciosos no interior do continente diminuíram as iniciativas de povoamento tanto de um lado como de outro.

Pereira (2004, p 40), expõe que

Nenhuma tentativa tinham feito até então os portugueses, no sentido de estender o povoamento do sul do Brasil aquém de Cananéia. Havendo Portugal, anos antes, caído sob o domínio castelhano, permaneceu esse largo trecho de costa até o Rio da Prata no mais completo abandono, à mercê de qualquer outra nação que se aventurasse firmar pé aqui, pois os próprios espanhóis, de certo tempo, deixaram de dar importância ao povoamento do litoral, preocupados com a procura de metais preciosos no interior do continente.

O interesse pelas Costas do Sul tornou-se maior quando Portugal libertou-se do jugo espanhol e iniciou o seu povoamento, conforme exposto anteriormente a partir do litoral, com a fundação de Paranaguá, São Francisco, Desterro e Laguna.

---

<sup>4</sup> D. Álvaro Núñez Cabeza de Vaca foi um dos primeiros exploradores do Novo Mundo e capitão geral da Província do Prata. Em 1541, tomou posse das terras do continente da foz e das margens do Rio Itapocu em nome do Rei da Espanha. Dali Cabeza de Vaca rumou para o interior seguindo pelo Peabiru, caminho pré-colombiano de indígenas que se embrenhava por diversas ramificações. Seguindo pelo Peabiru, desbravou o planalto de Santa Catarina e Paraná, atingindo o Paraguai em março de 1542. (EHLKE, CYRO 1973).



### 1.2.3.1 A Fundação de São Francisco do Sul

Pereira (2004), expõe que em 1642 foi concedida autorização para povoar São Francisco do Sul. Manoel Lourenço de Andrade, natural de Lamego e procurador do Marquês de Cascais, por sua vez sucessor de Pero Lopes de Sousa, sua mulher e filhos, genro além do grande número de agregados e escravos, gadaria, instrumentos agrícolas e ferramentas vieram para a exploração de minas. Manoel Lourenço de Andrade, que chegou em São Francisco por volta de 1658, teve amplos poderes para estabelecer-se no local e repartir as terras com os demais companheiros e com os que fossem chegando. O governo da capitania de São Paulo se interessava pelo povoamento do sul do Brasil e persuadia essa gente a transmigrar para os campos e para a orla litorânea até o Prata, a fim de garantir a posse dessa região que de direito os pertencia e a Espanha pretendia conquistá-la em várias tentativas.

Este se tratava segundo Pereira (2004), de um movimento mais verdadeiramente paulista que português como aconteceu em todo litoral do estado

era o expansionismo bandeirante que se lançava pelo interior do Brasil na conquista de índios que se lançava no interior do Brasil na conquista de índios que se transmuda na do ouro e conseqüente conquista de terras [...] era o deslocamento do domínio rural “com todos os seus elementos”, era “um fragmento do latifúndio”, vindo o cabecilha acompanhado de sua prole, de seus parentes, de seus escravos, de seu gado e de suas ferramentas, sendo ele próprio, “ao mesmo tempo, o patriarca, o legislador, o juiz e o chefe militar”. (PEREIRA, 2004, p 40-41)

Foram, portanto, as “bandeiras de colonização” as responsáveis pela fundação das mais antigas cidades do litoral catarinense. Para S. Thiago (In: KNIE, 2002, p 47),

o estabelecimento de bandeirantes como Manoel Lourenço de Andrade em São Francisco, Dias Velho na Ilha de Santa Catarina e Brito Peixoto em Laguna “indica a existência de uma intenção de domínio rural semelhante àquele que se praticava no nordeste, aliada à necessidade de defender a costa e expandir a ocupação portuguesa para o sul. A partir da fundação de São Francisco do Sul, portanto, tenta-se instalar um regime de propriedade de grandes áreas destinadas a agricultura com mão-de-obra de escravos e agregados.

A população foi se tornando próspera com a indústria de cordoaria, o preparo de peixe seco, a construção de barcos e a cultura de cana-de-açúcar, do algodão e, sobretudo, da mandioca para o fabrico da farinha, cuja exportação era vultosa, fazendo a base de todo o seu comércio. As lavouras tradicionais de exportação, no entanto, não encontraram valor comercial dentro do modelo agrário-exportador, resultando na adoção de um regime de agricultura praticamente de subsistência. Contribuíram para isso as dificuldades encontradas na consolidação da ocupação litorânea pelos vicentistas, o despovoamento espontâneo e abandonos esporádicos em função das guerras fronteiriças que resultavam sempre no recrutamento de pessoas em idade de trabalho. (PEREIRA, 2004)

Supõe-se que o povoado de São Francisco tenha sido reconhecido em 1658 e que a povoação tenha sido elevada à categoria de vila em 1660, já existindo uma igreja matriz. A criação da paróquia, entretanto, data de 1665, com a denominação de Nossa Senhora da Graça. (S. THIAGO, 1941) Nessa época a Vila de São Francisco do Sul abrangia um vasto território, limitada ao norte, pela Barra de Guaratuba e, ao sul, a Enseada das Garoupas. A Freguesia de Nossa Senhora da Graça compreendia o povoado de São Francisco, porém outras freguesias faziam parte do município. Com o passar do tempo, as freguesias foram sendo elevadas à categoria de vilas, fazendo com que o território do município fosse diminuindo em espaço físico e populacional.

O termo da vila de São Francisco pertenceu à jurisdição da Ouvidoria de São Paulo até 1723, passando nesse ano para a jurisdição da Ouvidoria de Paranaguá. Em 1931, passou para a jurisdição de Santa Catarina.

Muitos viajantes passaram pela Província de Santa Catarina e fizeram preciosos relatos sobre vários aspectos da sociedade catarinense. O viajante *Saint-Hilaire* (1978), ao passar por São Francisco do Sul, descreveu-o como um lugar de casas bem conservadas, ruas largas e algumas calçadas, boa água, boas casas de comércio, mas com uma agricultura pouco desenvolvida. A maioria da população era acostumada a alimentar-se com farinha de mandioca e peixe. Plantavam pouco, não havia preocupação dos moradores em expandir as possibilidades e potenciais econômicos do lugar, coisa que não faziam e nem precisavam fazer, segundo o autor.

A ocupação do território francisquense é de base luso-viceintista, e não possui características açoreanas como aconteceu na maior parte do litoral conforme já exposto neste trabalho, porém, assim mesmo sua economia está baseada nas pequenas propriedades agrícolas e produção mercantil.

Progredia assim, lentamente, São Francisco, que em 15 de abril de 1847, foi elevada à categoria de cidade. Desfrutando já a essa época de certa prosperidade agrícola, advinda em grande parte, do trabalho escravo, o município desenvolveu-se muito daí em diante, chegando a possuir grandes propriedades rurais sendo a principal a farinha de mandioca. (S. THIAGO, 1941)

No que diz respeito à diversificação de sua produção uma nova cultura foi introduzida com certa força, a cana-de-açúcar, que abasteceu os inúmeros alambiques da região, e observou-se que a produção de farinha de mandioca teve um importante crescimento. (SILVA, 2004)

A autora completa dizendo que realmente a produção da mandioca era de grande importância para São Francisco, representava 43% do número de engenhos inventariados. As roças de cana e a produção de cachaça representou por volta de 8% dos engenhos, frequentemente citados como alambiques, e pouco mais de 10% das roças cultivadas. Ainda para este mesmo período, os registros de inventários mostraram outras produções agrícolas como o arroz e o milho, porém em quantidade ínfima. Com o passar dos anos houve significativo aumento na produção de cana, porém a produção da mandioca permanecia forte.

A autora demonstra parecer óbvio que a pesca também fazia parte do cotidiano dos moradores de São Francisco. Esta atividade assumia real importância como mais uma opção para o abastecimento dos moradores desta cidade.

Considerando, desta forma, que a região norte da Província de Santa Catarina apresentava uma vasta produção de mandioca, e que o porto de São Francisco do Sul era, nessa

época, o terceiro porto em exportação do produto, é possível dizer que, durante a segunda metade do séc. XIX, a Província de Santa Catarina teve uma significativa representação no mercado nacional, como fornecedor de mandioca. A produção do produto era de grande importância para suprir as necessidades dos grandes centros de forte exportação de gêneros para o exterior, como o Rio de Janeiro. Esses centros se dedicavam aos produtos de forte apelo no mercado internacional, como o açúcar, o fumo e mais tarde o café. De maneira que acabavam não conseguindo suprir a demanda de consumo de sua própria população, resolvendo esse problema através do comércio com outras províncias que dedicavam sua produção para o mercado externo. (SILVA, 2004)

A autora ainda afirma que para desenvolver as culturas agro-exportadoras era preciso um grande contingente de mão-de-obra escrava, conseqüentemente era preciso também abastecer essas localidades com gêneros alimentícios.

Silva (2004), acrescenta que, provavelmente, grande parte da farinha comercializada pela Província Catarinense era produzida em São Francisco do Sul e Joinville, fato que sugere ser esta a atividade que mais envolvia a mão-de-obra escrava na região.

Sendo assim, nota-se que São Francisco demonstrou um forte crescimento econômico para as últimas décadas do século XIX, que o intenso comércio, em especial da farinha de mandioca, resultou numa elevada importância de seu porto para a economia catarinense.

Em se tratando da presença do escravo negro Silva (2004), aponta que, de forma geral, Santa Catarina teve no período colonial e imperial uma economia de abastecimento. Nos primeiros séculos, a economia brasileira, em particular os centros com mercados de exportação contavam com um número expressivo de mão-de-obra escrava. “Em Santa Catarina a escravidão é fato, porém se comparado aos grandes centros exportadores, a proporção faz, grosso modo, diminuir a importância da presença escrava na província”.

Corroborando com a afirmação da autora, pode-se concluir que o município de São Francisco do Sul apresentava pequenos plantéis, e um contingente de escravos, na sua

maioria crioulos. Principalmente, na década de 1850 percebeu-se um relativo crescimento da população escrava.

Pereira (2006), aponta que em virtude da abertura de uma estrada de ferro de ligação do Porto com a região norte de Santa Catarina, por volta de 1873 este passa a escoar além da produção estadual também a do sul do Paraná. Começa aí uma fase de prosperidade, com a implantação, de uma série de companhias importadoras, exportadoras, e armazéns de estocagem.

Em 1883, o movimento abolicionista encontrava-se em plena efervescência no Brasil, e segundo S. Thiago (1941), em São Francisco, desprezando interesses materiais, muitos senhores de escravos concederam liberdade aos negros sem lhes exigirem indenização. Na data de 13 de maio de 1888, grande número de antigos escravos há muito desfrutavam da liberdade. Isso fez com que o município entrasse em decadência, extinguindo-se as propriedades agrícolas e depreciando o comércio.

Os navios a vela foram sendo vendidos para outras praças e que acabou por arrastar a cidade a uma existência rotineira, utilizando inadequadamente o excelente porto que possui. Tal situação perdurou até 1905, quando iniciou-se os trabalhos de construção do ramal férreo São Francisco - Porto União, que poria o município em comunicação com a linha São Paulo - Rio Grande, e por meio desta, com o sistema ferroviário do sul e centro do Brasil, abrindo assim, conforme expõe Pereira (2006), novas perspectivas para o comércio, principalmente de erva-mate e madeiras vindos do Planalto de Canoinhas. Nesta época é marcante a diversificação nas atividades produtivas e comerciais na cidade e com abertura de engenhos, olarias, curtumes e pequenas fábricas, etc.

Para S. Thiago (1941), deve-se este influxo inovador também à mudança do regime político, pois as características centralizadoras da monarquia tornavam rotineira a vida dos municípios. O movimento republicano contou em São Francisco com entusiastas defensores, que se destacam pela sua cultura e elevação moral.

O término da linha férrea se deu em 1910 e de acordo com S. Thiago (1941), seu funcionamento trouxe um novo tipo de prosperidade local, diferente daquele que lhe dera o trabalho agrícola, porque a vida econômica do município se deslocou das terras férteis para a vasta e profunda Baía da Babitonga, até então pouco aproveitada.

Com a decadência do setor agrícola os senhores de escravos começaram a aplicar-se aos serviços ferroviários e do porto, que se tornava cada vez mais movimentado.

Nestes anos e nos anos seguintes novos povoadores foram se fixando na região, aumentando progressivamente a população. No entanto, em 1900 o município sofreu uma forte redução populacional devido a desmembramentos territoriais.

Pertenciam ao município de São Francisco, e paulatinamente foram dele desmembradas, as terras onde hoje estão os municípios de Itapoá, Garuva, Balneário Barra do Sul, Araquari e Joinville que, compondo o entorno da Babitonga, contribuíram na construção da sua história a partir do século XVI.

No que diz respeito à origem do povoamento do município, S. Thiago (1941), prioriza os elementos étnicos tupi-guarani e lusitano, entrando a raça negra com um pequeno contingente na formação das populações rurais. “Dos primeiros exploradores – franceses e espanhóis – nenhum traço resta no amálgama racial deste município”. (S. THIAGO, 1941, p 22)

Ainda de acordo com o autor, a evolução social se processou de conformidade com os costumes europeus, conservados resquícios de hábitos e práticas indígenas no preparo de alguns alimentos, secagem de peixe, processos de lavoura. Do africano resta um ou outro tipo de herança cultural como o “Boi”, as lendas e historietas. O elemento germânico trouxe notável contingente ao progresso econômico do município.

## 1.4 Falanstério do Saí

Na parte continental do Município de São Francisco do Sul, encontra-se o Distrito do Saí, o qual é formado atualmente pelas localidades de Torno dos Pintos, Estaleiro e Vila da Glória. É uma região de grande beleza natural, oferecendo aos turistas que por lá passam, passeios aos recantos de beleza ímpar.

No século XIX, o desencantamento com os ideais da Revolução Francesa revigorou o pensamento utópico. O crescimento da industrialização, em bases capitalistas, criou uma massa de trabalhadores pobre e explorada - o proletariado. Face ao aumento da riqueza entre os capitalistas e da miséria do proletariado, expandiram-se as idéias socialistas, como um instrumento de crítica social e de luta política, propondo o estabelecimento de uma nova sociedade que suprimisse as desigualdades entre os homens.

De acordo com Coulon; Pedro (1995), os primeiros pensadores socialistas eram na sua maioria franceses e desenvolveram suas idéias no período entre a Revolução Francesa de 1789 e as Revoluções de 1848. Entre eles, podemos destacar: Saint Simon (1760/1825), Charles Fourier (1772/1834), Robert Owen (1771/1858) Pierre-Joseph Proudhon (1809/1865) e Louis Blanc (1811/1882). Suas propostas encerravam uma concepção messiânica de política, por este motivo criticadas e denominadas por Marx e Engels de socialismo utópico.

De acordo com S. Thiago (1995, p. 25),

para o pensador francês Fourier, a chave da história não era, como definiu Marx, o conhecimento dos puros fenômenos materiais, das profundidades da economia, das relações dos homens no trabalho e sim o desvendamento da vida afetiva dos grupos, havendo uma correspondência entre o mundo planetário e o mundo social: o movimento que impulsiona os planetas, assim como os homens, é o amor, a atração passional.

Em síntese, PHG (não paginado), afirma que o "socialismo utópico" pode ser definido como

um conjunto de idéias que se caracterizaram pela crítica ao capitalismo, muitas vezes ingênua e inconsistente, buscando, ao mesmo tempo, a igualdade entre os indivíduos. Em linhas gerais, combate-se a propriedade privada dos meios de produção como única alternativa para se atingir tal fim. A ausência de fundamentação científica é o traço determinante dessas idéias.

Esses filósofos acreditavam que poderiam transformar a sociedade capitalista, eliminando o individualismo, a competição, a propriedade individual e os lucros excessivos, responsáveis pelas desigualdades e miséria dos trabalhadores, através da compreensão e da boa vontade da burguesia. Consideravam que, do ponto de vista da razão (base do pensamento filosófico da burguesia), nada poderia existir de mais racional e justo do que uma sociedade fraterna, igualitária e livre da pobreza. Portanto, a burguesia seria capaz, por si só e em nome da razão, de criar o bem estar geral. (COULON; PEDRO, 1995)

Para concretizar suas idéias, os primeiros socialistas propuseram e tentaram a fundação de comunidades-modelo. Foi baseando-se nessa concepção que Fourier idealizou o “falanstério”. Conforme aponta S. Thiago (1995), o falanstério se trata de uma habitação coletiva que abrigaria um mundo no qual a harmonia garantiria o bem-estar, a justiça e a liberdade entre seus habitantes. Essa palavra foi criada por Fourier, para definir a moradia coletiva tal como ele a havia concebido, e significa a junção das palavras “falange e ”monastério” , sendo as pessoas que nele habitassem organizadas em falanges. Cada falange seria composta de 1.620 pessoas, sendo 810 homens e 810 mulheres, e divididas em séries. A série deveria ser dividida em grupos, segundo o número de trabalhos a realizar e as atrações “passionais dos falansterianos”.

Em busca dessas ideologias, registrou-se a vinda de muitos de europeus para o Brasil. Entre estes, destaca-se Benoit Jules Mure, francês formado em medicina pela Universidade de Paris, que por algum tempo dedicara-se à propagação da homeopatia na França, na época uma novidade terapêutica.

Segundo Santos; Nacke; Reis (2004), em janeiro de 1842, cerca de 217 franceses, liderados por Mure, se aventuraram na travessia do Atlântico rumo ao Brasil. Seu destino era um ponto a frente da Ilha de São Francisco, a Península do Saí. Em novembro do



mesmo ano 117 pessoas completaram o número de franceses que efetivamente participaram da experiência. Pretendiam criar um novo mundo, inspirados nas idéias de Charles Fourier, principalmente naquelas que diziam respeito à organização do trabalho. Por meio de um sistema econômico baseado na livre associação, tentariam implantar um sistema coletivista.

[...] o médico Benoit Jules Mure dava no sul do Brasil, em Santa Catarina, os primeiros passos para instalar um falanstério. Trazia consigo um projeto amadurecido na França de criação duma comunidade falansteriana, tendo por base as idéias de Fourier [...] (GONÇALVES, 2004, p. 9)

De acordo com Oliveira (2004), a intenção do Drº Benoit era fabricar vários tipos de máquinas a vapor. Entretanto, o material fabricado no Saí não teve saída, e os pedidos foram sendo cancelados. A solução encontrada foi investir na agricultura, mas esse não era o ramo dos membros da sociedade.

O Falanstério foi, segundo Nacke; Santos; Reis (2004, não paginado) composto por agricultores, arquitetos, alfaiates, contadores, cozinheiros, carvoeiros, chapeleiros, carpinteiros, coloristas, dentistas, médicos, que compunham uma lista extensa de profissões mais propensas à vida urbana.

O domínio de um espaço praticamente virgem de “civilização” era o enorme desafio que teriam pela frente. Mas indefinições quanto à organização, administração e legislação da colônia provocaram desde os primeiros dias sérias desavenças entre o Drº Mure e outras lideranças envolvendo também os colonos. (NACKE; SANTOS; REIS, 2004, não paginado)

Segundo Gonçalves (2004), problemas resultantes de divergências pessoais e políticas entre Mure e seu companheiro Derrion, provocaram uma divisão entre os franceses originando a criação de duas colônias: a do Saí e a do Palmital. As duas colônias logo se viram confrontadas com as adversidades na realização societária, já comprometida face às ambigüidades entre o projeto original e a realidade vivida.

O apoio prometido pelo governo foi limitado, a localização inadequada, a utilização de mão-de-obra local trazendo novos problemas de relacionamento, tendo os utopistas franceses que lutar para sobreviver no meio da Mata Atlântica, em condições difíceis e desconhecidas, uma situação agravada pelo fato de serem na sua totalidade operários e artistas provindos do mundo urbano. Todas estas dificuldades levaram a que muitos dos franceses que vinham com destino à comunidade, acabassem ficando no Rio de Janeiro, não chegando integrar a experiência [...] (GONÇALVES, 2004, p.10)

Não é possível afirmar ao certo quantas pessoas fizeram parte das colônias, embora Mure tenha afirmado em 1844, que trouxera quinhentos operários para o Brasil.

Em meados de 1843, Mure deixava a colônia para morar no Rio de Janeiro, deixando a liderança dos dois grupos com Jamain e Derion. A frustração de seu projeto comunitário não diminuiu sua crença no fourierismo, mantendo no Rio de Janeiro, uma grande atividade de divulgação de idéias.

As obras na colônia acabaram se distanciando do projeto inicial, mas algumas realizações constavam a vontade e a perseverança dos franceses realmente interessados em fazer daquele lugar um espaço tal qual haviam projetado.

O Falanstério começou a entrar em decadência. S. Thiago (1995, p. 137), aponta que muitas casas estavam abandonadas, certamente em virtude da dispersão dos seus companheiros.

Os franceses que àquela altura ainda permaneciam no Sai e no Palmital mantinham em comum uma roça de cana, e outra de feijão e milho, além do terreno onde haviam semeado três alqueires de arroz, Havia, também, nesse terreno um pasto cercado e uma horta. Arados e equipados haviam sido fabricados para o transporte de madeira até a serraria, que se encontrava em pleno funcionamento.

Ao findar de 1844, permaneciam no Saí apenas 24 pessoas. Em 29 de agosto de 1847, um ofício de Joaquim de Oliveira Cercal, de São Francisco, dirigindo-se ao presidente da província, referia-se à extinta Colônia do Saí, na qual restava apenas um estabelecimento de madeira.

Houve no Paraná experiência semelhante quando, de acordo com Chaves (2001), em 1890 zarparam em Gênova cerca de 150 anarquistas italianos. Chegando ao planalto dos Campos Gerais, instalaram-se no que seria o núcleo Cecília. Vieram precedidos de vocações profissionais e se depararam com um fato real: o milho, produto ideal para cultivo naquelas circunstâncias, não nasce da noite para o dia. No começo, tiveram condições de subsistirem e laborarem a terra graças ao dinheiro que trouxeram, aos investimentos de trabalho que adquiriram e à compra de sementes e mantimentos. No entanto, viram-se obrigados, mais tarde, a procurar tarefas que lhes proporcionassem o sustento até que pudessem viver tão somente das atividades do núcleo. Depois de diversos infortúnios, o núcleo foi aos poucos abandonado.

O mesmo autor afirma ainda que a Colônia Santa Cecília não foi um fracasso, pois se, materialmente, não alcançou tudo o que se exige de um aglomerado social, serviu pela ação doutrinária e pelo trabalho de seus membros para consolidar valores. “Afirma-se, antes nas idéias germinadas, na tradição operária de lutas que criou e estimulou. Seus líderes não foram poucos, e cada anarquista deu sua contribuição efetiva ao movimento operário do Paraná, no fim do século”.(CHAVES, 2001, não paginado)

A Colônia Industrial Francesa, regada pelos rios Saí-Guaçu e Saí-Mirim, deveria se transformar numa metrópole de renovação social, capaz de resolver a crise das nações superlotadas da Europa e provar que o homem, melhor orientado, poderia refazer-se em uma sociedade feliz e mais perfeita. Mesmo de curta duração, verifica-se grande importância sócio-histórica às comunidades do Saí e Palmital. “[...] sua vida em comunidade não se traduziu em um rotundo e imediato fracasso, e foi o falanstério cujos estatutos mais se aproximaram dos sonhos de Fourier, e o que durou mais tempo [...]”. (ABRAMSON apud GONÇALVES, 2004, p. 11)

Toda a formação sócio-espacial de São Francisco do Sul exposta neste capítulo, bem como os períodos econômicos por quais o município passou, possuem grande influência na atualidade do município e na formação de seu patrimônio histórico e cultural, que serão respectivamente discutidos nos capítulos 2 e 3.

## 2 SÃO FRANCISCO DO SUL NA ATUALIDADE

Para um melhor desenvolvimento deste trabalho verifica-se a necessidade de analisar seu objeto de estudo nos dias atuais e apresentar as condições sócio-espaciais que lhes foram deixadas diante de seu processo de ocupação, bem como suas fontes econômicas e potencialidades.

A população de São Francisco do Sul alcançou, no ano de 2005 (censo IBGE), o total de 37.725 pessoas, sendo 93% na área urbana e 7% na área rural.

Segundo Nacke (In: SANTOS; NACKE ;REIS, 2004), pode-se dizer que a qualidade de vida dos moradores locais é bastante razoável. Em sua maioria vivem em casas próprias e contam ainda com a boa qualidade do ar, da água e do meio ambiente. Parte da população tem acesso a recursos da natureza através do exercício da pesca artesanal e da coleta de moluscos.

Por outro lado, dados expostos na Agenda 21 do município asseguram que ao considerarmos os cálculos do Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA), em 2000, o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do município era de 0,820, o que situava na 55ª posição no Estado (tabela 2). Já em 1991, este índice era de 0,752, o que demonstra uma ligeira modificação para mais nos itens como longevidade (expectativa de vida ao nascer), renda (produto interno per capita) e educação (taxa de alfabetização e taxa de matrículas), que são os três componentes considerados no cálculo do IDH. O IDH do município melhorou ao longo da última década, situando-se aproximadamente na média do Estado de Santa Catarina. No entanto, na comparação com os outros municípios do estado, passou da posição 34 para a posição 55, o que revela que outros municípios melhoraram mais rapidamente o seu IDH do que São Francisco.

<b>Discriminação</b>	<b>1991</b>	<b>Posição</b>	<b>2000</b>	<b>Posição</b>
Santa Catarina	0,748	5° no Brasil	0,8222	4° no Brasil
São Francisco do Sul	0,752	34° em SC	0,820	55° em SC

**Tabela 2 – IDH de Santa Catarina e São Francisco do Sul**

Fonte: Agenda 21 São Francisco do Sul

Ainda considerando os dados do IPEA, afirma-se que aproximadamente 15% do total da população não dispõe de renda financeira suficiente, situando-se abaixo da linha de pobreza<sup>5</sup>. Este percentual é superior ao apresentado tanto pela região geográfica em que se insere o município quanto pelo Estado, o que na visão de Nacke (In: SANTOS;NACKE;REIS, 2004), tem demandado do poder público iniciativas mais agressivas nas áreas de habitação, saúde, saneamento, educação e geração de empregos.

## **2.1 Saneamento Ambiental**

O Saneamento Ambiental compreende o abastecimento de água, tratamento de esgoto doméstico e destinação de resíduos sólidos domésticos (lixo).

### **2.1.1 Abastecimento Público de Água**

Em São Francisco do Sul, o tratamento e distribuição de água potável está sob a responsabilidade do Serviço Autônomo Municipal de Água e Esgoto – SAMAE, assistido tecnicamente pela Fundação Nacional de Saúde – FNS. Recentemente a Companhia de Águas e

---

<sup>5</sup> Linha de pobreza é o termo utilizado para descrever o nível de renda anual com o qual uma pessoa ou uma família não possui condições de obter todos os recursos necessários para viver.

Saneamento de Santa Catarina - CASAN, começou a atuar no município através do fornecimento de água, captada dos mananciais da Vila da Glória, para a empresa Vega do Sul.

Segundo a Agenda 21, até o ano de 1995 eram tratadas pelo SAMAE as águas de três rios (Rio Laranjeira, Rio Olaria e Rio Cardoso), suficientes para suprir as necessidades da população moradora do centro da cidade. Para que os balneários pudessem usufruir de água potável, foi necessário adicionar mais dois mananciais – o Rio Alegre, na Vila da Glória, e em 2002 o rio da Rita, também na Vila da Glória.

Com o aumento de volume de água a ser tratada a Estação de Tratamento de Água (ETA) do SAMAE sofreu uma reforma que resultou no melhor atendimento à população. Atualmente cerca de 85% da população do município é abastecida de água tratada, não sendo atendidos os bairros de Miranda, Ervino, Gamboa, Tapera e Ribeira.

Deve-se atentar para o fato que a sazonalidade da demanda turística nos balneários é um aspecto peculiar da questão do abastecimento de água, visto que estes chegam a triplicar o número de habitantes no período de veraneio. Isto implica na necessidade de instalação de uma capacidade de oferta muito acima da demanda regular da população.

### **2.1.2 Tratamento de Esgoto Doméstico**

São Francisco do Sul é desprovida de tratamento de esgoto doméstico, o que resulta na destinação do esgoto “in natura” para a Baía da Babitonga e praias. Fossas sépticas, de diferentes padrões, é o que mais se utiliza na cidade, mas encontra-se com frequência esgoto correndo a céu aberto. O esgoto de São Francisco do Sul é o principal responsável pela poluição das praias dentro da baía.

### **2.1.3 Destinação de Resíduos Sólidos Domésticos (lixo)**

O resíduo sólido doméstico é coletado em cerca de 95% das residências de São Francisco do Sul. Todo esse resíduo é destinado a um aterro sanitário adequado na cidade de Brusque. O lixo hospitalar é depositado em aterro sanitário em Joinville. O antigo lixão foi parcialmente recuperado e atualmente não recebe lixo oriundo da cidade. O lixo industrial é destinado a aterro industrial.

Existe em São Francisco uma associação de catadores, a AECAR – Associação Ecológica dos Catadores/Recicladores de São Francisco do Sul. A associação possui de 15 a 20 associados que coletam um volume em torno de dois caminhões baú por dia.

## **2.2 Educação**

Referente a educação, a população de São Francisco tem atendidas suas necessidades por três redes de ensino: municipal, estadual e privada.

A rede municipal conta com 18 estabelecimentos, dos quais 8 são escolas básicas, que atendem do Pré-Escolar à 8ª série, e as demais oferecem até a 4ª série. Estas unidades atendem 3.467 alunos, contando inclusive com aqueles que freqüentam o Pré-Escolar. Possui ainda 18 centros voltados à Educação Infantil, atendendo um total de 1.000 crianças. Há também no município uma escola indígena com 37 alunos, mantida através de um convênio entre a Prefeitura e a Fundação Nacional do Índio.

A rede estadual conta com 4 estabelecimentos de ensino, pertencendo 2 deles a confissões religiosas. O mais tradicional oferece classes de ensino do Pré-Escolar ao Ensino Médio e profissionalizante, atendendo um total de 502 alunos. O segundo com classes da Pré-

Escola ao Ensino Médio, atendendo 361 estudantes. Os outros dois centros educacionais são destinados a crianças entre 0 e 6 anos.

No que se refere ao Ensino Superior, a Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc) tem oferecido cursos na área de Pedagogia através da rede de ensino a distância. Além disso, cerca de 200 jovens deslocam-se diariamente para Joinville, onde freqüentam diferentes cursos em diversos estabelecimentos de Ensino Superior que existem na cidade.

A taxa de alfabetização alcançou, conforme censo de 2000, 91,7 % da população total.

### **2.3 Saúde**

Atentando-se a serviços voltados à saúde, o município oferece uma infraestrutura considerada boa para atendimentos primários e de prevenção. Há uma Unidade de Pronto Atendimento na sede municipal e outra na Praia de Enseada; 18 Postos de Saúde distribuídos pelos bairros e distrito; um Pólo de Referência Microrregional, um Centro de Recuperação e Reabilitação da Saúde da Criança; um Centro de Prevenção e Atenção à Saúde, e uma Farmácia Básica que fornece gratuitamente medicamento à população.

Conta-se ainda com o Programa Municipal de Combate à Dengue; o Programa de Imunização e o Programa Saúde Família, além dos programas preventivos: Combate a Hanseníase, Tuberculose, Hipertensão Arterial e Diabetes Melitus e Prevenção das Doenças Sexualmente Transmissíveis.

Porém, esta infra-estrutura e pessoal não tem sido suficiente para garantir o atendimento integral à saúde da população. O hospital existente na cidade, que há mais de um século atende às necessidades da população baseado na tradição das “casas de caridade” mantidas por irmandades religiosas, não conseguiu acompanhar a modernização do setor. As limitações



impostas pelo Sistema Unificado de Saúde (SUS) e a falta de recursos financeiros deixaram a unidade hospitalar sem condições de atendimentos mais sofisticados. Em decorrência destes fatores, a população tem que recorrer às unidades de saúde públicas ou privadas existentes nas cidades-pólo mais próximas.

## **2.4 Economia**

O município de São Francisco passou, até o século XX, por várias fases de prosperidade, recesso e dependências políticas.

Atualmente o município possui, segundo Oliveira (2004), 760 empresas comerciais, 309 empresas prestadoras de serviços e 125 indústrias. Seus principais produtos são alimentos, madeira/mobiliário, plástico, metal-mecânico, metalurgia e material de transporte. Dentre as grandes empresas podemos destacar a Petrobrás Transporte, empresa especializada no transporte de petróleo e seus derivados e a Vega do Sul, indústria de transformação de aço.

A economia região gira em torno do Porto responsável por aproximadamente 70% a 80% da renda total do município, bem como pela maior parte dos salários da cidade. O turismo, também em destaque, participa com cerca de 15 %, enquanto outros setores da economia têm pouca expressão. Por outro lado, as atividades ligadas à agricultura, à pesca artesanal, ao cultivo de mexilhões e ostras e à coleta e a reciclagem do lixo no centro histórico ou nas praias, embora representem uma parcela pouco significativa da receita municipal, são fundamentais na subsistência de parte das famílias residentes no município. (NACKE In: SANTOS; NACKE; REIS, 2004)

A agricultura, em tempos idos tão importante na Ilha, hoje é desenvolvida apenas por pequena parcela da população. O modelo de produção é familiar, geralmente

associado com a criação de gado (carne/leite), suínos, aves e ovinos. A pesca artesanal continua gerando renda para parcela significativa da população local.

### **2.4.1 Porto**

O porto de São Francisco do Sul que serviu de acesso aos imigrantes que colonizaram toda a região, atualmente é considerado, conforme citado anteriormente, o maior gerador de renda e empregos do município. É o quinto porto brasileiro em movimentação de *containers*, situando-se no atual Centro Histórico.

Segundo dados da Agenda 21 de São Francisco, em 1905 deu-se início à construção do ramal ferroviário entre São Francisco e Porto União, ligando às áreas produtoras de erva mate e madeira. Nas primeiras décadas do século XX, um conjunto incipiente de pequenos atracadouros privados que margeavam a cidade, como os trapiches Hoepke e Santista, localizados na área onde está hoje o Museu Nacional do Mar, e o trapiche do Loyd brasileiro, que se localizava ao lado da atual capitania dos portos, anteviam o que iria se constituir no porto organizado como hoje.

Os pequenos atracadouros já se ressentiam da limitação de áreas de armazenagem, sendo comum a utilização das vias de acesso como depósito. Também, desde esta época, o tráfego incessante de carroças entre a estação ferroviária e os atracadouros já interferiam no cotidiano da cidade, que crescia na mesma proporção da atividade portuária. Logo a cidade passou a ressentir-se da limitação de suas instalações portuárias, incapazes de receber vapores de maior porte e calado. Houve duas tentativas frustradas de construção de um novo porto, uma em 1912, com a permissão concedida à Companhia de Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande para construir no saco do Lombo; e outra em 1922, quando a União contratou o governo de Santa Catarina para a construção das instalações portuárias, projeto que também não sofreu continuidade. (AGENDA 21)

Somente em 1955 foi inaugurado o novo Porto de São Francisco do Sul. A concessão para sua construção havia sido outorgada, em 1941, ao estado de Santa Catarina, mas apenas em 1945 foram iniciadas as obras, que demoraram 10 anos para serem concluídas.



**Figura 5 – Vista Aérea do Porto de São Francisco do Sul**

Fonte: <http://www.belasantacatarina/saofranciscodosul/>

O Porto de São Francisco do Sul opera como nó em trama de fluxos de transportes e comunicações há muito tempo. Segundo Lins (In: SANTOS;NACKE;REIS, 2004), historiadores catarinenses interessados no nordeste de Santa Catarina registraram a presença de consideráveis funções portuárias em São Francisco do Sul, desde, pelo menos o século XVII. Para o autor, os motivos eram, como continuam a ser, as privilegiadas condições de atracação da baía da Babetonga, cujos aspectos de profundidade, acesso e espaço para evolução favorecem o tráfego de embarcações de grande calado e conferem à área o atributo de melhor porto natural do Brasil. Entende-se dessa forma o fato de que no passado São Francisco do Sul e seu porto tenham servido quer de entrada para gerações de imigrantes, insumos e equipamentos, quer de plataforma de escoamento para produtos como madeira e farinha de mandioca, figurando com destaque na trajetória econômica da região.

Lins (In: SANTOS; NACKE; REIS, 2004, não paginado) afirma ainda que a evolução do porto francisquense é indissociável dos serviços ferroviários aos quais as suas instalações se encontram desde o início vinculadas.

Inaugurada no começo do século XX, a Estação Ferroviária de São Francisco do Sul sempre representou o último destino terrestre dos produtos canalizados para embarque. Assim, historicamente, Porto e ferrovia apresentam-se numa simbiose que dura até a atualidade, pois é pela segunda que continuam a chegar, para carregamento com ou sem processamento prévio, os grãos provenientes de Santa Catarina, Paraná e outros lugares. Isso ocorre porque o terminal ferroviário permite ligação de São Francisco com o município de Mafra, no norte catarinense, ponto em que aquele ramal se conecta à malha do País.

No ano de 1950 foi criada a autarquia Administração do Porto de São Francisco do Sul (APSF), por concessão do governo estadual para exploração das funções portuárias até 2011. Devido a isto o porto se expandiu e houve conforme aponta Lins (In: SANTOS; NACKE; REIS, 2004) uma melhoria das suas condições de funcionamento.

O autor citando as melhorias especifica que na década de 1970, dois terminais foram instalados – Petrobrás e Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola de Santa Catarina (Cidasc) – hoje abrigando dois armazéns graneleiros e cinco tanques para óleos vegetais, além de instrumentos de recepção e expedição. Nos anos 80, ampliações foram efetuadas em resposta à intensificação do movimento portuário, traduzindo-se em compras de novos equipamentos e em construção de pátio de 16 mil m<sup>2</sup> para *containers*. Essas iniciativas foram amparadas por recursos públicos e representaram os primeiros contornos da situação atual, em que esse porto sobressai pela movimentação de *containers*.

Na década de 1990 as mudanças ocorridas seguiram, em boa parte, a proposta de modernização portuária no Brasil contida na Lei nº 8.630 de 25/02/1993. Entre estas mudanças encontram-se abertura para terminais privados, estimulando a concorrência entre os serviços; atualização de instalações e equipamentos, para o que se contemplava mobilizar a iniciativa privada e; mudanças nas formas de utilização da mão-de-obra, quebrando monopólios sindicais. (LINS In: SANTOS;NACKE;REIS, 2004)

No mesmo diapasão, cresceu o espaço sob controle no Porto francisquense. Basicamente duas empresas sustentaram esse processo: a Bunge Alimentos S.A. e a Terlogs Terminal Marítimo Ltda., iniciativa conjunta da ALL – América Latina Logística e da SOGO –

SouthOcean Grãos e Óleos. Essas empresas têm investido consideravelmente, dotando o porto de equipamentos de última geração. Há também os investimentos das empresas provadas como a Vega do Sul, a Cargo Link , a Rocha Top Terminais e Operadores Portuários Ltda. E o Terminal Babitonga, além dos investimentos recebidos pela própria APSFS.

Trata-se de um porto eminentemente exportador, e sua importância como corredor de exportações é sugerida pelo fato de, em 2002, terem passado pelas instalações quase 2/3 do montante enviado por Santa Catarina ao exterior e 3,4% da quantidade remetida pelo Brasil. Em 2003, ocupou o 7º lugar no país quanto ao volume de exportações.

Entretanto, esses dados não devem fazer pensar que as condições existentes são plenamente satisfatórias. Deve-se atentar para existência de vários problemas e manifestações que quando atendidos, contribuirão ainda mais para o sucesso do porto.

Mesmo com todos os problemas, o porto move a economia do município, pelas vantagens locacionais que representa, contribui para vitalizar a economia regional. É considerado como o principal empregador do município, e também responsável por 80% da renda local direta ou indiretamente.

No entanto, apesar de toda sua expressão econômica não se pode alienar todo aspecto cultural que envolve o porto. Ele foi, antes de tudo um ponto de encontro entre diferentes culturas, desde que, no século XVI, europeus ali aportaram. Desembarcaram nesse porto os franceses guiados pelo socialismo utópico na primeira metade do século XIX. Nove anos depois , no contexto da grande onda imigratória, chegaram ao mesmo porto milhares de imigrantes europeus, alemães, suíços, dinamarqueses entre outros, buscando uma vida melhor no novo mundo tinham a intenção de fundar uma colônia destinada a transformar-se na mais promissora cidade do Estado de Santa Catarina. A Colônia era a Dona Francisca, fundada em 1851, atual cidade de Joinville. A cidade de São Francisco foi, provavelmente, a primeira paisagem brasileira para a maioria desses imigrantes.

Nacke (In: SANTOS; NACKE; REIS, 2004, não paginado), cita que “a aceleração da economia, e do ritmo da vida globalizada e consumista já não permite o clima romântico que pairava no Porto dos primeiros anos do século passado”. Por mais de cinquenta anos a cidade esteve animada pelas atividades portuárias.

Os apitos de navios chegando ou saindo, a movimentação dos práticos, o sotaque “portenho”, ou ainda os sons estranhos de outros idiomas estrangeiros se confundiam com as paixões amorosas freqüentes num local de chegada, mas também de partida. Muitas vezes, um embarcado ficava na cidade ou partia, após ter seduzido ou ter sido seduzido por uma jovem da cidade. Correm na tradição oral inúmeras histórias desses amores, eivadas de romantismo ou tragédia. [...] Mas um porto possui também sua face sombria. As doenças do mundo encontraram ali, como em todos os portos, uma entrada para instalar-se em terra. Chegavam em navios que exibiam bandeira amarela, anunciando doentes a bordo. Na cidade, o pavor era geral, porque as doenças adquiridas pelos moradores, através do contato com tripulantes e passageiros que transitavam pelo Porto, quase dizimaram a população francisquense a partir de 1806. (SEIBEL, 2004, p 201)

Pode-se dizer que a história de São Francisco do Sul confunde-se com a história do seu porto. Antes da ligação com o continente, por ali chegaram portugueses, espanhóis, árabes, alemães, nórdicos e tantos outros que, misturados aos Carijós e africanos, formaram o povo francisquense e suas peculiaridades.

#### **2.4.2 Turismo**

Conforme exposto, a atividade turística se constitui no segundo segmento da economia francisquense em importância para o município. Desta forma, o turismo também contribui para transformações sócio-espaciais do município para atender o fluxo turístico que triplica na alta temporada, devido aos turistas que estão em busca das praias e balneários.

O desenvolvimento da atividade despontou na região nas décadas de 1970 e 1980, não diferente das demais localidades litorâneas do Estado de Santa Catarina. A ocupação dos veranistas iniciou um processo de transferência das terras de pescadores e agricultores para

os novos moradores. Gradativamente abriram-se perspectivas para o incremento do turismo de sol e praia que hoje movimentam a economia do município nos meses de verão.

O órgão municipal responsável pelo desenvolvimento da atividade é a Secretaria de Turismo e Lazer, que desempenha atividades de representação política do turismo da cidade, organização das políticas locais para o turismo, divulgação, atração de eventos e estímulo às práticas cooperativas. De acordo com Costa (2005), sua missão consiste em: “promover, dinamizar, consolidar e desenvolver o turismo francisquense buscando junto à iniciativa privada o apoio, a vocação turística da cidade que é o Turismo Cultural”.

Não existem associações para trabalhar exclusivamente com o turismo. Costa (2005), afirma que, apesar de não haver organizações da sociedade civil que se voltem para o tema, foram identificados atores sociais que pertencem ao escopo dessa pesquisa. A autora cita ainda como exemplos, a Associação Comercial e de Indústrias de São Francisco (ACISFS), Associação de Micro e Pequenas Empresas (AMPE), e a Associação de Artesãos e Artistas de São Francisco do Sul (AFAA).

A ACISFS tem como principais atividades voltadas ao turismo o treinamento, a representação política, incentivo às práticas cooperativas, prestação de assessoria de imprensa, jurídica, de serviços de informação e pesquisa, além da captação de eventos. Já no caso da Associação de Micro e Pequenas Empresas sua atuação abrange ações voltadas à defesa das micro e pequenas empresas e melhorias nos processos, produtividade e competitividade de seus associados, sendo que destes 70%, mantêm vínculo com a atividade turística do município. Por sua vez a AFAA possui atividades ligadas a venda de artesanato na loja do mercado municipal e participação em eventos. (COSTA, 2005)

O município de São Francisco do Sul possui inventariado 12 hotéis, 28 pousadas e 5 *campings* com capacidade para atender 6.856 pessoas simultaneamente, além de 35 negócios de alimentação. Os hotéis, em sua grande maioria (cerca de 73%), estão localizados nos balneários e apenas alguns no centro histórico, podendo ser considerados simples. Apenas 3

hotéis são classificados com estrelas, sendo 2 com 2 estrelas e um com 3 estrelas. (COSTA, 2005)

No balneário de Paulas encontra-se o Bristol Multy Villa Real Hotel, que trata-se de uma categoria superior de hotéis da rede hoteleira Bristol de Hotéis & Resorts, que oferece serviços múltiplos para atender os hóspedes.

A tabela 3 mostra que São Francisco do Sul recebeu em 2006 cerca de 86.190 mil turistas, tendo diminuído seu fluxo se comparado com os dois anos antecedentes. Acredita-se que essa diminuição no fluxo possa estar acontecendo devido à alguns problemas relacionados à infra-estrutura turística e de apoio, que serão citados no fim do capítulo, e também devido ao fato do principal atrativo procurado pelos turistas ser as praias, o que faz com que haja muitos concorrentes diretos, já que nosso país possui belíssimas riquezas naturais, fator que contribui para demonstrar a importância de um roteiro cultural como alternativa para o turismo em São Francisco.

<b>Origem</b>	<b>2004</b>	<b>2005</b>	<b>2006</b>
Nacionais	122.110	98.960	85.023
Estrangeiros	4.657	2.269	1.167
<b>Total</b>	<b>126.767</b>	<b>101.229</b>	<b>86.190</b>

**Tabela 3 – Movimento Estimado de Turistas**  
Fonte: SANTUR/GERÊNCIA DE PLANEJAMENTO

De acordo com a tabela 4 (SANTUR, 2006), verifica-se que, o turismo de “sol e praia” ainda é o de maior expressão, ficando o interesse pelo patrimônio cultural, no centro histórico em segundo lugar. Estes dados reforçam o objetivo deste trabalho, visto que o centro histórico necessita de um aspecto diferencial para buscar maior número de visitantes e também por que a ênfase no turismo de sol e praia, por ser caracterizado pela sazonalidade, acarreta pressão sobre a infra-estrutura nesta época e ociosidade no restante do ano.



<b>Atrativos</b>	<b>2004</b>	<b>2005</b>	<b>2006</b>
Atrativos Naturais	69,87%	67,20%	71,00%
Atrativos hist/cult.	13,56%	15,84%	12,28%
Manifestações Pop.	0,12%	1,97%	_____
Eventos	0,48%	0,56%	0,17%
Visita a amigos/par.	15,73%	14,34%	16,55%
Tratamento de Saúde	0,24%	0,09%	_____

**Tabela 4 – Principais Atrativos Turísticos**

Fonte: SANTUR/GERÊNCIA DE PLANEJAMENTO

Verifica-se ainda (tabela 5), que apesar da permanência em todos os meios de hospedagem se manter constante, a ocupação hoteleira tem se mostrado decrescente no mesmo período, o que pode indicar um aspecto do perfil desse turista, que passa a ocupar mais meios de hospedagem alternativos como casa de parentes ou imóveis para aluguel, podendo resultar em problemas para as empresas de hospedagem locais.

<b>Meio de Hospedagem</b>	<b>2004</b>	<b>2005</b>	<b>2006</b>
Hotel	10,38%	18,01%	10,83%
Pousada	2,05%	5,47%	3,61%
Hospedaria/Pensão	_____	0,50%	0,42%
Casa Própria	27,05%	1,61%	18,05%
Casa de Amig./par.	31,28%	40,61%	37,58%
Casa ou Apto aluguel	27,87%	32,80%	29,96%
Camping	0,82%	0,75%	2,34%
Alber/Alojam	0,55%	0,25%	_____

**Tabela 5 – Meios de Hospedagem Utilizados**

Fonte: SANTUR/GERÊNCIA DE PLANEJAMENTO

No que diz respeito aos turistas, São Francisco do Sul possui como principal emissor o Estado do Paraná, que respondeu por mais de 40% da demanda doméstica pelo destino nos últimos três anos, seguido do estado de Santa Catarina e São Paulo (tabela 6). A maioria expressiva declara realizar a viagem a turismo (tabela 7). O meio de transporte mais utilizado é rodoviário (tabela 8). A permanência média gira em torno de 9 dias em 2005 e 7 dias em 2006 (tabela 9).

<b>Estado</b>	<b>2004</b>	<b>2005</b>	<b>2006</b>
Paraná	44,77%	40,76%	43,92%
Santa Catarina	30,65%	33,38%	35,10%
São Paulo	9,32%	12,36%	3,02%
Rio Grande do Sul	5,79%	5,48%	5,49%
Rio de Janeiro	1,84%	0,89%	1,37%

**Tabela 6 – Principais Mercados Emissores Nacionais**

Fonte: SANTUR/GERÊNCIA DE PLANEJAMENTO

<b>Motivo</b>	<b>2004</b>	<b>2005</b>	<b>2006</b>
Turismo	93,61%	98,89%	98,53%
Negócios	6,39%	1,11%	1,47%

**Tabela 7–Motivo da Viagem**

Fonte: SANTUR/GERÊNCIA DE PLANEJAMENTO

<b>Meios de Transporte</b>	<b>2004</b>	<b>2005</b>	<b>2006</b>
Avião	0,14%	0,75%	1,06%
Ônibus	0,55%	0,62%	1,06%
Automóvel	99,17%	98,51%	97,67%
Outros	0,14%	0,12%	0,21%

**Tabela 8 – Meios de Transporte Utilizado**

Fonte: SANTUR/GERÊNCIA DE PLANEJAMENTO

<b>Origem</b>	<b>2004</b>	<b>2005</b>	<b>2006</b>
Nacionais	9,85dias	9,11dias	7,22dias
Estrangeiros	12,30dias	11,06dias	10,57dias
<b>Média</b>	<b>9,94dias</b>	<b>11,06dias</b>	<b>7,27dias</b>

**Tabela 9 – Permanência Média em Todos os Meios de Hospedagem**

Fonte: SANTUR/GERÊNCIA DE PLANEJAMENTO

A pretensão dos dirigentes municipais é a de manter a movimentação turística o ano todo, estimulando o turismo ecológico e o turismo cultural, já que o município possui recursos para tanto. São Francisco do Sul foi incluído no Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável para o estado de Santa Catarina, parte do PRODETUR-SUL. (AGENDA 21)

Analisando os dados é possível concluir que é uma localidade com forte potencial para o desenvolvimento da atividade, e, que possui uma oferta compatível com a demanda. Não existe necessidade de um número de meios de hospedagem maior, apenas melhorar a qualidade dos serviços disponibilizados e adequar o valor das diárias. Verifica-se um baixo número de equipamentos voltados à alimentação, principalmente no centro histórico, além de outros problemas verificados a partir da análise nos dados expostos na agenda 21 do município e pesquisa de observação realizada no local:

- O município (tanto o centro histórico quanto as praias) possui uma carência no que diz respeito à distribuição de informações turísticas: poucas centrais de informações, sinalização turística deficiente, inexistência de guias turísticos, pouca divulgação do potencial turístico pelo município, entre outras;
- Existe também uma deficiência na sinalização de trânsito para identificar o município na BR – 101 e principais vias, e também para identificar as praias;
- Falta de conscientização turística para a preservação ambiental;
- Pouca qualificação da mão-de obra;

- Falta de comércio voltado para os turistas nos finais de semana;
- Horário de funcionamento do comércio, principalmente do mercado público, inadequado ao turista;
- Pouca variedade de produtos;
- Número insuficiente de bancos e caixas eletrônicos e inexistência de um caixa 24 horas;
- Falta de lixeiras;
- Inexistência de banheiros públicos;
- Inexistência de opções alternativas à praia;
- Deficiência na quantidade e qualidade dos hotéis;
- Valor das diárias incompatíveis com a qualidade oferecida;
- Comunidade de maneira geral não preparada para receber o turista;
- O desenvolvimento da atividade não envolve a comunidade;
- Oferta de ônibus insuficiente, com carência de horários;
- Algumas localidades não são atendidas pelo sistema, inclusive por falta de capacidade das vias;
- Inexistência de guias para acompanhar os visitantes nos museus;<sup>6</sup>
- Poluição visual no centro histórico (não existe uma padronização das placas de comércio colocadas nas fachadas dos bens comprometendo a harmonia das construções do centro histórico);
- Alguns bens precisariam de uma preocupação maior com sua proteção e preservação, e até serem revitalizados;
- Descaracterização de alguns bens revitalizados recentemente (cita-se como exemplo a antiga capitania dos portos, atual centro de informações turísticas que foi revitalizada com materiais modernos (blindex), e no mercado municipal que na época da pesquisa *in loco* estava sendo revitalizado também utilizariam blindex);
- Inexistência de placas, ou qualquer ação interpretativa nos bens tombados, impedindo que o visitante ou até mesmo a comunidade local

---

<sup>6</sup> Os museus dizem possuir os guias capacitados para acompanhar os visitantes nos trajetos, porém o pesquisador esteve 3 vezes em cada um dos museus no centro histórico e nenhuma dessas visitas teve acompanhamento de guia

possua alguma informação sobre as construções ou história do município.

Estes são alguns dos problemas detectados que podem dificultar o desenvolvimento da atividade turística na localidade.

### **3 PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE SÃO FRANCISCO DO SUL**

São Francisco do Sul, considerada a cidade mais antiga de Santa Catarina possui riquíssimo acervo de sítios arqueológicos, manifestações da cultura imaterial, arquitetura histórica e urbanismo. A identidade local é expressa através destes símbolos tangíveis ou intangíveis. O patrimônio histórico e cultural local simboliza toda a sua formação histórica vista anteriormente. A colonização, a indústria, o saber – fazer do homem, que são marcas de uma sociedade, de uma coletividade, do seu processo histórico evidenciado a partir de seus bens.

Seu patrimônio edificado apresenta reflexos da história de cada época, dos ciclos econômicos pelos quais passou o município, sendo que estes estão registrados em sua arquitetura.

Além do patrimônio edificado e dos monumentos a cidade ainda tem uma riqueza muito grande no que se refere aos bens culturais como ritos e rituais religiosos, gastronomia, a cultura popular contada em suas lendas, enfim, um rico patrimônio imaterial que também faz parte de sua história e memória.

Dessa forma é visível que todo processo histórico do município de São Francisco do Sul está retratado pelo seu patrimônio histórico e cultural que se torna a materialização da história vivida, tendo forte relação com a memória e identidade local.

Carvalho (In: Yazigi, 1999), aponta que o homem busca enfatizar a construção do seu lugar através de marcos e monumentos, fazendo com que a comunidade torne-se uma síntese da realização de lugares e de pessoas refletida na paisagem edificada. Toda cidade passa a ter a marca da presença do homem por meio de suas construções, seu modo de vida e da sua maneira de adaptar velhos padrões a novas atitudes, enfim, o patrimônio da localidade.

O Patrimônio Histórico é definido pelo decreto- lei nº 25 de 30/11/1937, que normatiza o SPHAN (atual IPHAN), como sendo “O conjunto de bens móveis e imóveis

existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer pelo seu valor excepcional, valor arqueológico ou etnológico, bibliográfico ou artístico.”

Na revista “Turismo: Visão e Ação” é possível encontrar uma definição de Patrimônio Cultural como sendo “o conjunto de bens materiais, culturais, simbólicos e espirituais de uma sociedade, nos quais se incluem: os conjuntos urbanos, arquitetônicos e os sítios de valor histórico, paisagístico, arqueológico, paleontológico e científico” (GLOSSÁRIO, 2000)

Dessa forma podemos entender Patrimônio Histórico e Cultural como sendo os bens, usos e costumes, gastronomia, religião, edificações e monumentos de um povo ou de uma comunidade.

Rodrigues (In: PINSK, 2003), assegura que a palavra Patrimônio possui inúmeros significados que vão desde herança familiar até a sua significação, entendendo-se para os bens protegidos por lei, nomeando-o conjunto de bens culturais de uma nação. Patrimônio também significa algo construído para ser uma representação do passado histórico e cultural – objetos, documentos escritos, imagens, traçados urbanos, áreas naturais, paisagens ou edificações.

Ainda de acordo com a autora é possível afirmar que “a construção do patrimônio cultural é um ato que depende das concepções que cada época tem a respeito do que, para quem e por que preservar” (RODRIGUES In: PINSK, 2003, p. 16).

O momento é de reflexão e estudos para que os interesses, tanto dos cidadãos quanto do poder público, confluam para a manutenção da história e memória através do seu patrimônio cultural, posto que o patrimônio não é só histórico e arquitetônico, mas adquire maior amplitude quando abordado como patrimônio cultural, pois envolve, além do patrimônio ambiental, o produto da ação dos homens, portanto da cultura.

O patrimônio envolve todos os monumentos que são preservados por simbolizarem algum momento ou acontecimento, e muitas vezes, são destruídos pelo mesmo motivo.

Segundo Le Goff (1996) a memória coletiva e a história, aplicam-se a dois materiais que podemos chamar de patrimônio histórico e cultural: os documentos, escolha do historiador, e os monumentos, herança do passado. Este trabalho possui breve reflexão destinada apenas aos monumentos.

Para Menezes (2004, p. 31), a idéia de monumento tem dois sentidos. O primeiro aponta que monumento é aquilo que memoriza, traz lembrança, algo que se quer guardar, digno de memória. Trata-se de “edificação”, apresenta informação essencial para que acontecimentos, ritos, crenças e saberes não sejam esquecidos. Dessa forma, “o monumento busca tornar viva a memória de algo importante e identitário socialmente. Nesse caso, ele tem, necessariamente, como mediadores a memória construída e a história”.

Ainda de acordo com o autor, o monumento pode ser também uma construção que não tem função memorial explícita e sim a de exaltar a beleza ou a técnica de seu tempo presente. A memória neste caso, passa a ter cada vez mais mediadores não monumentais como a imprensa, a fotografia e as “memórias” eletrônicas.

Porém o homem não prescinde de monumentos arquitetônicos, escultóricos e pictóricos na fundação de marcos históricos, artísticos e técnicos. Continua a construí-los e a deixá-los como documentos de seu tempo. [...] O monumento, em seu momento fundador, portanto, tem função de memorizar o passado ou de informar sobre o presente. Como mediação da memória ou da história ou, simplesmente, como objeto de estímulo à nossa sensibilidade artística, à nossa fome da arte, ele continua a ser construído e desempenhar seu papel educador, exaltando o passado ou monumentalizando o presente. (MENEZES, 2004, p 32-33)

No que diz respeito a formação do conceito de patrimônio histórico e cultural, Camargo (2002), aponta que o termo patrimônio fazia remissão à propriedade de algo que pode ser deixado de herança. Acrescentando à noção de cultura, conclui-se que é um produto da



cultura que é herdado e transmitido de geração para geração. Assim os monumentos seriam a materialização da identidade nacional e, por meio deles os cidadãos se reconheceriam como tais.

Para Barretto (2001), o patrimônio transformado em monumento passou a ser considerado um mediador entre passado e presente, uma âncora capaz de dar uma sensação de continuidade em relação a um passado nacional, de ser um referencial capaz de permitir a identificação com uma nação.

Assim como a identidade de um indivíduo ou de uma família pode ser definida pela posse de objetos que foram herdados e que permanecem na família por várias gerações, também a identidade de uma nação pode ser definida pelos seus monumentos – aquele conjunto de bens culturais associados ao passado nacional. Esses bens constituem um tipo especial de propriedade: a eles se atribui a capacidade de evocar o passado e, desse modo, estabelecer uma ligação entre passado, presente e futuro. Em outras palavras, eles garantem a continuidade da nação no tempo. (GONÇALVES, 1988 apud BARRETTO, 2001, p. 10)

Então se pode dizer que o patrimônio resgata a identidade cultural e histórica dos cidadãos de determinada localidade, dando a ela o sentido de nacionalidade.

O patrimônio transcende o fato de ser um simples artefato e passa a ter um valor simbólico e ideológico para a sociedade e sua preservação decorre deste valor que a sociedade atribui a ele. O nexos da questão está em conhecer o sentido da sua construção histórica para aprender o seu significado simbólico. (CAMARGO, 2002, p. 26)

Ou seja, ainda de acordo com o autor, eles por si mesmos, não significariam nada além de suas qualidades físicas, mas o patrimônio histórico e cultural associa materialidade e significado simbólico. São como recipientes da história, sendo o seu significado – a carga de afetividade, conflito, emoção presentes em monumentos, objetos, edificações, celebrações, manifestações o que verdadeiramente importam e definem o patrimônio.

No entanto, cabe acrescentar que

O patrimônio cultural de uma comunidade não está representado apenas pelos bens materiais. Tudo o que tem valor significativo, que é susceptível de ser adquirido e transmitido, forma o conjunto de bens culturais que devem ser preservados por representarem referenciais importantes para a coletividade. (SANTOS, 2001, p. 111)

Para reforçar a afirmação, é possível citar Ferreira e Moser (In: FERREIRA: MULLER, 2001, p. 63)

A noção de patrimônio cultural é muito mais ampla, que inclui não apenas os bens tangíveis, como também os intangíveis, e também não só as manifestações artísticas, mas todo o fazer humano, e não só aquilo que representa a cultura das classes mais abastadas, mas também o que representa a cultura dos menos favorecidos.

De acordo com Santos (2001), daí decorre a necessidade da valorização dos fazeres, pois eles fazem parte do Patrimônio e constituem-se um elo de continuidade entre gerações.

Barreto (In: BOFF;GONÇALVES, 2001, p. 103), aponta que qualquer objeto que possa parecer sem valor, pode carregar uma carga cultural e histórica de grande importância, e para tanto precisa ser interpretado. “É através dos monumentos, da arquitetura, bens móveis que podemos nos transplantar nos séculos, passando por épocas diferentes, onde os mais diversos personagens se apresentam falando de sua história”. (p. 103)

Para Pellegrini (1993, p. 92),

a noção moderna de patrimônio não se restringe à arquitetura... de modo que o significado de patrimônio cultural é muito amplo, incluindo outros produtos do sentir, do pensar e do agir humanos – inscrições de povos pré-históricos, sítios arqueológicos e objetos neles pesquisados, esculturas, pinturas textos escritos, variadas peças de valor etnológico, arquivos e coleções bibliográficas, desenhos de sentido artístico ou científico, peças significativas para o estudo da ergologia de um povo ou de uma época, e assim por diante, tudo somado no que se pode denominar o meio artificial [...] todo objeto que à primeira vista e a olhos desavisados, pode parecer não possuir nenhuma importância, é passível de ser interpretado museologicamente mercê de sua carga informativa a respeito de determinada cultura – e portanto ele ser um bem cultural merecedor de tratamento e conservação adequados.

A patrimonialização é uma tomada de consciência social de um grupo com referência a algumas manifestações próprias. Na verdade o patrimônio histórico e cultural, em seu sentido mais amplo, materializa as tradições, os costumes, os modos de vida, mas, sobretudo as técnicas, os artefatos etc., nos quais estão os testemunhos reais das mais diversas culturas.

“Para que haja uma identidade cultural é de fundamental importância a existência de um patrimônio conhecido, de uma memória preservada.” (SANTOS, 2001, p. 114)

São Francisco apresenta-se assim, como um “lugar de memória” que Nora (1993), destaca como sendo os representantes máximos da vida comunitária, facilitadores da memória. O autor utiliza o termo lugares da memória por estes auxiliarem no processo de busca e valorização do passado.

[...] lugares topográficos, como os arquivos, as bibliotecas e os museus; lugares monumentais como os cemitérios ou as arquiteturas; lugares simbólicos como as comemorações ou as peregrinações, os aniversários ou os emblemas; lugares funcionais como os manuais, as autobiografias ou as associações: estes memoriais têm a sua história [...] (NORA, 1993, p. 6)

Gastal (2002), afirma que toda comunidade, por mais singela que seja sua constituição, possui seus lugares de memória e estes podem ser indicados pelo casarão colonial que foi transformado em museu municipal, pelo armazém colonial entre muitos outros. O lugar de memória carrega em si a presença da comunidade.

Desta forma, pode-se colocar como lugar da memória o patrimônio material e imaterial, fornecedores de informações de uma comunidade, onde a vivência e a experiência de gerações encontram-se expostas através deste patrimônio.

A tranquilidade de sua paisagem, a relação direta com o mar, o valor histórico da malha urbana e da arquitetura são alguns fatores que de acordo com Vieira (In: NACKE; SANTOS; REIS, 2004), convergem para uma cidade mais humana, relacionada com a natureza e com a cultura. Estes atributos não são inerentes apenas ao patrimônio secular que São Francisco

do Sul acumula. O autor acredita que são também grandes predicados em termos do que a cidade será e dos confortos e vantagens que proporcionará aos seus cidadãos de hoje e de amanhã.

Vieira (In: SANTOS; NACKE; REIS, 2004) afirma que durante o século XX o mundo readaptou as suas cidades aos desafios e novidades que a tecnologia criou. No caso dos espaços urbanos, os agentes transformadores foram os veículos mecânicos e as novas técnicas construtivas.

As cidades transformaram-se em um intrincado complexo de escoamento viário, repleto de novos e grandes edifícios de concreto armado ou estrutura metálica. No Brasil, um gigantesco processo de urbanização ocorreu depois da metade do século XX, mudando radicalmente a configuração das cidades. Poucas se salvaram dos excessos cometidos em nome das premências do momento e de uma modernização que o tempo tem se encarregado de mostrar temerária. (VIEIRA In: SANTOS; NACKE; REIS, 2004 não paginado)

Ainda conforme aponta o autor, São Francisco do Sul guardou em boas doses a matéria-prima imprescindível do que haverá de ser a verdadeira cidade do futuro. Para isto, os sítios urbanos precisaram ter guardado, ao longo do século XX, algo bem mais profundo do que índices de expansão: foi imprescindível terem mantido a alma do lugar, sua memória e sua identidade, a essência dos fatos que explicam, personalizam e identificam uma cidade no seu sentido verdadeiro – lugar de cidadãos, espaço de vivências e acontecimentos passados, presentes e futuros.

Para tornar-se uma destas exceções, São Francisco do Sul, integrou seu potencial humano, econômico e social e guardou, além do ambiente natural, a somatória das contribuições das diversas fases da sua história.

O patrimônio de São Francisco do Sul apresenta inúmeras faces, do ecológico ao material e ao imaterial. O imaterial é repleto de saberes, de celebrações, de estórias e tradições. O folclore, o artesanato, a culinária, a pesca, as festas religiosas e profanas são algumas das manifestações que configuram a cultura viva da cidade e da região, uma das mais expressivas do universo catarinense. (VIEIRA In: SANTOS;NACKE;REIS, 2004)

Seu patrimônio material apresenta reflexos da história de cada época, dos ciclos econômicos pelos quais passou o município. Além da arqueologia, que apresenta dezenas de sítios de diferentes características, atestado de milhares de anos da ocupação destas paragens, está representado pelo imaginário religioso, pelas alfaias, pelos documentos, pelo casario e pelo sítio urbano. Todos patrimônios relevantes, reconhecidos nacionalmente por suas características, diversidade e expressividade.

### **3.1 Patrimônio Material**

Conforme abordado anteriormente município de São Francisco do Sul possui rico patrimônio material exposto pelas construções encontradas no centro histórico, no Forte Marechal Luz entre outras localidades. Assim, verifica-se a importância de apresentar este patrimônio bem como sua relação com a história, memória e identidade do município.

#### **3.1.1 Centro Histórico de São Francisco do Sul**

O Centro Histórico é a maior representação do patrimônio material do município de São Francisco. (Figura 5) Podendo-se afirmar em relação a ele revela-se como um *site museum*. Esta expressão, segundo Barretto (2001), pode ser traduzida como museus de sítio, museu ao ar livre ou ainda museu no local, que são assim definidos pelo Conselho Internacional de Museus (ICOM). “Um museu concebido e implantado para proteger a propriedade natural ou cultural, móvel ou imóvel, em seu local original, ou seja, preservada no local em que tal propriedade foi criada e descoberta.” (HUDSON 1987 *apud* BARRETTO 2001, p 38)



**Figura 6 – Centro Histórico de São Francisco do Sul**

Fonte: <http://www.guiasantacatarina.com.br>

Um dos tipos de *site museum* é o museu histórico que para Menezes (2004), representa um espaço da memória de feitos, acontecimentos históricos, nacionalidades construídas. Trata-se de um ambiente de conhecimento, um espaço de compreensão dos usos, práticas, ritos, costumes.

Para Pereira (2006, p. 01), a cidade concentra produtos artísticos, sendo que ela mesma acaba se tornando um produto artístico, e como tal, resulta da produção cultural de determinada sociedade em determinado período sendo entendida como um processo dinâmico de construção histórica. “A cidade é a soma de seus tempos, inclusive o presente”.

Mesmo se tratando de uma localidade histórica, o centro histórico possui parte de suas atividades centralizadoras do espaço urbano. Apesar da maior parte se encontrar no que a comunidade chama de “centro novo”, a utilização do centro histórico continua. Podemos nele encontrar restaurantes, hotéis, bancos, correio, lojas de comércio variados, o mercado municipal, além da prefeitura municipal e o porto.

Cabe ressaltar a importância de encontrar-se o centro histórico em uso. Este fato contribui muito para sua preservação e não nos remete à idéia de ser apenas um cenário, uma parte da cidade esquecida, parada no tempo.

A cidade segundo Peluso (1991), é caracterizada por ser um local de contatos e trocas de atividades que se desenvolvem no espaço construído, que também pode ser chamado de espaço urbano. Este segundo o autor é formado pelas construções, rodeadas de trechos livres de uso público, que são ruas e praças. Os dois elementos se unem de maneira a formar o que se chama de plano urbano. Cada cultura possui um plano que marca suas cidades.

Estudando as cidades do Estado de Santa Catarina fundadas até meados do século XIX Peluso (1991), aponta que é possível notar a persistência de dois tipos de plano urbano. Um deles, o mais difundido, tem como elemento predominante a praça central que emoldura a igreja; o outro mais raro, adapta-se ao relevo, partindo do centro comercial. O primeiro é atribuído à cultura lusa e o segundo à cultura germânica. Ao observar-se o desenho do plano urbano de São Francisco (figura 7) e após a análise de sua ocupação, afirma-se que o município tem seu plano seguindo o primeiro modelo, verificando-se a existência da igreja e praça.

Por outro lado, visando uma análise do plano urbano Vieira (In: SANTOS; NACKE; REIS, 2004), realizou um comentário dos seus traçados e vias. Segundo o autor, o desenho da malha urbana documenta uma fase da urbanização brasileira, apresentando-se como modelo de transição entre os dois partidos básicos da estrutura das nossas cidades: o geométrico e o orgânico. O último, herança das cidades medievais portuguesas, preponderou no litoral do Brasil do século XVI ao XVII. Os desenhos geométricos, propostos durante o Renascimento e usados no Brasil desde os primeiros tempos nos aldeamentos jesuíticos, somente depois da metade do século XVII é que se impuseram. Situados na planície, apresentando desenhos relativamente geométricos centralizados pela praça, vários povoados garantiram o domínio lusitano no Brasil meridional.

O município de São Francisco exemplifica, segundo o autor, um momento ainda indefinido deste partido (figura 7).

A cidade está implantada em área predominantemente plana, mas dominada pela elevação onde foi edificada a igreja – que não é voltada para o mar. As ruas, quase retas, se cruzam em quarteirões regulares e bem definidos. O mar delimita e orienta as vias da orla, sendo o fator de maior influência sobre o desenho da cidade. Nota-se o ensaio de uma estrutura grade, com as ruas cruzando-se ortogonalmente, demonstrando a gestação de um desenho rígido e geométrico que no Brasil só iria se impor definitivamente bem mais tarde. (VIEIRA In: SANTOS;NACKE;REIS, 2004, não paginado)



**Figura 7 – Planta do Centro Histórico de São Francisco do Sul**

Fonte: São Francisco do Sul – Passaporte 500 anos



A porção mais central, de acordo com Pereira (2006), evidencia sua ocupação original, os lotes possuem testadas estreitas e grande profundidade. Nas quadras localizadas entre a antiga Rua da Praia (hoje Babitonga) e a Praça da Igreja, a grande maioria dos lotes volta-se para o mar ou para a Praça, são poucos os que se voltam para as travessas laterais.

A autora aponta ainda que mesmo que a arquitetura tenha sido parcialmente substituída, ainda é possível perceber que o traçado se mantém. A antiga Rua da Praia, e a Rua lateral à Igreja (Praça Getúlio Vargas e Rua Hercílio Luz), ainda são as principais do centro histórico e organizam o fluxo da região.

Conceitos da Idade Média e do Renascimento convivem no urbanismo, enquanto a arquitetura apresenta número maior ainda de fontes de inspiração.

Existem trechos de muros e paredes que podem ter sido edificados ainda no século XVII: construídos em grossas alvenarias de pedra, integram edifícios que, quando construídos, devem ter se valido de suas sólidas presenças ou sobrevivem nos fundos de muitos dos lotes do centro da cidade. São numerosas as casas térreas e os sobrados tipicamente dos oitocentos: paredes de pedra, originalmente caiadas, sem ornatos, com beirais de cimalthas e beiras-seveiras, vergas retas ou em arco abatido, testemunham a evolução da cidade entre o século XVIII, depois da passagem do ouvidor Pardinho, até meados do século seguinte. Formam os testemunhos do Brasil colonial, construídos que foram no período anterior ao grito do Ipiranga e à chegada dos imigrantes alemães à região. (VIEIRA In: SANTOS; NACKE; REIS, 2004, não paginado)

Pereira (2006), cita que devido ao declínio econômico ocorrido em meados do séc. XX, São Francisco do Sul não passou por processos de verticalização consideráveis. Na década de 1970, enquanto na capital do Estado Florianópolis, este se intensificava, em São Francisco apenas iniciava e de forma bastante tímida, em razão das intenções governamentais da preservação do centro. Muitas edificações foram substituídas e bastante alteradas neste período, mas com o tombamento municipal em 1981 as iniciativas de verticalização foram abortadas.

Para a autora um dos maiores valores patrimoniais do centro histórico de São Francisco do Sul é a sua heterogeneidade de estilos arquitetônicos, que apresentam uma certa harmonia compositiva.

Conforme citado no primeiro capítulo no final do século XIX, São Francisco do Sul foi palco de diversas mudanças na economia que contribuíram para uma fase de prosperidade. Pereira (2006), mostra que estas mudanças nas atividades econômicas e o conseqüente aumento do poder aquisitivo da população refletem diretamente na sociedade, que, em contato com influências estrangeiras vai adquirindo hábitos refinados de comportamento e uma tendência a copiar os modelos europeus. Estas transformações são percebidas na arquitetura, ocorrendo a valorização de imóveis e construções de edifícios ao gosto arquitetônico europeu, principalmente o eclético, que passa a predominar sobre o tipo colonial português. Todavia, em meados do século XX, com o declínio das exportações de madeira e erva-mate, deu-se uma estagnação econômica o que impediu um grande crescimento da cidade, evitando uma descaracterização completa. Neste ponto vale destacar a importância das leis municipais de preservação de 1981 e do Tombamento Federal em 1987 pelo IPHAN.

Encontra-se como maioria no centro histórico construções ecléticas, sempre dotadas de platibandas, portas e janelas com bandeiras fixas, paredes decoradas e coloridas, edificadas entre a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Representam momentos importantes da vida da cidade, que se desenvolveu bastante no período. (VIEIRA In: SANTOS; NACKE; REIS, 2004)

Na orla da cidade, um impressionante conjunto de sobrados forma o mais expressivo conjunto eclético de Santa Catarina. Ao longo dos quarteirões do centro histórico, deve ser notada a ocorrência da arquitetura teuto-brasileira, presente em numerosos edifícios, o estilo português.

O autor ainda afirma que é possível encontrar ainda a representação arquitetônica das décadas de trinta e quarenta que permitem boa apreciação da arquitetura *déco*, além de representações do Modernismo em algumas casas do centro histórico. Este variado conjunto, composto por aproximadamente cento e cinquenta imóveis, é sempre visualizado entre o mar e as elevações que o delimitam, tornando-se um dos mais expressivos núcleos históricos do Brasil.

São Francisco do Sul tem seu centro histórico preservado não por possuir grandes monumentos, mas porque, [...], mantém seu traçado original, testemunha de seu crescimento urbano, e uma estrutura de parcelamento de solo ainda bastante preservada. Embora no início do século XX, grande parte de sua arquitetura colonial tenha sido substituída, a eclética, que toma seu lugar, mantém seus alinhamentos, ritmos e composição. A linguagem muda, mas, a tipologia se altera pouco. As edificações aproveitam o lote quase que integralmente, as aberturas não comportam grandes vãos já que as técnicas construtivas pouco se alteram. (PEREIRA, 2006, p.9)

Para a caracterização do patrimônio material existente na localidade torna-se necessário ressaltar que praticamente toda a exposição dos dados está, devido à dificuldade em se encontrar referências, embasada no trabalho “São Francisco do Sul 500 anos – Construções Históricas”, feito pelo Instituto Binot Paulmier de Gonneville (não consta os autores) no qual é possível encontrar a exposição da maioria das construções encontradas no município. Porém, devido ao fato de o local possuir grande número de edifícios optou-se por caracterizar apenas os de maior expressividade, que serão elencados as seguir:

### **3.1.1.1 Edifícios Públicos**

#### **3.1.1.1.1 Igreja Matriz e Casa Paroquial**

Pereira (2004), afirma que a povoação de São Francisco do Sul começou por volta de 1642, a partir de uma sesmaria feita para vir povoar a vila que se iria fundar no local. Nesta data já existia na localidade a capela de Nossa Senhora da Graça. Não há registros sobre o local exato da construção da capela e nem se esta foi erigida pelos espanhóis.

Criada a vila ao redor da capela, o povo decidiu construir outra igreja que teria como padroeira a mesma santa. Em 1665, com a igreja concluída, a vila foi elevada à condição de paróquia. (SÃO FRANCISCO 500 ANOS – CONSTRUÇÕES HISTÓRICAS)

A Igreja Matriz foi originalmente construída em estilo veneziano, com uma só torre. Através de análises realizadas pelos arquitetos que fizeram o levantamento geral da cidade, a composição dos materiais utilizados pelos colonizadores da cidade e à base de óleo de baleia, barro e muitas cascas de crustáceos como ostra, berbigão, caranguejos, que lhe dão forte resistência. (SUPLEMENTO JSC)

No decorrer dos anos várias modificações acabaram por descaracterizar o estilo original. A primeira grande reforma foi efetuada em 1926, com restauração da fachada, abertura de diversas janelas, além de colocação de semalhas e afrescos.(SÃO FRANCISCO 500 ANOS – CONSTRUÇÕES HISTÓRICAS)

Ainda de acordo com o trabalho citado, a última reforma aconteceu a partir de 1945. Houve a reparação do telhado, substituição do assoalho por ladrilhos, além de uma pintura geral interna, e uma remodelação do altar-mor, substituindo o estilo gótico pelo estilo português, sendo este inaugurado em maio de 1949.





**Figura 8 – Igreja Matriz Nossa Senhora da Graça no Decorrer dos Anos**  
Fonte: [http://www.saochico.com.br/igreja\\_satuario.php](http://www.saochico.com.br/igreja_satuario.php)

Segundo os habitantes mais antigos naquela época foi também construída a segunda torre. Apesar de todo o esforço, os construtores não conseguiram uma imitação perfeita da segunda torre em relação à primeira. A violação do estilo original da Igreja não agradou a todos os moradores da cidade, sendo até hoje lamentada por algumas pessoas que prezam e valorizam o patrimônio histórico de São Francisco do Sul. (SÃO FRANCISCO 500 ANOS – CONSTRUÇÕES HISTÓRICAS)

Considerada como um ponto de referência no centro histórico, atualmente é visitada pelos turistas que buscam o contato com o patrimônio local.

De frente para a Igreja Matriz Nossa Senhora da Graça, encontra-se a Casa Paroquial. Foi edificada em 1920, seguindo o estilo veneziano da Igreja Matriz. Na fachada é visível o símbolo da Congregação Franciscana (dois braços cruzados).

#### **3.1.1.1.2 Casa de Câmara e Cadeia**

A casa de Câmara de Vereadores e a Cadeia Pública foi construída no final do século XIX, sendo concluída em 1914. No andar superior do sobrado foi instalada a Câmara de

Vereadores e no andar térreo havia seis celas para detentos, além de dependência privativa, que servia de moradia ao carcereiro e sua família. No final do corredor havia um banheiro coletivo e no porão, uma cela solitária. Criminosos de alta periculosidade eram raros naquela época. Portanto, a solitária era utilizada para abrigar pessoas com acessos de loucura, que seriam encaminhadas à Colônia Sant'Ana, em Florianópolis. No local funcionava também a Delegacia de Polícia. (SÃO FRANCISCO 500 ANOS – CONSTRUÇÕES HISTÓRICAS)

De acordo com os dados expostos no trabalho, passaram por lá presos políticos, principalmente líderes revolucionários da Guerra do Contestado, sob forte guarnição. O presídio contou também com a primeira mulher no comando da Carceragem em Santa Catarina, Maria Rachel de Lima.

Citando a mesma referência, a partir de 1945, a Câmara de Vereadores passou a funcionar no recém inaugurado prédio da Prefeitura Municipal. Aproximadamente dois anos mais tarde o Fórum de São Francisco do Sul também foi transferido para a sede da Prefeitura, onde a Câmara de Vereadores cedia suas dependências para as audiências públicas, tal como ocorria na sede anterior.

Em 26 de julho de 1948 foi instalada a Delegacia de Polícia na sala do antigo Fórum, permanecendo até 1968, quando a cadeia pública foi desativada e a Delegacia de Polícia transferida para sua nova sede.

O prédio que desempenhou importante função ficou por muitos anos abandonado. Por sugestão do comandante da delegacia da capitania dos Portos o então prefeito aderiu à idéia de implantação de um museu para aproveitar o sobrado que estava em desuso. O Capitão Maurício de Barcellos Sant'Anna e sua esposa Marilda dedicaram-se na adaptação da casa, durante o processo de restauração. As celas continuam intactas e nelas encontram-se móveis e objetos de grande valor histórico para a comunidade francisquense. Sua inauguração foi em 13 de dezembro de 1985. (SÃO FRANCISCO DO SUL 500 ANOS – CONSTRUÇÕES HISTÓRICAS)

### 3.1.1.1.3 Museu Histórico de São Francisco do Sul

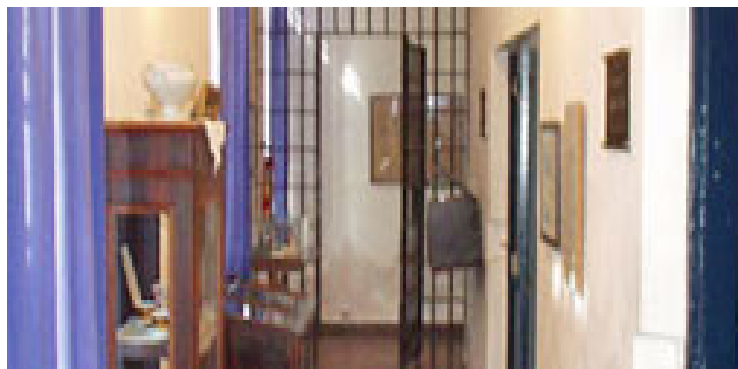
Conforme apontado, o prédio onde está instalado o museu foi construído para abrigar a Câmara de Vereadores e a Cadeia Pública, como era costume na época. Em 13 de dezembro de 1985 foi inaugurado o Museu Histórico de São Francisco do Sul, e segundo o trabalho do Instituto Binot Paulmier sua primeira diretora foi Marilda Sant'Anna, em reconhecimento pelo seu empenho para que o empreendimento se tornasse realidade, sendo substituída por Clara Amélia da Costa Pereira, licenciada em história e que ocupa o cargo até hoje.



**Figura 9 – Museu Histórico de São Francisco do Sul**

Fonte: <http://saofranciscodosul.com.br>

O prédio é formado de uma sala principal, corredor central, dois corredores laterais e seis celas, onde encontram-se expostos todo o acervo. A sala principal conta a história da cidade e do próprio prédio, na primeira cela têm-se fotos e peças sobre esporte e sociedade. Na segunda podem ser vistos relógios de parede, armários antigos, porcelanas e máquinas de costura do início do século. A terceira cela é dedicada à Marinha, nela estão expostos documentos e fotos. Destaca-se nesta cela um farol fabricado em 1894 instalado na Ilha da Paz em 1906 que serviu de orientação aos navios que atracavam no Porto.



**Figura 10 – Interior Museu Histórico/ Cella**

Fonte: <http://www.saofranciscodosul.com.br>

Na cela quatro encontram-se peças, fotos e planta do Porto e da estrada de ferro. A cela cinco abriga móveis, documentos e estandes sobre o comércio e a indústria. A sexta, está dedicada aos personagens ilustres do município. Nos corredores é possível encontrar alguns exemplares de jornais que circularam em épocas passadas, documentos sobre a 2ª Guerra Mundial e objetos variados.

#### **3.1.1.1.4 Mercado Municipal**

Localizado junto à orla da Baía da Babitonga, no Centro Histórico, o Mercado Municipal, de acordo com as informações encontradas no trabalho realizado pelo Instituto, foi construído num período aproximado de quatro anos e inaugurado em 20 de janeiro de 1900. É provável que tenha sido o primeiro prédio edificado sobre a área aterrada da baía e durante todo o século manteve a mesma função, a de principal centro comercial da Ilha de São Francisco.

Construção em estilo eclético, o Mercado Público possuía acessos no centro de suas quatro faces e grandes aberturas. Edificado em torno de um pequeno pátio quadrado, a área coberta abrigava fileiras de *boxes* para comércio, nos lados externo e interno. Atualmente é composto por doze lojas, com suas aberturas voltadas ao pátio interno, ocupadas por diversos tipos de comércio, onde se destacam o artesanato e os artigos regionais. O pátio central é



utilizado com frequência para atividades culturais e musicais. (SÃO FRANCISCO DO SUL 500 ANOS – CONSTRUÇÕES HISTÓRICAS)



**Figura 11 – Mercado Municipal**

Fonte: [http:// www.belasantacatarina/saofranciscodosul/](http://www.belasantacatarina/saofranciscodosul/)

No trabalho citado ainda consta que, em 1976 o conjunto arquitetônico foi restaurado, perdendo parte de sua originalidade, que deverá ser resgatada, através de um projeto de recuperação do centro histórico de São Francisco do Sul, para retorná-lo à sua vocação como espaço público, com a implantação de bares e restaurantes e a qualificação do comércio existente, visando uma utilização mais intensa por parte da comunidade e dos turistas.

Na data em que se visitou a cidade para parte da pesquisa *in loco* o mercado municipal encontrava-se em processo de restauração.

#### **3.1.1.1.5 Hospital de Caridade**

Não é possível referenciar edifícios do centro histórico de São Francisco, sem falar de um de relevante contribuição para sua história. Trata-se do Hospital de Caridade.

A Ordem Terceira de São Francisco da Penitência foi fundada em 1221, por São Francisco de Assis e aprovada pelo Papa Leão XIII. Implantada no Brasil em início do ano de

1700, a entidade chegou a São Francisco do Sul, sendo organizada pelos padres franciscanos entre 1723 e 1751. Os ofícios dos “irmãos terceiros” como denominavam os adeptos, eram realizados na Capela São José, localizada no Morro do Hospício, próximo ao núcleo central da cidade. Com o tempo, capela e instituição entraram em decadência, permanecendo inativas por muitos anos, após a retirada dos frades por ordens dos seus superiores. (SÃO FRANCISCO DO SUL 500 ANOS – CONSTRUÇÕES HISTÓRICAS)

Consta no trabalho referenciado que, no ano de 1839, o Coronel Francisco de Oliveira Camacho obteve resolução que concedia licença para a reedificação da capela do Morro do Hospício e a reorganização da Venerável Ordem Terceira de São Francisco do Sul, com o compromisso de que fosse acrescentado um hospital.

Afirma-se ainda que, em 1860, um prédio de alvenaria foi utilizado para a instalação do hospital. Porém, dadas as precárias condições, já em 1865 foi transferido para um sobrado, onde por muitos anos, eram recolhidas e tratadas pessoas enfermas, pobres e desamparadas, cumprindo a função a que a instituição de caridade cristã se destinava.



**Figura 12 – Hospital de Caridade**

Fonte: Agenda 21 São Francisco do Sul

Para dar continuidade ao atendimento de saúde da população que crescia na cidade, foi construído um edifício com três pavilhões no alto do morro para abrigar o Hospital de Caridade, entregue à comunidade em 1917. Em 1933, a direção interna do hospital foi entregue aos cuidados das irmãs da Congregação da Divina Providência, porém, a provedoria da

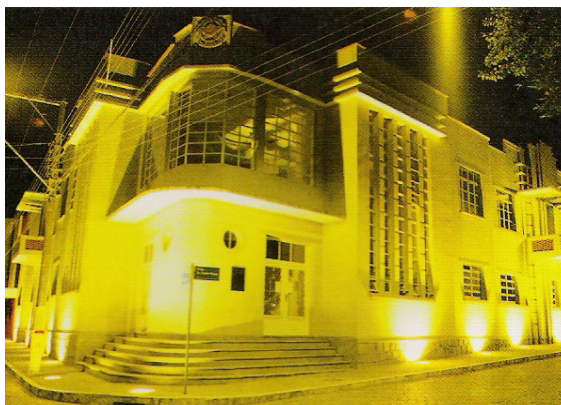
instituição permanecia em poder de um dos irmãos da ordem Terceira, substituído a cada biênio, mediante aclamação em Assembléia Geral. (SÃO FRANCISCO DO SUL 500 ANOS – CONSTRUÇÕES HISTÓRICAS)

O Hospital sofreu ampliações, recebeu modernos recursos e acabou tornando-se referência regional. No entanto, atualmente não foge a regra brasileira e vem enfrentando dificuldades financeiras há pelo menos duas décadas.

### **3.1.1.1.6 Prefeitura Municipal**

Pode-se também referenciar a construção do prédio da prefeitura Municipal de São Francisco, que foi uma das metas de José Alves de Carvalho Filho, prefeito da cidade de 1936 a 1942, período em que deu início à obra. Em 1944 retornou ao posto, permanecendo até 1945. Neste período deu continuidade à construção e também regularizou a compra do terreno. No entanto, a conclusão do paço municipal coube ao prefeito subsequente, Jayme Ernesto de Oliveira, que no mesmo ano efetuou a sua inauguração. (SÃO FRANCISCO DO SUL 500 ANOS – CONSTRUÇÕES HISTÓRICAS)

Para construção da prefeitura foi escolhido um terreno sito à Praça Getúlio Vargas, ponto estratégico no centro da cidade. O prédio de alvenaria, com dois pavimentos foi construído em pedra, tijolos e cimento, coberto de telhas, assoalhado e forrado seguindo segundo Vieira (In: NACKE; SANTOS; REIS, 2004), a arquitetura déco. Outras edificações foram acrescentadas para abrigar a garagem, oficina mecânica, almoxarife, entre outras instalações.



**Figura 13 – Prefeitura Municipal de São Francisco do Sul**

Fonte: Agenda 21 São Francisco do Sul

Ao longo dos anos o edifício da prefeitura recebeu ampliações, reformas e modificações internas, conforme as necessidades de cada gestão administrativa. Atualmente sedia o Gabinete do prefeito e as secretarias de Administração, Planejamento e Finanças. As secretarias de Obras, Educação, Saúde, Agricultura e Pesca, Turismo e Fundação Cultural estão instaladas em outros prédios do centro histórico. (SÃO FRANCISCO DO SUL 500 ANOS – CONSTRUÇÕES HISTÓRICAS)

### **3.1.1.1.7 Museu Nacional do Mar**

Outro edifício de relevância no centro histórico é o Museu Nacional do Mar, que aproveitando amplas construções no estilo eclético com uma influência alemã, foi inaugurado em 08 de setembro de 1991. Segundo Vieira (In: NACKE; SANTOS; REIS, 2004), ornatos específicos e telhados inclinados particularizam este edifício. Foi uma parceria entre o IPHAN, a Prefeitura Municipal e a comunidade.

Em quatro núcleos distintos, o Museu exhibe as embarcações, as Atividades da pesca, a Biologia do Mar e a Antropologia Naval, com a proposta de valorizar a arte e o conhecimento dos homens que vivem do mar, detentores deste patrimônio cultural. O acervo está

exposto, de modo que cada objeto se insere no seu contexto. (SÃO FRANCISCO DO SUL 500 ANOS – CONSTRUÇÕES HISTÓRICAS)



**Figura 14 – Museu Nacional do Mar**  
Fonte: Agenda 21 – São Francisco do Sul

De acordo com as informações expostas no trabalho citado, é possível afirmar que na ala das embarcações podem ser observadas cerca de 50 exemplares originais de vários estados como Maranhão, Ceará, Pernambuco, Bahia, Paraná, Mato Grosso, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, entre saveiros jangadas, canoas, botes, baleeiras e bateiras. Encontra-se o ambiente Amyr Klink, com sua diminuta embarcação “Parati 1” e também a canoa MAX, além de roupas e objetos utilizados em sua expedição à Antártida. A reprodução de cenários, como o Rancho dos Pescadores, as lagoas de Santo Antonio e Imaruí, a Pesca da baleia e Botes do Sul, perpetuadas por mãos de artistas francisquenses.

Existe também uma biblioteca com rico acervo de literatura sobre o mar, com livros raros que versam sobre construção naval, histórias de pescarias, aventuras e famosos personagens marítimos. Ampla coleção de Artesanato e Modelismo Naval expõe miniaturas de jangadas, velas e outras embarcações, muitas delas confeccionadas por detentos da Cadeia Pública.



**Figura 15 – Interior Museu do Mar**

Fonte: [http:// www.belasantacatarina/saofranciscodosul/](http://www.belasantacatarina/saofranciscodosul/)

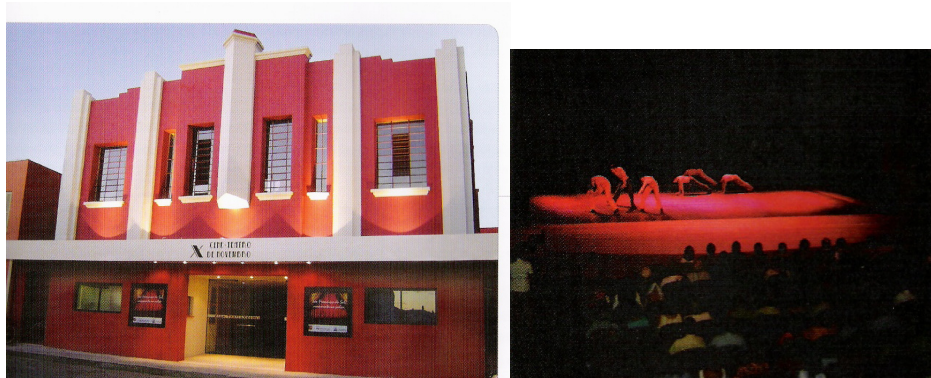
### **3.1.1.1.8 Cine Teatro “X de Novembro”**

O prédio em que está instalado o Cine Teatro “X de Novembro”, ao lado da Prefeitura foi inaugurado em 1950, seguindo o mesmo estilo arquitetônico. O edifício recebeu o nome de Cine Teatro Marajá, por seleção através de concurso popular.

O Cine Teatro era um dos maiores e mais bem instalados da época, nada deixando a desejar em relação às casas de espetáculos das grandes capitais. Em 1973, a prefeitura comprou o prédio. A partir dessa data passou a ser denominado Cine Teatro “X de Novembro”, por um acordo entre o órgão público e o Grupo Dramático de Amadores X de Novembro.

O desgaste do tempo e algumas administrações mal sucedidas foram responsáveis pela decadência do cine-teatro. Por vários anos fechados, em 1988, passou pela primeira reforma. A segunda obra de renovação ocorreu em 1996, dessa vez com ampliação do palco, instalação de camarins e procênio automático entre outras melhorias.





**Figura 16 – Cine Teatro “X de Novembro”**

Fonte: Agenda 21 – São Francisco do Sul

A história escrita e falada de São Francisco do Sul prova que as artes e a cultura sempre tiveram considerável espaço na vida da cidade. É impossível fazer referência ao cine-teatro sem mencionar o grupo Dramático de amadores “X de Novembro”, um dos marcos importantes da história cultural da cidade. Fundado em 10 de novembro de 1941, por um grupo de idealistas que reunia jovens das mais diversas atividades e profissões, com alguma aptidão para a encenação teatral, o grupo visava o desenvolvimento artístico e cultural da juventude francisquense.

#### **3.1.1.1.9 Sede do IPHAN**

A sede do IPHAN no município também se encontra em um dos casarões do centro histórico. A casa de alvenaria, construção em estilo eclético, data do início do século XX foi adquirida pelo Instituto em setembro de 2001. Antes da transferência da autarquia federal para o imóvel, foi promovida a restauração total na construção, mantendo suas características originais.

### **3.1.1.2 Edifícios Particulares**

#### **3.1.1.2.1 Clube XXIV de Janeiro**

A imponente fachada, de frente para a Baía da Babitonga, desgastada pelo tempo, desperta a memória dos habitantes mais antigos para o glamour da vida social de São Francisco do Sul, no início do século XX. É o Clube XXIV de Janeiro. Fundado em 24 de janeiro de 1982 por um grupo de jovens francisquenses, teve como primeira sede um espaço nos Armazéns Hoepcke, onde permaneceu até 1984, até então com o nome de “Clube União Familiar”.

Por volta de 1893, o movimento revolucionário criou divergências políticas, comprometendo a harmonia entre os associados, o que resultou na extinção do nome “Clube da União Familiar”, passando a ser denominado Clube XXIV de Janeiro. Em 1905 foi instalado no atual edifício, cuja construção fora financiada pela tradicional Família Görresen.

A época áurea do clube permanece na história de São Francisco, não só como valioso patrimônio arquitetônico, mas também pelas lembranças de magníficas realizações sociais. Sua posição social e de aglutinação cultural se manteve por muitas décadas.

Em fevereiro de 1950, com o encerramento das atividades do Cine Radium, o clube serviu como sede provisória para o cinema que ali funcionou durante o período de construção do Cine Teatro.

Da edificação original do histórico clube pouco resta além da fachada principal e as paredes periféricas. O pavimento térreo sofreu intervenções, possibilitando a criação de pequenas lojas em forma de galeria, que trazem algum rendimento, para contribuir na manutenção básica do prédio. O segundo pavimento é formado por um grande salão aberto, com pé direito duplo, circundado por estreito mezanino, marcado por elegantes balaústres.



### **3.1.1.2.2 Casarão da Loja Koerich**

Uma das construções mais marcantes da Rua Babitonga é o casarão da Loja Koerich, construído em 1920, em alvenaria acompanhando o estilo luso-brasileiro. Tal como a maior parte dos imóveis da época, o sobrado servia de residência na parte superior, sendo o andar térreo destinado ao comércio. No início havia uma loja de produtos para a população do meio rural, tais como utensílios domésticos e de utilidade para as lides diárias.

Na década de 1980 o prédio passou por ampla reforma, com modificações internas para a instalação da Loja Koerich, que permanece no local até hoje.

### **3.1.1.2.3 Sobrado dos Carvalho**

O sobrado construído em princípios de 1900 pelo português José Alves de Carvalho, é uma das edificações do centro histórico que mais chama atenção pela beleza de suas linhas arquitetônicas. Na parte superior servia de residência familiar e no pavimento térreo abrigava uma padaria, um empório e um café.

Três gerações viveram no sobrado, sendo suas paredes testemunhas de grande parte da história da família Carvalho. O casarão abriga hoje a Zuliza Papelaria e a Joalheria Rubi. A fileira de oito portas no andar térreo e oito janelas no andar superior mantém a sua imponência de mais de um século, permitindo a constante visão da inigualável beleza da Baía da Babitonga.



**Figura 17 – Sobrado dos Carvalho**

Fonte: São Francisco do Sul – Passaporte 500 anos

#### **3.1.1.2.4 Sobrado da Família Assef**

O Sobrado da Família Assef guarda em si importantes fatos do contexto histórico de São Francisco do Sul, tanto pelas pessoas ilustres que o ocupavam, como pelo comércio que funciona no local desde 1843.

Em 1871 tornou-se residência da poetisa Júlia Maria da Costa, importante personagem na história de São Francisco. Era casada com o comendador Costa Pereira. Interessava-se por política e pelo espaço da mulher num mundo ainda reservado aos homens. Artista eclética, executava melodias ao piano, produzia painéis coloridos com o crayon. Fazia versos, muitos deles sobre seus sonhos não realizados e da sua tristeza por um amor secreto e impossível.

Nascida em Paranaguá, em 1844, Julia morreu em 1911 no município de São Francisco, doente e com fortes sinais de demência, sem concretizar o desejo de escrever um livro sobre seu amor. Há muito São Francisco e Paranaguá disputam a honra de ser a terra de Julia da

Costa. Em 1944, centenário de seu nascimento, seus restos mortais foram trasladados para sua terra natal.

O sobrado pertencia ao comendador Francisco Costa Pereira, que ali mantinha uma casa comercial desde 1843.

### **3.1.1.2.5 Casarão da Família Rhinow**

Segundo tradição oral o casarão Rhinow teria sido edificado na década de 1850, em uma vasta área de terras, por colonizadores alemães, o que explicaria as tendências germânicas da construção. Edificada sobre alicerces de pedra e cal, paredes de tijolos, possui 12 quartos, amplo sótão, entre outras dependências.

Depois de alguns proprietários, em 1933 a Comunidade Evangélica Luterana comprou o imóvel. Esta comunidade manteve no casarão uma escola alemã, com jardim de infância, aulas de alemão, piano e outras. A escola foi fechada em 1940, durante a ditadura Vargas, em função da Campanha de Nacionalização e posteriormente foi substituída pelo Instituto Brasil, cujo nome parecia afirmar a nacionalidade brasileira.

Em novembro de 1941, a Comunidade Evangélica vendeu a propriedade para Walter e Elza Rhinow.

No decorrer do tempo o casarão foi sofrendo modificações e adaptações, além de acréscimo de novas dependências, como varanda, cozinha, banheiros e muros de pedra. No entanto, a alameda de palmeiras continua imponente em frente à casa de cor vermelha, como registro mudo porém vivo, da história dos ocupantes da casa ao longo de mais de um século e como sentinela marcante que anuncia a entrada ao Centro Histórico de São Francisco do Sul.



**Figura 18 – Casarão Família Rhinow**

Fonte: São Francisco do Sul – Passaporte 500 anos

#### **3.1.1.2.6 Residência de Ernesto S. Thiago**

Construído em 1950, este patrimônio sobressai pelo seu estilo normando-suíço, encontrado em uma área de dez mil metros quadrados, com belos jardins e toda arborizada.

Em 1954, a propriedade foi adquirida por Ernesto Oliveira S. Thiago cuja família desde longa data faz parte da história francisquense. Destaca-se Arnaldo S. Thiago, professor formado, exerceu o magistério por muitos anos, desempenhou funções públicas no Ministério da Fazenda e mais tarde formou-se em Arqueologia no Museu Histórico Nacional (RJ) e foi membro “honoris causa” de importantes academias da Itália. Escritor de renome internacional publicou obras literárias além de diversos livros sobre o município de São Francisco.

#### **3.1.2 Forte Marechal Luz**

O Forte Marechal Luz guarda parte da história de São Francisco. A idéia de sua construção tomou corpo a partir de 1822, quando a Câmara Municipal solicitou ao Governo

Provisório da Província de Santa Catarina, a criação da Companhia de Artilharia, para fortificar os morros João Dias, Sumidouro, Ponta da Cruz, Hospício e demais pontos ameaçados pelos castelhanos. No entanto, somente em 1909 o Ministério da Guerra adquiriu, dos herdeiros das famílias Dias Bello e José Alves, as terras necessárias para a construção do Forte. Em seguida foram adquiridos terrenos ao pé do morro, onde hoje se localizam o quartel e demais dependências do complexo militar.

A posição do Forte veio eliminar a lacuna existente na defesa entre a Fortaleza Nossa Senhora dos Prazeres, na Ilha do Mel, e do Forte Marechal Moura, em Florianópolis. Além disso, significava proteção ao porto de São Francisco.

Situado no litoral norte de São Francisco do Sul, o Forte Marechal Luz fica a 15 Km do Centro Histórico da Ilha de São Francisco. É considerado um dos principais monumentos do patrimônio histórico da cidade e região e um atrativo de grande interesse turístico.

Das instalações originais no Morro João Dias continuam em perfeito estado de conservação a Bateria de canhões, o Posto de Observação, o Paiol do Corpo da Guarda e a Câmara de Tiro e Poço, conjunto transformado em museu. Inaugurado em 1999, o Museu do Forte preserva documentos, mapas, equipamentos rudimentares de comunicação, trajes de gala da Artilharia Brasileira entre outros objetos de grande valor histórico.

Na área junto à praia localizam-se o pavilhão central, as casas que abrigavam as tropas, com grau de conforto proporcional à hierarquia militar, a Capela de Santa Bárbara, padroeira dos artilheiros, o mirante, uma gruta com fonte. O Forte Marechal Luz é hoje utilizado como uma colônia de férias e abriga hóspedes da família militar. Todas as construções foram restauradas.



**Figura 19 – Forte Marechal Luz**

Fonte: <http://guiasantacatarina.com.Br/saofranciscodosul/fotosphp>

### **3.1.3 Ruínas do Leprosário**

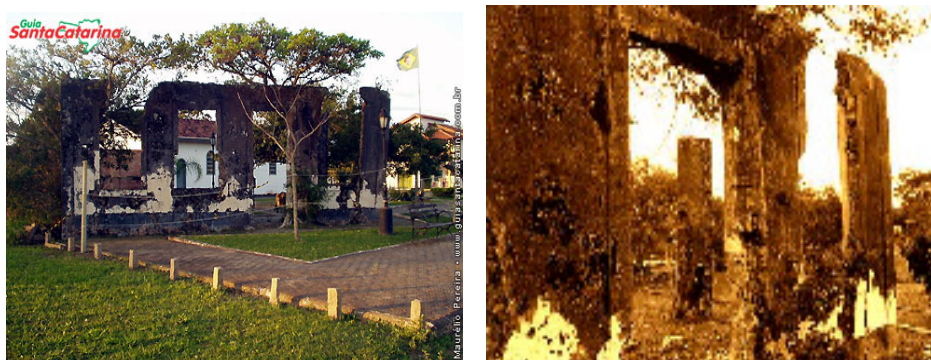
As ruínas do Leprosário, na época chamado de Lazaretto da Ponta da Costa, são remanescentes de um Monastério Beneditino, construído no século XVII por missionários e nativos. Já no século XVIII, os missionários quase todos haviam morrido, e com a dificuldade de acesso ao local, as instalações foram desativadas. Posteriormente teriam sido utilizadas pelos nativos como alojamento para criadores de cabras, o que rendeu ao local o nome de Capri, até que o Imperador D. Pedro II mandasse instalar no local um hospital para portadores de doenças contagiosas.

Em diversos períodos do século XIX eram frequentes nos núcleos populacionais do litoral, doenças como lepra, febre amarela, escorbuto e tuberculose. Assim, as comunidades

litorâneas desde Cananéia (SP) até Laguna (SC) migraram seus moribundos para o Lazareto do Capri, como era conhecido, em São Francisco do Sul.

Na cidade o pavor era geral, porque as doenças adquiridas pelos moradores, através do contato com tripulantes e passageiros que transitavam pelo porto, quase dizimou a população francisquense a partir de 1806.

O Leprosário cumpriu o papel de verdadeira Santa Casa de Misericórdia, com a colaboração de voluntários da religião católica no atendimento aos doentes. Ao falecerem, os corpos eram enterrados nas Ilhas próximas. Os moradores da região acreditavam que o vírus da lepra poderia continuar contaminando as pessoas, por isso raramente alguém se aproximava do local, ficando abandonado por muitos anos.



**Figura 20 – Ruínas do Leprosário**

Fonte: <http://guiasantacatarina.com.Br/saofranciscodosul/fotosphp>

Com a implantação do empreendimento “Capri Cidade balneária”, os investidores sensibilizaram-se em resguardar este patrimônio histórico, construído com pedras, cal de conchas e óleo de baleia. Com essa iniciativa, o Poder Público promoveu melhorias no acesso, limpeza e ajardinamento no local, transformando-o em um ponto histórico-turístico.

### **3.1.4 Capela Nossa Senhora da Glória**

A história da Capela Nossa Senhora da Glória teve início em 5 de abril de 1850, quando a região do Saí foi definida como 2º Distrito de São Francisco do Sul. No mesmo ano foi iniciada a edificação da capela, mas somente em 1855 recebeu sua cobertura.

A capela, que recebeu o nome de Igreja Matriz da Nova Freguesia de Nossa Senhora da Glória do Saí, desempenhou seu papel religioso e social na comunidade até 1912, quando foi demolida por encontrar-se em precárias condições. Aos 25 de março do mesmo ano foi autorizada a construção de uma nova capela. A inauguração do novo templo deu-se em 06 de agosto de 1917, em meio a grandes festividades.

Localizada em uma ampla área plana, a capela possui uma única torre lateral e na parte frontal, uma porta e uma janela. Uma cruz, com os dizeres “Unidos em Cristo”, identifica a realização das Santas Missões, evento periódico de reciclagem religiosa, realizada pela Igreja Católica, nas suas paróquias e comunidades.

O interior da Igreja preserva algumas peças de inestimável valor, que remontam ao início do século XX.

Desgastada por mais de oito décadas de existência, a Capela Nossa Senhora da Glória do Saí foi restaurada com recursos angariados através da campanha do “Livro Ouro”, venda de rifas, além de doações espontâneas. A re-inauguração ocorreu no dia 09 de agosto de 2002.





**Figura 21 – Capela Nossa Senhora da Glória**

Fonte: <http://guiasantacatarina.com.Br/saofranciscodosul/fotosphp>

A igreja, além de lugar para orações e outras atividades religiosas é também o ponto de encontro social e de integração da comunidade e a capela Nossa Senhora da Glória não foge à regra. Ligada à Paróquia Nossa Senhora da Graça, de São Francisco do Sul, a comunidade da Vila da Glória alimenta um antigo sonho, o de transformar a capela em Igreja Matriz, com a fundação da Paróquia de Nossa Senhora da Glória do Saí, reivindicação até hoje não atendida pela cúpula diocesana.

### **3.1.5 Ilha da Rita**

A Ilha da Rita possui importante papel na história de São Francisco do Sul, principalmente na primeira metade do século XX. A Ilha serviu de Base Naval de Abastecimento, contribuindo para o movimento do porto e para o desenvolvimento sócio-econômico do município.

Tudo começou em 1918, quando a Marinha adquiriu a Ilha que se localiza a 200 metros do continente, do canal José Dias de Almeida. A aquisição dessas áreas entende-se como uma prevenção do governo brasileiro, tendo em vista as mazelas da Primeira Guerra Mundial na Europa, que denotavam um prolongamento por tempo indefinido. São Francisco do Sul, cuja água era salobra, precisaria estar preparado para o fornecimento de água potável aos navios de

guerra, como também todos os navios mercantes que aportassem em São Francisco, para não comprometer o movimento do Porto e o desenvolvimento do município. Em 1937, o Governo Federal, decidiu transformar a ilha da Rita em uma base de abastecimento para navios. Por ocasião da Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945), a Ilha da Rita agregava mais uma função de considerável importância, a de excelente ponto estratégico de defesa. (SÃO FRANCISCO DO SUL 500 ANOS – CONSTRUÇÕES HISTÓRICAS)

Ainda de acordo com a referência citada, aos 8 de março de 1940 a base de Abastecimento da Ilha da Rita foi inaugurada, com a presença do Presidente Getúlio Vargas, marcando um dos mais importantes acontecimentos políticos da região.

Entre as décadas de 1940 – 1960, período de pleno uso da base, tornou-se pequena a população da Ilha. Eram cerca de 15 a 20 marinheiros, entre tenente, sargento e fuzileiros, originários de diversas partes do Brasil.

Existem diversas histórias e lendas que circundam a Ilha, principalmente voltadas a acontecimentos e a dúvida de quem seria a Rita. Segunda tradição oral, a Rita teria sido uma senhora, que recebera de autoridades francisquenses licença para desenvolver na Ilha sua pequena lavoura. A cessão de ilhas a particulares era bastante comum durante todo o processo de ocupação. Segundo fontes oficiais, a Ilha da Rita chamava-se anteriormente Ilha do Vicente Pinto, nome de seu legítimo proprietário. A mudança para o nome que conserva até hoje, continua sendo um mistério. (SÃO FRANCISCO DO SUL 500 ANOS – CONSTRUÇÕES HISTÓRICAS)

Com o passar do tempo as instalações começaram a apresentar problemas de manutenção. A base de combustíveis foi desativada e em 5 de março de 1968, o Ministério assinou um termo de entrega e recebimento para o Domínio da União da Ilha da Rita.

O antigo problema da falta de água na cidade de São Francisco fez com que no decorrer da década de 70, o porto utilizasse a Ilha da Rita como retaguarda às suas atividades. No entanto, mais tarde, a administração portuária construiu no próprio porto, um reservatório de

água, perdendo assim, a Ilha da Rita, sua função. Com uma pequena melhoria no trapiche, e uma manutenção regular do lugar, a Ilha transformou-se em ponto de visitação turística, principalmente para passageiros de embarcações de passeio. (SÃO FRANCISCO DO SUL 500 ANOS – CONSTRUÇÕES HISTÓRICAS)

O trabalho citado mostra que em 1999 a Univille \_ Universidade de Joinville, em projeto envolvendo professores, pesquisadores e alunos, começou a realizar estudos sobre a fauna e flora marítima, climatologia, oceanografia, monitoramento das águas e mapeamento geológico da Baía da Babitonga.

### **3.1.6 Sambaquis**

Consistem em elevações arqueológicas, antigas residências dos indígenas que viveram em suas imediações em várias épocas. Nessas elevações de conchas, com uma altura média de 5 a 8m, são encontrados instrumentos de pedras lascadas e polidas, ossos, esqueletos humanos e restos de fogueiras. Diversos sambaquis são encontrados no litoral francisquense, principalmente na Praia da Enseada.



**Figura 22 – Sambaquis**  
Fonte: <http://www.sfs.com.br>

## **3.2 Patrimônio Imaterial**

O Patrimônio Imaterial em São Francisco do Sul é riquíssimo, são inúmeras as manifestações culturais, o saber-fazer, a culinária, o folclore as tradições enfim a herança cultural que traduz a presença das várias etnias que compõem o povo francisquense.

### **3.2.1 Festas**

A festa é dos patrimônios imateriais mais significativos de uma sociedade. Ela tem a capacidade de trazer para a atualidade as experiências culturais vivenciadas por determinada população, desde longínquas épocas, e muitas vezes também apresenta a evolução cultural que esta população tem sofrido.

Segundo Ferreira (2001), o fenômeno festa é tão significativo para o homem que é possível se afirmar que não existe sociedade humana sem festa. Antes da invenção dos modernos meios de comunicação, as festas constituíam a principal manifestação da atividade pública. “Eram momentos de afirmação da identidade coletiva, através dos quais o indivíduo tomava consciência de seu “pertencimento” a determinado grupo. A festa era também um “lugar simbólico” através do qual eram veiculados os valores e as crenças do grupo”. (FERREIRA, 2001, p 15)

Para Bakthin (1987, p. 7), as festividades (qualquer que seja o seu tipo)

são uma forma primordial, marcante da civilização humana. Não é preciso considerá-las nem explicá-las como um produto das condições e finalidades práticas do trabalho coletivo, nem, interpretação mais vulgar ainda, da necessidade biológica de descanso periódico. As festividades tiveram sempre um conteúdo essencial, um sentido profundo, exprimiram sempre uma concepção do mundo.

Ferreira (2001, p 15), afirma que

mesmo contrariando as práticas intencionalmente concebidas no momento da festa, os usos e costumes mais profundos vivenciados pela cotidianidade e entranhados no inconsciente afloram, mostrando a verdadeira face de um povo, moldada através da cultura. Dessa forma, é possível extrair os elementos de identidade mais significativos de uma determinada cultura, bem como entender estes elementos como um sistema de comunicação, que permite ao observador avaliar como o passado e o presente se articulam no interior desta cultura e as várias formas de identidades que são ao mesmo tempo ressignificadas, assumindo novos aspectos.

O município de São Francisco possui um número relevante de festas. Algumas delas são festas tradicionais que, conforme exposto, trazem em si a história e a identidade do seu povo. Outras consideradas mais recentes acompanharam a evolução cultural da sociedade ou foram criadas para atrair os turistas.

### **3.2.1.1 Festas Religiosas**

Ao lado da religião católica, praticamente indistinta em todo o mundo a história sempre revelou inúmeras religiões, diferentes, elaboradas pelas populações de cada região particular do planeta, como expressão concreta da diversidade dos seus modos de vida.

O município de São Francisco do Sul possui uma tradição grandiosa e complexa, em linhas gerais, tornando-se importante levantar aquelas manifestações mais significantes desta forma de cultura.

Destacam-se entre as comemorações ligadas a religiosidade do município principalmente as festas:

- **Festa do Divino Espírito Santo:** tem origem em secular comemoração portuguesa que remonta à Idade Média, quando a rainha, esposa de D.

Diniz, rei de Portugal, fez promessa de festejar solenemente o Divino Espírito santo, caso o rei e seu filho terminassem a guerra que entre si faziam. Esta tradição se transplantou de Portugal e chegou à Santa Catarina, permanecendo muito viva. As homenagens ao Espírito Santo têm início com as Bandeiras visitando as casa dos fiéis, recolhendo ofertas e esmolos que serão utilizadas na grande festa. No domingo de Pentecostes acontece a Festa do Divino, começando com o Cortejo do Imperador, da Imperatriz e seu séquito de empregados, familiares e devotos até a igreja, onde acontece a celebração da Santa Missa. A Festa do Divino Espírito Santo oferece também um grande almoço.

- **Nossa Senhora da Graça:** Essa Santa é conhecida e venerada há séculos em São Francisco. É a padroeira da paróquia desde sua fundação em 1665. O dia 08 de setembro em que a Igreja festeja a Natividade, a data do nascimento de Maria Santíssima, foi instituído no século VII, pelo Papa Sérgio I, em bula, quando tal acontecimento foi incluído na liturgia católica.

### 3.2.1.2 Festas Tradicionais

Existem também as manifestações da cultura francisquense que não estão ligadas à religião. São datas comemorativas ou apenas formas que o povo de São Francisco tem para transmitir sua cultura e deixá-la viva. Algumas dessas festas acompanharam as mudanças culturais na sociedade e apresentam costumes mais recentes. Apresentaremos as festas que são consideradas de maior relevância para o município:

- **Festilha – Festa de Tradições da Ilha:** foi criada em 1988, buscando resgatar as tradições e folclore do povo de São Francisco do Sul. Realiza-se no mês de abril, na Rua Babitonga e combina elementos de tradições

herdadas pelos portugueses com atrações consideradas mais modernas com o objetivo de atrair turistas. Com diversos shows, pratos típicos, barrquinhas, iguarias do mar, artesanato, serestas entre outras atrações reúne inúmeros visitantes da região e até mesmo de outros estados.

- **Carnaval:** Segundo historiadores, o carnaval francisquense teve seu início em 1892, quando da fundação do Clube XXIV de Janeiro e primeiros passos do Clube Republicano. Daí para frente foram surgindo as novas sociedades promovendo animados bailes, tornando o município conhecido tanto em Santa Catarina quanto nos estados vizinhos como um dos melhores carnavais de salão do sul do Brasil. Surgiram Blocos e Escolas de Samba, cujas exhibições deixaram marcas indeléveis e recordações agradáveis no povo francisquense. Nos dias de festa os foliões amanhecem brincando a beira-mar ou nos salões do Clube, que desde 1976 mantém o baile de gala mais luxuoso de Santa Catarina. Ainda hoje, o carnaval de São Francisco mantém sua tradição, contando com vários Blocos e Escolas de Samba, que procuram nas suas exhibições, na passarela da rua da Babitonga, animar o povo. Nas praias o carnaval sofreu uma evolução cultural, e oferece, principalmente aos jovens, bastante badalação e agito.



**Figura 23 – Carnaval Centro Histórico**

Fonte:<http://www.belasantacatarina/saofranciscodosul/>

Entre estas festividades ainda é possível destacar a FECAM – Festa do Camarão que acontece em abril, a FENAPESCA – Festa Nacional dos Pescadores, no Balneário de Enseada e a comemoração do aniversário do município no dia 15 de abril.

### 3.2.2 Grupos Folclóricos

Um dos traços marcantes da cultura francisquense é a existência e a continuidade dos seus grupos folclóricos. Entre os mais tradicionais, destacamos:

- **Dança do Vilão:** É de origem africano-portuguesa, porém, provinda do estado de São Paulo, apareceu em São Francisco por volta de 1920 e era apresentada nos terreiros das grandes fazendas e engenhos, sempre após as colheitas. Possui grande semelhança com a dança “Moçambique” de uma das cidades paulistas, justificando-se assim sua procedência. Hoje, com a colaboração da prefeitura Municipal, a “Dança do Vilão” é apresentada em todas as datas festivas da cidade. Desde sua criação até os dias atuais, é praticada no Bairro do Rocio Grande, localidade de Morro grande, logradouro do município francisquense. O município de São Francisco é o único no Brasil, onde se mantém essa tradição.
- **Boi – de – Mamão:** Essa manifestação folclórica apresenta-se no território brasileiro de diversas formas. Dentre os autos populares parecemos o mais generalizado. Aparece no ciclo de Natal, porém atualmente sua frequência é mais constante no festejo pré-carnavalesco. No norte e nordeste é conhecido como Boi – Bumba e Bumba – Meu – Boi e sua apresentação é mais dramática. Em Santa Catarina se apresenta um boi de criação muito graciosa, com coreografia muito alegre, encantando principalmente as crianças. Acredita-se que sua origem vem dos totens de certas tribos da África, das quais saíram escravos para o Brasil. Outra



hipótese de sua origem recai sobre o bezerro de ouro construído pelos hebreus. Alguns encontram também influências indígenas. O fato de ser conhecida como Boi – de – Mamão apenas na região de Santa Catarina explica-se pelo fato de ter-se usado uma cabeça de boi esculpida em mamão descascado em vez de uma cabeça autêntica. Outra versão, porém pouco aceita, diz que o nome vem do boi que mama.

- **Pau – de – Fita:** A dança do Pau – de – Fita, no folclore catarinense, é apresentada por vários grupos, cuja formação étnica é responsável pela diversificação da nossa cultura popular. Sua origem é portuguesa e está associada à dança dos Arcos de Flores e a Jardineira. Trata-se de uma das apresentações mais lindas do folclore franciscano, dançada em grupos pares, por damas e rapazes em torno de um mastro que traz na ponta superior um par de fitas coloridas para cada casal.
- **As Pastorinhas:** É uma dança de origem portuguesa trazida à São Francisco por volta de 1822. A ideologia deste folclore em suas apresentações era, em épocas natalinas arrecadar donativos para pintura e reforma da Igreja Matriz, como também ajudas beneficentes diversas. Sempre foi divulgado por jovens moças da ilha, porém foi se perdendo com o tempo. Em 1950, um grupo de moças resgatou e apresentou a manifestação em várias residências e comércio. Mais tarde, por volta de 1987, rebuscando tradições folclóricas, foi ativada sob a Coordenação da professora Norma Terezinha Carvalho Lopes e sua família. Atualmente, no resgate da memória e das tradições, grupos de estudantes apresentam a dança em festividades escolares e demais eventos da comunidade.
- **Pão Por Deus:** Representa um dos hábitos mais delicados do passado franciscano. Trata-se de um coração ou outra figura de papel acetinado e de cor, todo recortado, tendo comumente quatro faces que se justapõem com o centro e uma pequena franja rendilhada. Em quadrilhas afetuosas,

escritas na face interna, que se pede a dádiva, não pelo prazer material de ganhá-la, porém pela satisfação de ter uma lembrança da pessoa a quem se quer bem. O coração que lá se vai atrás do Pão Por Deus é, em geral, um emissário discretamente apaixonado do outro coração. Com o advento da FESTILHA – Festa das Tradições da Ilha, procurou-se resgatar o hábito das trocas do Pão Por Deus, que o tempo e a modernidade tentaram apagar da mente do povo franciscano.



**Figura 24 – Grupo Folclórico**

Fonte: <http://www.belasantacatarina/saofrancisco/>

### **3.2.3 Gastronomia**

A gastronomia é muito mais que uma simples arte culinária. Ela expressa a cultura popular, além de permitir que sejam percebidos hábitos e comportamentos dos habitantes de cada região em variadas épocas.

Segundo Santos; Antonini (2004, p 256-257) “a gastronomia típica se traduz na arte de comer bem, se relaciona com o turismo, e é um dos elementos mais destacados na história de um povo”. Para Ignarra (2001), a gastronomia típica é muito valorizada pelo turista que frequenta os restaurantes indicados como representativos da cozinha tradicional do lugar.

O costumes culinários de um povo mostra não só seus gostos e paladares, mas também indícios de suas características geográficas, das influências recebidas de outros povos, das adaptações realizadas de acordo com as necessidades encontradas em cada região e da evolução cultural sofrida no decorrer dos anos.

Em São Francisco, os dois elementos principais do complexo culinário são o peixe e a farinha de mandioca. Devido aos problemas ocorridos com o desenvolvimento da agricultura em São Francisco, o caldo de peixe com pirão de água acabou se tornando o prato mais comum dos francisquenses. Entretanto, a rica fauna marinha local propiciou um desenvolvimento maior da rica gastronomia de frutos-do-mar. Constan como pratos tipicamente do município: Berbigão com chuchu; Pastel e bolinho de berbigão; Lambe dedo na casca; Tainha recheada com ovas e farinha de mandioca; Camarão com chuchu; Camarão ensilhado; Siri com arroz; Cambira defumada na fumaça da madeira de goiabeira verde; Caranguejo com pirão de feijão, entre outros.

À mesa se agregam os elementos do complexo da mandioca, além da farinha o biju, o bolo de mandioca, bananada de farinha de mandioca assada, frita ou cozida, roscas de polvilho com mandioca, herdados da tradição Carijó.



**Figura 25 – Gastronomia**

Fonte: São Francisco do Sul – Passaporte 500 anos

Porém, a mesa do francisquense não se constitui apenas de frutos do mar e mandioca. A condição portuária proporcionou relações culturais que intensificaram o consumo de produtos como, por exemplo, o charque e a lingüiça. Na FESTILHA, o carro chefe é o pirão d'água com lingüiça frita.

Outros traços da gastronomia francisquense são, a utilização de grandes quantidades de temperos verdes e de fortes doces, comuns no feijão temperado com bananas, no mamão ensopado, no aipim com melado. As bebidas caracterizam-se por licores de erva e frutas, a gengibirra, a garapa e butiá na cachaça.

Como citado anteriormente, o patrimônio histórico e cultural de São Francisco do Sul é pouco explorado pela atividade turística. Com base nessa informação, o presente trabalho busca sugerir uma forma de utilização dos recursos apresentados pelo turismo, visando maximizar os efeitos positivos que este pode acarretar a uma localidade. Para tanto, torna-se importante se embasar em um primeiro momento nos aspectos conceituais do turismo e turismo cultural, expostos no capítulo a seguir.

## 4 TURISMO

Nestas últimas, décadas a atividade turística tem se destacado fortemente ultrapassando os setores convencionais e chamando cada vez mais a atenção da sociedade. Sua abrangência nos diversos setores, faz com que parte considerável da população tenha participação no processo turístico, direta ou indiretamente. O turismo tem papel muito importante nas transformações das destinações, sendo uma atividade que não é formada por si só, e com o seu fortalecimento, setores que a sustentam, crescem concomitantemente.

A atividade tem suas raízes nos primórdios, porém, de acordo com a OMT (2003), é considerada relativamente jovem sob o ponto de vista socioeconômico e de caráter multidisciplinar. Devido a isto, há uma ausência de definições claras que delimitem a atividade turística e a distingam de outros setores. Andrade (2001), aponta que são raros e deficientes os estudos a respeito da sistemática de sua filosofia e de sua aplicação às diferentes realidades.

O turismo é, segundo Lickorish e Jenkins (2000), uma atividade que ultrapassa os setores convencionais da economia. Ele requer dados de natureza econômica, social, cultural e ambiental. Nesse sentido, é freqüentemente descrito como uma atividade multifacetada, outro motivo que contribui para a dificuldade em se definir o fenômeno.

Beni (2002), expõe que se pode identificar no campo acadêmico, nas empresas e nos órgãos governamentais três tendências para a definição de Turismo:

- Econômica – que reconhece apenas as implicações de ordem econômica ou empresarial da atividade;
- Técnica – tem funções estatísticas com o objetivo de controlar o tamanho e as características dos mercados turísticos, buscando diferenciar os turistas dos demais viajantes;

- Holística – que procura abranger a essência total do assunto.

Porém esta visão do autor acaba tornando-se simplista diante da grandeza de aspetos que a atividade atualmente engloba. Entre estes aspectos encontra-se o social, muito discutido na academia e preocupação constante dos planejadores da área. Neste sentido verifica-se a importância de acrescentá-lo aos citados por Beni. Na visão de Barreto e Banducci (2001, p8)

O turismo ao mesmo tempo constitui um fenômeno social, dado que implica o deslocamento de grandes contingentes de pessoas que passam a ser habitantes temporários de locais nos quais não residem, ocasionando múltiplos impactos nessa sociedade receptora. É um fenômeno social também porque faz parte das necessidades criadas pelo mundo moderno.

Diante disso, busca-se definir o turismo em primeiro momento diferenciando o fenômeno do termo viagens. O termo viagens segundo Lickorish e Jenkins (2000), se refere a qualquer deslocamento realizado por uma pessoa, entre um ou mais países ou entre uma ou mais localidades dentro do país de residência, independente do motivo ou do meio de transporte utilizado.

Já o turismo, ainda na visão dos autores, se refere aos deslocamentos que pessoas realizam para lugares distintos do seu entorno habitual, levando em consideração os motivos que a levaram viajar, as atividades e os gastos dessa pessoa no destino visitado. Assim, Andrade (2001, p. 38), afirma que também sob a denominação de turismo

estão todos os serviços necessários para atração de todas as pessoas que empreendam viagens por lazer ou por necessidade, subsidiando-as no atendimento aos requisitos legais, às necessidades de passagens, reservas hoteleiras, roteiros, guias e uma vasta gama de outros serviços. Conforme as exigências, as necessidades, os desejos e o poder aquisitivo de todos quantos se dirigirem as agências de turismo ou de viagens em busca de programas e serviços.

Barreto (1999, p.14) acrescenta ainda que

outro elemento essencial para definir o turismo é todo o arcabouço, toda a preparação envolvida. Para que uma pessoa possa viajar existe toda uma equipe que faz o planejamento do receptor e que presta serviços no local; que providencia vias de acesso, saneamento básico, alojamento, alimentação, recreação

Desta maneira é possível corroborando com Rejowski (2002), afirmar que a viagem turística apesar de possuir elos de ligação ou semelhanças com as viagens realizadas na antiguidade, só pode ser configurada a partir da Revolução Industrial e a consolidação do capitalismo. Antes desse advento temos registros de viagens que, mesmo tendo contribuído com o desenvolvimento do turismo, não podem ser consideradas turísticas.

Herman Von Schllern (*apud* BENI, 2002, p. 34), em 1910, definiu o turismo como “a soma das operações, principalmente de natureza econômica, que estão diretamente relacionadas com a entrada, permanência e deslocamento de estrangeiros para dentro e para fora de um país, cidade ou região”.

Segundo a OMT (2003, p. 18), o turismo se refere às “atividades das pessoas que viajam e permanecem em lugares fora de seu ambiente habitual por não mais de um ano consecutivo para lazer, negócios ou outros objetivos”.

Andrade (2001, p.38), define a atividade como sendo o “conjunto de serviços que tem por objetivo o planejamento, a promoção e a execução de viagens, e os serviços de recepção, hospedagem e atendimento aos indivíduos e aos grupos, fora de suas residências habituais”

A partir do século XIX, o turismo passou a ser a forma mais procurada de lazer e, na atualidade, fazer turismo tornou-se uma aspiração de todos os incluídos na sociedade global de consumo.

O turismo é o conjunto de deslocamento voluntário e temporal determinado por causas alheias ao lucro; conjuntos de bens, serviços e organização que determinam e tornam

possíveis estes deslocamentos e as relações e fatos que entre aqueles e os viajantes têm lugar (ARRILLAGA, 1976)

Como visto, existem várias definições para o fenômeno turístico. Barretto (1999, p. 13), aponta que os elementos mais importantes nas definições existentes são “o tempo de permanência, o caráter não lucrativo da visita”. A autora afirma ainda que outro elemento importante porém pouco analisado pelos autores é a procura pelo prazer por parte dos turistas.

Beni (2002), afirma que a dificuldade para uma definição precisa e abrangente de turismo, deve levar em conta o fato de que o fenômeno é tão grande e complexo que se torna praticamente impossível expressá-lo corretamente, e, por isso, os diversos autores preferem observar os aspectos parciais.

Ainda corroborando com o autor, o fato de o turismo encontrar-se ligado, praticamente, a quase todos os setores da atividade social humana é a principal causa da grande variedade de conceitos, todos eles válidos se circunscrevem aos campos em que é estudado.

Masina (2002), afirma que existem inúmeras atividades e serviços que ajudam a compor o produto turístico e muitas vezes tornam determinantes a escolha e o grau de satisfação de um turista na localidade. Hospitalidade, meios de hospedagem, gastronomia, transportes, produtos locais além dos atrativos, sejam estes naturais ou artificiais que proporcionem lazer e entretenimento e até mesmo descanso.

Observando a diversidade de áreas que o turismo conglomerava, seja direta ou indiretamente, a OMT (2003), enfatiza a grande importância da atividade na economia devido a sua elevada contribuição para a região receptora. Para Andrade (2001), a atividade tem-se mostrado como importante fonte de captação de recursos, geração de renda, movimentação da economia, além de outras vantagens como crescimento da oferta de empregos, entrada de divisas que ajudam a equilibrar a balança de pagamentos e aquecimento da atividade empresarial.



Existem vários tipos de turismo e Andrade (2001), destaca que isso se deve ao fato de existirem diversas motivações e expectativas que devem ser atendidas. O autor afirma ainda que os diferentes modos de educação, a desigualdade dos níveis pessoais e grupais, assim como, do poder aquisitivo, além de diversificação etária e das oportunidades e necessidades atendíveis de cada pessoa, também podem contribuir para diversificar as opções dentro do mercado turístico.

Entre as diversas formas de turismo podemos destacar o turismo cultural, que por estar intrinsecamente relacionado com a proposta de estudo será analisado mais detalhadamente a seguir.

#### **4.1 Turismo Cultural**

Desde o início, o turismo vem demonstrando grande ligação com o aspecto cultural, sendo que esta ligação, com o passar do tempo, vem se tornando cada vez mais forte. Kother (In: BOFF; GONÇALVES, 2001, p. 108), mostra que o interesse pelo patrimônio histórico e cultural colaborou na constituição de muitos destinos turísticos no decorrer da história. A autora demonstra também que “historicamente, podemos comprovar de inúmeras maneiras a inter-relação de turismo e patrimônio histórico, da qual podemos extrair as vantagens mútuas tanto em benefícios de um como de outro”.

A relação entre turismo e cultura é de extrema importância, sendo considerada por alguns autores como essencial, numa visão que demonstra que não pode haver turismo sem cultura e que conseqüentemente o turismo passa a ser um forte contribuinte para sua manutenção e conservação. Independente da motivação todas as movimentações implicam contato humano e cultural, trocas de experiências entre os turistas e a comunidade local, ou seja, além de um importante instrumento de promoção social e de dinamização econômica, o turismo é também uma atividade cultural.

Conhecer lugares, assistir à apresentação de manifestações artísticas, degustar pratos peculiares de cada região, compartilhar com os nativos experiências, conhecer elementos que dizem respeito a pessoas e suas emoções. Se considerarmos a cultura como um processo dinâmico, em que novos usos são dados aos produtos culturais, também o turismo participa desse processo.

Assim, é possível afirmar que todo turismo envolve aspectos culturais, porém nem todo turismo é cultural. Isto por que o que caracteriza o turismo cultural é a maneira como se vê e não o que se vê, desta forma um turismo, desenvolvido de forma massiva, por exemplo, pode envolver muitos aspectos culturais, porém, não poderá ser classificado como turismo cultural.

O turismo cultural exige contato com a população local, uma interação do turista com a localidade e seus aspectos culturais. Não é possível caracterizar como turismo cultural a realização de uma visita superficial, em que o turista não vivencie o que está visitando. Muitos locais possuem aspectos culturais a serem visitados, porém as manifestações são adequadas ao gosto do turista, visando atrair maior número de pessoas e fazendo com que o produto perca sua autenticidade.

Existem também locais que recebem milhares de turistas que apenas passam pela localidade sem saber o significado que o patrimônio material ou imaterial possui para a mesma. Não possuem envolvimento nenhum com o local, e o patrimônio histórico e cultural acaba se tornando apenas fonte de lucros. Estas características fogem aos aspectos do turismo cultural.

De acordo com Barretto (2001, p.19) entende-se por turismo cultural “todo turismo em que o principal atrativo seja algum aspecto da cultura humana, podendo ser a história, o cotidiano, o artesanato ou qualquer outro dos inúmeros aspectos que o conceito de cultura abrange”.

Para Andrade (2001, p. 71),

O turismo cultural é típico, pois se efetua de maneira diversa dos demais tipos de turismo, que geralmente se caracterizam pela permanência da preocupação e das atividades que se traduzem em lazer, repouso e descompromisso [...] As características básicas ou fundamentais do turismo cultural não se expressam pela viagem em si, mas por suas motivações, cujos alicerces se situam na disposição e no esforço de conhecer, pesquisar e analisar dados, obras ou fatos, em suas variadas manifestações.

Groch (In: BOFF; GONÇALVES, 2001), ressalta que as pessoas procuram um encontro com emoções artísticas, científicas, de formação e de informação, através do turismo cultural. O turismo cultural tem como principal foco o patrimônio histórico e cultural das comunidades, e as discussões acerca desse tema contribuem para o desenvolvimento da atividade turística, buscando a preservação da herança patrimonial, da memória, identidade e cultura de um povo ou de uma região.

Verifica-se uma aproximação entre o local e o turista. O turista demonstra interesse em conhecer, valorizar e preservar as manifestações materiais e imateriais do local que visita. De acordo com Santos (2001, p.112),

[...] o turismo cultural assenta-se justamente na busca de conhecimento de tudo aquilo que convencionamos chamar de patrimônio histórico, artístico e cultural. O patrimônio deixado por antigas civilizações continua a despertar o interesse de turistas que se deslocam para todas as partes do mundo, com o objetivo de conhecê-lo, mesmo que esteja em ruínas.

Essa forma de turismo abrange tanto as culturas próprias do turista quanto a que ele pode assimilar ou não em suas experiências e contatos com novas realidades e convivências diferentes das habituais, como o conjunto de hábitos e criações. (GROCH In: BOFF; GONÇALVES, 2001)

O autor destaca ainda que o turismo cultural vem se desenvolvendo bastante nas últimas décadas, devido principalmente, à mudança no perfil do turista, que tem ocorrido através da busca pela base cultural nos marcos e nas raízes históricas. Barretto (2001), expõe que essa mudança no perfil dos turistas tem contribuído para uma valorização dos museus e dos

patrimônios históricos, que passaram a ser fortes atrativos turísticos, revertendo-se em benefício para as comunidades que os contém.

Kother (In: BOFF; GONÇALVES, 2001), considera que o turismo é constituído por uma gama de serviços, cuja existência é atribuída somente em função dos atrativos, que consequentemente, estão atribuídos à motivação. Sendo assim, a autora afirma que o patrimônio histórico, por possuir um forte caráter diferencial e exercer atração ao consumidor, é um produto turístico.

Porém, o turismo deve ser considerado com muito cuidado. Quando o turismo cultural é desenvolvido em destinações turísticas pode tomar dois rumos diferentes, dependendo da forma como é planejado e desenvolvido. Bezerra de Menezes (1996, p.99), afirma que “o tipo de turismo que propusermos e praticarmos dependerá do tipo de relações que julgarmos aceitáveis e desejáveis entre os homens, isto é, do modelo de sociedade pelo qual optamos”.

O turismo quando não segue as características e preocupações presentes no turismo cultural e acaba atraindo um grande número de pessoas, e desenvolvendo características presentes no turismo de massa, pode acarretar diversos impactos negativos às localidades, e sua comunidade local e cultura.

As forças do mercado que movem o turismo tendem a transformar alguns sítios históricos em meros cenários e as comunidades que aí vivem em museus performáticos de práticas patrimoniais, convertendo-as num pastiche irrelevante de si mesmas, com poucas ou nenhuma ligação com seu presente, num parque de diversões para o deleite de visitantes, que aí deixam seu dinheiro. (MURTA; ALBANO, 2002, p. 140)

Nessa forma de utilização não existe preocupação com a autenticidade da manifestação que está sendo mostrada ao turista, nem mesmo com a comunidade local ou com a preservação do patrimônio, este se torna um mero objeto a ser consumido pelos turistas. Menezes (2004, p.26-27), aponta que a massificação desse consumo pode transformá-lo radicalmente, podendo, até mesmo destruí-lo.

Produtos midiáticos são construídos para serem consumidos de forma rápida e substituídos por outros novos com o objetivo de dar vazão a um mercado constantemente estimulado e agressivo. O patrimônio histórico pode, ao ser apropriado como produto turístico, ser um evento de consumo massificado que o coloca em risco de destruição (para ser substituído por outro). Retomá-lo após esse consumo voraz costuma ser tarefa difícil.

Considerando os impactos causados pelos turistas nas regiões visitadas, Barretto (2001), considera que os turistas de massa são os que mais acarretam impactos negativos ao meio e à cultura, mesmo sendo os que têm menos contato com o local e com a população local. A autora cita ainda que as críticas principais referem-se à transformação do legado cultural em bens de consumo.

A busca dos elementos característicos e diferenciais de cada cultura aparece como uma necessidade de mercado, a cultura autóctone é a matéria-prima para a criação de um produto turístico comercializável e competitivo internacionalmente. O legado cultural, assim transformado em produto para o consumo, perde seu significado. A cultura deixa de ser importante por si mesma e passa a ser importante por suas implicações econômicas. A história não é importante porque mostra as raízes, mas porque traz dinheiro.(BARRETTO, 2001, p. 48)

Na visão de Ruschmann (2001), os principais problemas dessa forma de desenvolvimento podem ser a descaracterização do artesanato, quando sua produção é voltada unicamente para o consumo dos turistas, perdendo sua função original e utilitária, transformando-se em simples itens de decoração. A autora fala também da vulgarização das manifestações tradicionais, na ânsia de suprir as necessidades mercadológicas do turismo e a preferência dos turistas, os planejadores da atividade transformam cerimônias tradicionais, festivais e costumes em encenações, shows preparados, levando a trivialização da cultura e à perda de autenticidade, já citada, além da destruição do patrimônio que ocorre devido ao número excessivo de turistas visitando o mesmo lugar ao mesmo tempo e as ações predatórias dos mesmos.

Menezes (2004), afirma que a transformação do patrimônio, comunidades e culturas em produto de consumo massificado tem provocado problemas sérios na preservação e conservação do patrimônio material, da autenticidade, além da exclusão social de parcela de sua

população. O autor complementa dizendo que o planejamento turístico dessas municipalidades, ainda, não atendeu a questões de infra-estrutura que podem preservar a cidade e incluir a sua população no usufruto do bem patrimonial que elas são e no bem de consumo em que elas se transformaram.

Estes conflitos, entretanto, não devem sugerir uma visão fatalista da situação. Não existem receitas prontas de como se deve equacionar a relação entre o turismo e patrimônio. Além disso, já é fato que, quando devidamente planejado e desenvolvido, o turismo cultural traz inúmeros benefícios ao patrimônio histórico cultural, além de auxiliar na preservação da memória e identidade de comunidades que desenvolvem a atividade. (NEVES, In: MARTINS, 2003)

Quando o patrimônio de uma comunidade é substancialmente o que ela tem de melhor para oferecer aos visitantes, proteger esse patrimônio torna-se essencial, e, o turismo cultural sendo desenvolvido nestes locais pode se tornar um vetor de preservação do patrimônio, justificando o ato de preservá-lo.

Kother (In: BOFF; GONÇALVES, 2001, p. 106), afirma que

Se por um lado o patrimônio foi um motivador para o desenvolvimento do turismo, por outro, o turismo foi responsável pela preservação desse patrimônio, pois embora reconhecida a importância do legado cultural, os edifícios não tinham um sentido sócio-cultural que levasse a sua restauração, preservação e conservação.

O patrimônio histórico e cultural é, sem dúvida, um produto turístico que exerce sobre o consumidor atração, uma vez que possui um forte caráter diferencial. Podemos constatar que quando o patrimônio está considerado com a devida importância que lhe cabe é cercado por uma estrutura de suporte para o turismo, encontramos um desenvolvimento significativo, auxiliando também a preservação.

Segundo Rodhen (In: BOFF; GONÇALVES, 2001, p. 112),

O turismo cultural, como atividade sustentável, tem a vantagem de ampliar as oportunidades para atividades econômicas diversas, aumentando as formas de desenvolvimento, enquanto se conservam as características que tornam peculiares as comunidades. A chave para o turismo cultural sustentável, portanto, é a construção de uma ponte entre a preservação e o turismo.

A sustentabilidade aplicada ao turismo cultural estaria voltada a um desenvolvimento da atividade em que o patrimônio material ou imaterial seja preservado pelo seu próprio funcionamento e utilização social, sem a criação de situações artificiais de preservação que findam quando o investimento termina. Prioriza o envolvimento com a comunidade, busca oferecer uma experiência satisfatória ao turista e traz benefícios econômicos aos envolvidos. Procura que o desenvolvimento do turismo seja um incentivador da preservação do patrimônio histórico e cultural. Não é uma atividade que não gera impactos negativos, mas sim procura minimizá-los e maximizar os positivos.

O turismo é uma ferramenta muito positiva quando está ligada a planos de preservação ou a modos de intervenção. Da mesma forma, é compatível e comprometido com o fortalecimento da identidade e com a preservação da memória.

Neste sentido, o turismo cultural, quando sustentável, trabalha com a revitalização da história de uma comunidade, e a partir deste, colabora com a preservação da memória e da identidade desta. A partir destes atos, a comunidade local passa a ter um contato mais estreito com o patrimônio histórico e cultural, material e imaterial, conhecem seu significado, para seus antepassados, e, assim entendem a necessidade de também preservá-lo. Além disso, o turista tem contato com um patrimônio autêntico, sem encenações, contribuindo também para conscientização e conhecimento do próprio turista.

Para Barretto (2001, p. 47), a recuperação da memória e da identidade leva ao conhecimento do patrimônio e este, à sua valorização por parte dos próprios habitantes do local. Macena, nos mostra que

Quando existe o envolvimento da comunidade local no desenvolvimento do turismo cultural, esta pode estar vivenciando, incorporando sua cultura, sua história para demonstrá-la ao visitante. Isto permite que os autóctones vivam cada vez mais suas crenças, tradições e, por conhecer sua história e possuir uma identidade, eles passam a valorizar mais e mais o patrimônio histórico cultural daquele espaço.

Por outro lado, com a comunidade envolvida no desenvolvimento da atividade turística, o visitante terá a possibilidade de se encontrar com um patrimônio autêntico, sem encenações, contribuindo também para conscientização e conhecimento do próprio turista.

Caracterizando impactos culturais positivos do turismo, Ruschmann (2001), evidencia a valorização do artesanato quando a partir do interesse dos turistas a sua produção, que muitas vezes, se apresenta quase extinta, acaba sendo revitalizada; valorização da herança cultural quando o turismo auxilia os residentes a apreciar sua própria cultura proporcionando o fortalecimento da identidade local; orgulho étnico, quando as comunidades passam a sentir orgulho da originalidade dos recursos e das características culturais da sua localidade; valorização e preservação do patrimônio histórico, diante do seu potencial de atratividade turística, os monumentos e prédios de valor histórico passam a receber atenção dos governos e instituições provadas, que os restauram e os conservam.

Dessa forma, Rhoden (In: BOFF; GONÇALVES, 2001, p. 114) expõe que o turismo cultural difere claramente do turismo em geral, por isso propõe diferentes desafios:

- 1 – equilibrar preservação e proteção com promoção;
- 2 – estabelecer o controle do crescimento segundo a capacidade dos recursos históricos, naturais e culturais;
- 3 – resguardar a autenticidade ao invés de fazer concessões para construções incompatíveis;
- 4 – difundir temas delicados relacionados com a cultura, sem explorar grupos étnicos;
- 5 – entender o que os moradores querem compartilhar e quais os lugares especiais que eles querem manter preservados, somente para o desfrute local.

Estas considerações propostas pelos autores podem se caracterizar em uma visão utópica do turismo cultural, que muitos acreditam que jamais serão alcançados. Porém são considerações necessárias para desencadear as primeiras ações voltadas a preservação. Acredita-



se que diante de aspectos que possam ser considerados inatingíveis, algumas pessoas se sensibilizam e iniciem o processo que terá frutos a longo prazo. Muitos lugares do mundo, que desenvolvem o turismo cultural, realizam encenações do passado, que acabam por se constituir em atrativos turísticos. Infelizmente, essas encenações são, muitas vezes, descaracterizadas pela banalização de rituais, ou apresentam uma visão congelada no tempo. Porém, mesmo que imperfeitamente, este processo contribui para preservação, valorização e recuperação do patrimônio histórico e cultural, da identidade local ameaçadas em todas as partes do mundo pelo avanço de uma única cultura hegemônica, que se impôs nas últimas décadas. Além do mais, o fato de que esta reconstituição do passado esteja sendo feita, em algumas lugares de forma equivocada, não afirma que não possa haver melhoras e estudos mais aprofundados para conseguir autenticidade e criticidade.

O turismo cultural, segundo Barretto (2001, p. 49),

Permite que se mantenha, em um lugar específico, um determinado período do tempo, que deu origem a essa comunidade. Permite que a comunidade, de alguma forma, engaje-se no processo de recuperação da memória coletiva, de reconstrução da história, de verificação das fontes.

A autora afirma ainda que quando o patrimônio é valorizado pelos turistas, e os turistas são a garantia de sobrevivência econômica no futuro, os moradores cuidam do patrimônio, do meio ambiente, de melhorar a educação, criticam a produção massificada de artesanato e de alguma forma recuperam a identidade.

Quando a organização do turismo em torno do patrimônio histórico e cultural é exitosa, gera-se toda uma economia com ramificações, além do resgate cultural e uma constante preocupação com a história, memória e identidade da comunidade local, e principalmente com a preservação do patrimônio, material e imaterial, que é a caracterização destes elementos. Esse somatório constitui a um objetivo comum: desenvolvimento sócio-econômico a partir do consumo e usufruto sustentável do bem cultural constituído pelo patrimônio histórico e cultural.

Para tanto é necessário pensar em um planejamento diferente, em uma percepção mais acurada, onde o bem histórico-cultural possa ter tratamento de construção histórica dinâmica

e em andamento e possa propiciar inclusão identitária e social de quem participe dessa dinâmica. Uma alternativa apontada por autores é a interpretação patrimonial dos bens. A interpretação do patrimônio cumpre um dupla função de valorização. Por um lado, valoriza a experiência do visitante, levando-o a uma melhor compreensão e apreciação do lugar visitado, por outro, valoriza o próprio patrimônio incorporando-o como atração turística. Além de envolver toda a comunidade neste processo.

## 5 INTERPRETAÇÃO

O turismo passa por um momento histórico em que é considerado um dos poucos setores da economia com possibilidades ampliadas de crescimento e paralelo a este fato, se encontra em uma encruzilhada definidora de rumos bem distintos. Nos primórdios de seu desenvolvimento a atividade turística não se preocupava com os aspectos sociais e culturais das localidades. Atualmente, a atividade está sendo revista em suas características e potencialidades, tentando atender, antes de mais nada, às necessidades e fatores psicológicos, políticos, sociais, culturais e morais de seus clientes, que por sua vez, mais exigentes, cobrarão entre outras coisas o atendimento de suas necessidades sociais, como por exemplo a inclusão de pessoas com o propósito de realizarem, por meio de experiências criativas ou culturais, descobertas e amizades, enfim, a ampliação de seus horizontes contextuais.

Neste sentido o turismo deixa de ser visto como mercadoria ou uma atividade meramente econômica e passa a ser visto como um fenômeno social, onde a sociabilidade e a cultura levam a um campo de aprendizado e experiências que podem levar à união e não ao desequilíbrio, comum no Turismo classificado como de Massa, onde entre os muitos desequilíbrios possíveis, está o modelo de tensão cultural e social entre turistas, planejadores e anfitriões.

Dessa forma, Menezes (2004), argumenta que ou o turismo se apresenta como uma proposta econômica de inclusão social e, assim, contribui para novas perspectivas de valorização da vida, do consumo de produtos culturais e de distribuição de renda, ou, por outro lado, alia-se a uma economia que exclui parcelas imensas da população da participação na produção e, dessa forma, opta por uma proposta de consumo de massa que pouco se preocupa com a sustentabilidade da produção econômica.

O autor acrescenta ainda que a superficialidade da fruição impede que o turismo construa algo que é fundamental para a sustentabilidade da atividade e do atrativo que se constrói: “a dignificação cotidiana que dá substrato ao atrativo”. Sendo esta traduzida por uma

incorporação efetiva da cultura como substrato do produto escolhido para construir e vender. “Apenas dessa forma esse atrativo turístico teria aderência a uma realidade dada e construída e que não se apresentaria apenas como um contexto histórico dado, mas como uma história em construção” (MENEZES, 2004, p. 22)

Nessa dinâmica é que o espaço cultural pode vir a se tornar um atrativo turístico. Enquanto o atrativo for apenas uma peça de curiosidade momentânea, será imediatamente esquecido após seu consumo, caracterizando o consumo massificado. A busca pela sustentabilidade do atrativo é dada pela possibilidade de nele se incorporar amplos significados, fazendo com que a construção cultural de outros tempos continue sendo vivida, e sua memória e identidade projetada para a contemporaneidade.

Menezes (2004, p. 13-14), aponta que “o turista, ao viajar e fugir de seu cotidiano, quando opta por conhecer uma determinada cultura e entender uma certa identidade cultural, está, de antemão sensível a atribuir sentidos, entender simbologias, apreender significados” . Para tanto, é preciso que tanto este turista, como a própria localidade sinta aderência ao produto da interpretação patrimonial.

Para desenvolver melhor o conceito de Interpretação, o presente estudo irá basear-se na teoria da interpretação exposta no livro *Interpretar o Patrimônio: um Exercício do Olhar*, organizado pelas autoras Stela Maris Murta e Celina Albano, bem como na contribuição feita por José Newton Coelho de Menezes, em *História e Turismo Cultural*.

Interpretar, segundo Murta e Goodey (In: MURTA: ALBANO, 2002, p. 13),

é um ato de comunicação. Pode-se dizer que interpretar é a arte de comunicar mensagens e emoções a partir de um texto, de uma partitura musical, de uma obra de arte, de um ambiente ou de uma expressão cultural. E o que é interpretar o patrimônio. É o processo de acrescentar valor à experiência do visitante, por meio do fornecimento de informações e representações que realcem a história e as características culturais e ambientais de um lugar.

Os autores destacam ainda que interpretar é mais do que apenas revelar significados, trata-se de provocar emoções, estimular a curiosidade, entreter, estimular no visitante novas atitudes, proporcionar uma experiência inesquecível com qualidade.

Menezes (2004, p. 54), argumenta que tomando como base a premissa que descarta a exclusão social, interpretar um patrimônio e torná-lo atrativo para outros conhecerem

significa considerar três eixos fundamentais de atitude de interpretação: associar a interpretação ao fazer cotidiano e à vivência da sociedade em questão; harmonizar os serviços oriundos da interpretação à realidade da sociedade que construiu e guardou o patrimônio cultural; não dissociar a interpretação da identidade, das idiosincrasias das tradições e das formas de expressão da sociedade local.

As características que distinguem a interpretação do simples fornecimento de informações nem sempre são evidentes, e as definições ajudam apenas parcialmente a compreender o que entendemos por interpretação. Assim, no 1º Congresso Mundial de Interpretação, em Banff, se originou a definição: “A interpretação do patrimônio é a arte de revelar *in situ* o significado do legado natural, cultural ou histórico ao público que visita esses lugares em seu tempo de ócio”.

Miranda (In: MURTA; ALBANO, 2002, p. 95), afirma que esta definição busca enfatizar a ação destinada ao público em geral, ao visitante que não possui uma relação com os locais de importância patrimonial e que, desta forma, “é livre para decidir se participa ou não dos programas interpretativos”.

O autor mostra ainda que todo intento de realizar uma interpretação deve possuir um propósito, uma finalidade que venha contribuir para conscientização das pessoas e para melhoria no estado das coisas. Assim, o principal objetivo da interpretação patrimonial é produzir, através de atividades culturais, educativas e de conhecimento, um processo de mudanças cognitivas e afetivas tanto no visitante, quanto nos moradores, que resultem em alterações em seu comportamento, além de uma maior valorização e preservação do patrimônio material e imaterial local.

Wagar (*apud* Miranda In: MURTA; ALBANO, 2002), diz que a interpretação não será efetiva, a menos que atraia a atenção do visitante; que este entenda e retenha a informação; que graças a essa informação o visitante adote uma atitude positiva e que através desse processo, se observe nele uma mudança permanente de comportamento.

Interpretar, assim, é produzir um significado para as coisas que as pessoas vêem e buscam usufruir prazerosamente nas suas vivências como turistas. É tornar possível um entendimento daquilo que não é o cotidiano de quem vê; daquilo que, na maioria das vezes, é exótico e aguça a curiosidade de saber e de apreender. A atividade turística tem na sua essência a informação interpretativa que lhe é, assim, imprescindível e fundamental. (MENEZES, 2004, p. 55)

Para tanto, é necessário a realização de um trabalho prévio, pois os objetos, as manifestações não falam por si só e a todos aquilo que são. Eles devem ser estudados, analisados, entendidas todas as possibilidades de significações que podem conter.

Cada manifestação cultural é rica o suficiente para possibilitar várias interpretações distintas e não uniformizadas e que são estimuladas por novos intérpretes e novas visões. Essa atenção às possibilidades interpretativas gera responsabilidades extras para os profissionais que lidam com a interpretação do patrimônio para um turismo sustentável [...] Para eles é importante perceber que a interpretação, ao se vincular ao atrativo, pode gerar no turista reações variadas: emoção, admiração, indiferença. Tudo depende de uma questão simples de perceber e difícil de se realizar: a interpretação deve ser geradora de questionamentos, de interrogações estimuladoras da curiosidade, de reflexões. Ela deve ser apresentada como um problema histórico, artístico, sociológico ou cultural. Só assim o turista busca re-interpretar e ter prazer com o entendimento do qual participa da construção. (MENEZES, 2004, p. 55- 56)

Nesse sentido, torna-se necessário e fundamental que as ações de interpretação patrimonial sejam motivadas e movidas por atitudes interdisciplinares, possibilitando a informação correta e rica. Além do trabalho interdisciplinar, Goodey (In: MURTA; ALBANO, 2002, p. 47) afirma, que a participação da comunidade local é indispensável para se obter êxito na atividade. Segundo o autor há uma lógica evidente nisso, pois as pessoas que nasceram, cresceram ou se estabeleceram nas localidades, possuem conhecimento enraizado, profundo e rico sobre o lugar. “Em vista disso, muitos intérpretes trabalham hoje junto com as comunidades

locais a fim de ajudá-las a compreender e trabalhar sua própria imagem do lugar, ajudando-as a atrair visitantes que virão para compartilhar, e não para saquear”.

De maneira que se torna primordial a associação desses atores no processo de desenvolvimento do setor cultural de qualquer espaço, com vistas a integrar atividades que visem configurar um método interpretativo, que de acordo com Menezes (2004, p. 57), deve objetivar

1º investigar/apreender; 2º documentar/interpretar; 3º intervir/preservar e 4º informar/difundir o patrimônio histórico, artístico e cultural de um determinado local e, a partir disso, transformá-lo em atrativo a ser reconhecido e compreendido pelas pessoas que a visitam e, ainda, valorizado e preservado por ambas.

Murta e Albano (2002, p. 45), completam dizendo que a construção de atrações culturais é de suma importância para o desenvolvimento do turismo sustentado é necessário para reconciliar os interesses da preservação e do desenvolvimento.

Se uma boa atração é desenvolvida em torno de um conceito construído a partir da interpretação das histórias, lendas e segredos do lugar, um plano interpretativo deve cuidar de responder a duas perguntas essenciais ao desenvolvimento de uma atração natural ou cultural: qual o sentido do lugar e de suas práticas culturais? Como transmiti-los aos visitantes? As respostas a essas perguntas estão em grande parte com a comunidade, que precisa ser estimulada a buscá-las na memória coletiva, em sua história oral e documentada. Uma boa tarefa conjunta para os órgãos de preservação para os vários sentidos que atribuem ao seu patrimônio.

Menezes (2004), quando fala do planejamento interpretativo, interdisciplinar e integrado, mostra que ele possibilita:

1. a disseminação do conhecimento sobre o patrimônio de uma localidade;
2. a conscientização e a orientação sobre o uso desse patrimônio;
3. a confecção de um projeto de desenvolvimento que busque a sustentabilidade, focado no bem patrimonial apreendido e interpretado;

4. a qualificação e capacitação de pessoal da própria comunidade para prestar os serviços referentes ao turismo cultural;
5. estímulo ao desenvolvimento local com equidade, a diversas parcelas da comunidade;
6. a sensibilização para atitudes preservacionistas e de promoção da memória histórica e regional.

O autor demonstra ainda que a interpretação poderá também fornecer referências identitárias à comunidade, possibilitando uma compreensão dos significados e sentidos do seu passado, além de contribuir para a melhoria da qualidade de vida e o bem-estar social da comunidade e para a preservação dos recursos culturais locais, efetivando possibilidades de novas interpretações e enriquecimento do atrativo e da identificação comunitária com sua história.

[...] o processo de identificação, apreensão, interpretação e informação sobre o patrimônio cultural deve ser adequado à realidade social, útil à sociedade, a serviço da qualidade de vida da população e, portanto, harmônico com ela. Deve ser uma construção própria, diversa, histórica, associada intimamente com a realidade local, que é distinta em cada lócus de observação. E, sobretudo, deve ser um processo identitário que, partindo da realidade social de suas peculiaridades e de suas tradições, tenha aderência ao devir das pessoas que compõem o espaço histórico a ser trabalhado.

Dessa forma, a fase de promoção, e planejamento a cerca das interpretações patrimoniais, tornam-se parte fundamental do processo, não menos importante que o resultado obtido nem menos complexa do que o exercício interpretativo.

### **5.1 Princípios e Técnicas da Interpretação**

A interpretação de lugares, de acervos, de saberes e fazeres culturais é, antes de tudo, um instrumento de comunicação com o morador e com o turista. A escolha dos meios e



técnicas mais adequados deve sempre levar em conta o lugar ou objeto a ser interpretado e o público a que se destina a interpretação.

Murta e Goodey (In: MURTA; ALBANO, 2002), listam os princípios citados por Tilden<sup>7</sup> e, tendo em vista a época em que estes foram estabelecidos, acrescentam também alguns:

1. sempre focalizar os sentidos do visitante, buscando sempre estabelecer a conscientização pessoal sobre determinadas características do ambiente;
2. revelar sentidos com base na informação e não apenas informar;
3. utilizar artes visuais e de animação para apresentação do material, seja ele científico, histórico ou arquitetônico;
4. estimular a curiosidade do visitante, encorajando a exploração mais aprofundada do que está sendo interpretado;
5. apresentar a história completa, em vez de parte desta;
6. ser acessível a um público o mais amplo possível;
7. realizar a interpretação em parceria com a comunidade, estimulando a troca de conhecimentos e recursos;
8. adotar uma abordagem abrangente, ligando os temas do passado, presente e do futuro, realçando a dimensão socioeconômica, ao lado das dimensões histórica, ecológica e arquitetônica;

---

<sup>7</sup> Tilden, FREEMAN. Interpreting our Heritage. [S.I]: University of North Carolina Press, 1967 retirado de Murta e Albano. Interpretar o Patrimônio um exercício do olhar

9. destacar a diversidade, especificidade e pluralidade culturais das localidades;

10. levar sempre em consideração o atendimento ao cliente.

Assim, os autores afirmam ainda que, para se realizar um plano interpretativo é necessário traçar um mapa emotivo do sítio e de seu entorno, para definir o tom apropriado da linguagem de conservação e de orientação do fluxo de visitantes. Para isso é importante identificar as áreas e elementos valorizados pelos moradores, para buscar desenvolver um sentido de lugar, de transmitir seus valores e sua história às novas gerações.

Segundo Goodey (In: MURTA; ALBANO, 2002), deve dar atenção à altura, tamanho e alinhamento das edificações, janelas e portas, materiais, detalhes das construções e sinalização. Já Miranda (In: MURTA; ALBANO, 2002, p 99), aponta que a interpretação deve relacionar-se com a vida do visitante, além de revelar a essência do significado do lugar.

[...] a interpretação tem a obrigação de ser provável, portanto tem que atrair a atenção e em alguns casos, “seduzir” o visitante; tem que ser fácil de compreender ou relativamente fácil de ser processada pela mente das pessoas (“digerível”); e tem que ser interessante e agradável, uma vez que não existe a obrigação de prestar atenção.

Murta e Goodey (In: MURTA; ALBANO, 2002), elencam as etapas do plano interpretativo:

### **Etapa 1 – Registro de Recursos, Temas e Mercados**

Engloba o levantamento e a organização de:

Recursos – levantamento de todos os recursos culturais e ambientais, técnicos e financeiros a serem utilizados. Essa etapa envolve atenção de diferentes setores da administração pública e privada, bem como o envolvimento de profissionais de várias áreas e também de voluntários, colecionadores, organizadores de eventos e possíveis patrocinadores.

Temas – um inventário de temas proporcionará os elementos significativos que definem o caráter único do lugar – sua história e topografia, seus personagens e lendas, seus sítios e edificações. A estruturação de evidências materiais é essencial para propiciar a base de um conceito eficaz de interpretação para a valorização. Essa etapa exige pesquisa intensiva com a comunidade local.

Mercados – o público alvo e os mercados devem ser claramente definidos. Isso se torna importante, pois o planejamento de um programa de interpretação será influenciado pelas características e necessidades dos visitantes. Algumas perguntas podem ser levadas em consideração:

- qual o mercado ou segmento de mercado para atração?
- qual o número de visitantes esperado, qual a duração da visita, qual o tamanho e estrutura dos grupos de visitantes?
- qual a origem e as expectativas dos visitantes, que exigências físicas e culturais específicas eles podem ter? (idioma, terceira idade, portadores de necessidades especiais, grupos profissionais).

## **Etapa 2 – Desenho e Montagem – Escolha de Meios e Técnicas**

A interpretação utiliza vários meios e técnicas para comunicar mensagens ao visitante, sendo que, a escolha desses adequados ao público usuário é crucial. A escolha destes meios dependerá do conhecimento dos recursos e do mercado inventariados anteriormente. É sempre importante ter em mente três questões sobre a comunicação que desejamos ter com os visitantes:

- O que queremos que eles saibam?
- O que queremos que sintam?

- O que queremos que façam?

Também é indispensável o conceito de atendimento ao cliente, que assegura ao visitante informação e entretenimento adequados aliados ao sentimento de conforto e de ser bem recebido. Os serviços públicos de qualidade também são importantes ao bom atendimento ao turista e à população: banheiros, lixeiras, telefone, transporte ágil e regular, informação e segurança.

### **Etapa 3 – Gestão e Promoção**

A gestão de um plano de interpretação é de suma importância para garantir a preservação e atualização das instalações interpretadas, sejam elas privadas, públicas ou gerenciadas em parcerias do poder público com a comunidade. Torna-se relevante programar as necessidades de monitoramento, manutenção e avaliação permanentes, atualização e treinamento da equipe, de modo a planejar o custeio e assegurar o financiamento adequado.

Por outro lado, a publicidade deve ser planejada de modo a promover o objeto a ser interpretado para platéias específicas. Folhetos, painéis, mapas e guias ilustrados, dirigidos tanto aos residentes do local quanto aos visitantes, são essenciais.

A realização de festivais, eventos e manifestações artísticas também é considerada uma maneira eficiente de divulgação, pois além de promover a localidade, enriquecem a vida social e realçam características e identidades culturais locais.

Os autores expõem ainda algumas estratégias interpretativas que podem incluir, trilhas e roteiros sinalizados, guias e condutores para acompanhar grupos de visitantes, publicações e mapas ilustrados e folders, centro de visitantes, museus e centros de informação, festivais e animação cultural, entre outras. Essas estratégias de interpretação podem ser agrupadas em três grupos: interpretação ao vivo; textos e publicações e interpretações com base no design (placas, painéis, letreiros, som, luz e imagem etc)

Os meios de interpretação[...] pode e devem ser empregados combinados entre si.[...]É importante lembrar que o plano interpretativo deve considerar todo o contexto socioambiental.[...] Quem interpreta deve estar atento e ser sensível na avaliação do lugar e das oportunidades oferecidas, e até recomendar a não interpretação, se assim for necessário. Afinal, espaços destinados pura e simplesmente à contemplação são tão importantes quanto os que passaram por um processo de interpretação. (MURTA; GOODEY In: MURTA; ALBANO, 2002, p. 33)

Desse modo, ainda de acordo com os autores, o planejamento interpretativo orienta a limpeza e a descoberta das fachadas originais, a harmonia da sinalização e do desenho de placas e letreiros compatíveis com o espírito do lugar, e as técnicas interativas, ampliam a compreensão popular sobre os sítios.

Para Menezes (2004), conhecer e interpretar heranças culturais de tempos passados tem para sociedades atuais um valor que ultrapassa a simples curiosidade. A busca pela compreensão de estruturas culturais passa a fazer parte da nossa cultura, nos levando a busca de prazeres nos momentos de ócio que contemplem o entendimento de culturas, de valores históricos, de manifestações da tradição construída, de heranças culturais. Essa demanda por produtos histórico-culturais faz parte de nossa cultura e, assim deve ser compreendida em sua integridade e em sua dinâmica de construção passada e presente. O patrimônio que o turista quer e deve ver está vivo. Ele deveria ser vivenciado em seu próprio devir, em sua dinâmica vivência que conjuga história, tradições, arte, valores e práticas costumeiras.

As invenções e encenações culturais para serem mostradas aos turistas, e perda da autenticidade e a padronização do produto acarretam problemas sociais e culturais para as localidades, e se tornam uma experiência de baixa qualidade para o turista. Essa forma de desenvolvimento do turismo tende a ser precursora ao desenvolvimento do turismo de massa, cujas características e impactos, não se assemelham em nenhum aspecto com o turismo cultural.

## **6 PROPOSTA DE ROTEIRO INTERPRETATIVO PARA SÃO FRANCISCO DO SUL**

O município de São Francisco do Sul é, sem dúvida, um local rico em história, em cultura, em patrimônio imaterial, ou seja, possui suas lendas, costumes, tradições, saberes, fazeres, culinária, crenças, além de imenso patrimônio material representado por suas construções, museus, peças e monumentos.

A partir da anterior exposição de seu patrimônio material e imaterial foi possível verificar seu forte potencial para o desenvolvimento do turismo cultural que, conforme exposto, quando planejado dentro dos princípios da sustentabilidade, proporcionará o desenvolvimento da região; o conhecimento da sua história, o fortalecimento da memória e da identidade dos seus residentes e o resgate, conservação e perpetuação dos patrimônios e da cultura que constituem São Francisco, oferecendo aos turistas uma experiência de qualidade destacada, conhecimento e conscientização.

Neste contexto, o presente estudo busca sugerir um roteiro cultural para o município que utilize estratégias interpretativas com finalidade de proporcionar lazer e conhecimento aos turistas e aos próprios moradores.

O roteiro tomará como base a teoria sobre interpretação já exposta. O roteiro interpretativo pretende oferecer ao turista conhecimento sobre o patrimônio e cultura local, além de proporcionar uma mudança na mentalidade do mesmo, fazendo com que este crie hábitos melhores em suas viagens, valorize o patrimônio natural e cultural e busque assim a proteção e preservação dos locais que visita.

Para tanto, visando planejar um roteiro interpretativo um dos elementos mais importantes é o envolvimento com a comunidade local, pois ela poderá aconselhar na escolha dos atrativos e temas a serem trabalhados, oferecendo um produto autêntico. Esse envolvimento propicia também um resgate cultural da localidade, aproximando-os do patrimônio e do seu significado, aumentando a valorização e preservação dos bens materiais e imateriais.

Dessa forma, o primeiro passo para a constituição do plano interpretativo, foi obter informações sobre o local, o desenvolvimento da atividade turística e seus atrativos junto a comunidade, turistas e membros do poder público. Para tanto, realizou-se uma pesquisa *in loco* com alguns elementos chaves para o estudo.

Esta pesquisa se utilizou do método qualitativo, devido às suas características serem as que melhor se enquadraram na busca pelos objetivos traçados, considerando que a pesquisa qualitativa envolve a compreensão e interpretação de fenômenos sociais. Esse tipo de pesquisa pode ser usada para identificar a extensão total de respostas ou opiniões que existem em um mercado ou população. A pesquisa qualitativa ajuda a identificar questões e entender porque elas são importantes.

Santos F. (2000, p. 43), afirma que a pesquisa qualitativa rejeita a possibilidade de descoberta de leis sociais e está mais preocupada com a compreensão e interpretação do fenômeno social. “Seu propósito fundamental é a compreensão, explanação e especificação do fenômeno. O pesquisador precisa tentar compreender o significado que os outros dão às próprias situações”.

A pesquisa qualitativa é adequada à obtenção de um conhecimento mais profundo do assunto a ser tratado, mas não permite a generalização em termos de probabilidade de ocorrência, como na pesquisa quantitativa.

Para a coleta de dados utilizou-se a entrevista que é caracterizada por Dencker (2001, p. 137), como “é uma comunicação verbal entre duas ou mais pessoas [...] cuja finalidade é a obtenção de informações de pesquisa”. Ainda segundo a autora este instrumento de coleta de dados permite uma maior flexibilidade na formulação das questões e permite maior sinceridade de expressão.

Em primeiro momento optou-se por entrevistas informais com os turistas e observação da localidade, realizadas no período de alta temporada (08/01/2006 à 20/01/2006), objetivando maior eficiência na coleta das informações. Os dados obtidos com essa parte da

pesquisa não serão base para a formatação do roteiro já que estes seriam importantes apenas para tornar possível o conhecimento do comportamento e perfil dos turistas bem como suas preferências no local, além de proporcionar melhor entendimento referente ao desenvolvimento do turismo em São Francisco do Sul permitindo, assim, poder diagnosticar pontos positivos e negativos referentes ao mesmo, já citados anteriormente.

A coleta de dados que fundamentará a proposta deste estudo foi realizada a partir de entrevistas direcionadas, ou seja, realizadas, como dito anteriormente, com pessoas-chaves para o desenvolvimento do plano. Optou-se por entrevistar o senhor Jorge Luiz Cevinski (Secretário Municipal de Turismo e Lazer), a senhorita Anne Elise Sotto (arquiteta responsável e coordenadora do escritório do IPHAN em São Francisco do Sul), e um total de 20 membros da comunidade local (moradores, membros da associação dos artesãos e dos pescadores, comércio local, proprietários de bens tombados entre outros). Esta etapa da pesquisa foi realizada entre os dias 09/7/2006 a 15/07/2006.

Para complemento da pesquisa *in loco* realizou-se visitas a localidade também nas datas de 29 e 30/09/2006.

## **6.1 Análise dos Dados Obtidos Através da Pesquisa *In Loco***

### **6.1.1 Entrevistas Informais Realizadas com os Turistas**

Conforme exposto anteriormente, estas entrevistas não possuíram um roteiro ou questionário pré-estruturados. Foram caracterizadas por sua informalidade, onde se buscou através de conversas com os turistas, alcançar alguns objetivos que tornaram possível uma breve análise de seu comportamento nas viagens a São Francisco do Sul, seu perfil e principalmente detectar o público que visita e/ou possui interesse em visitar o centro histórico e demais aspectos



culturais do município, buscando contrastar os dados obtidos em pesquisa realizada na Santur, expostos no segundo capítulo, e, até, mesmo, expor outros.

No que diz respeito ao perfil desse público, percebeu-se que em sua maioria é constituído por famílias e terceira idade, mesmo nas épocas de alta temporada, com exceção do carnaval nas praias, que recebe um grande número de jovens, principalmente do Estado do Paraná. A visitação no centro histórico é baixa se comparada ao fluxo dos turistas que recebem as praias, principalmente as de Enseada, Ubatuba e a Prainha.



**Figura 26 - Praia de Enseada – Alta Temporada**

Fonte: MANCINI, L. A., 10/01/2006

O município também recebe significativo número de grupos de estudantes de ensino fundamental, médio e superior, principalmente da região e às vezes de outros Estados, que visitam o centro histórico e o porto.

O público de terceira idade é o que mais visita o centro histórico, porém limitam-se principalmente ao Museu Nacional do Mar e Museu Histórico, atrativos mais divulgados. Esse público é caracterizado por visitar o município o ano todo, não apenas na época de alta temporada. Algumas famílias também visitam esses lugares. Um passeio bastante procurado pelas famílias e terceira idade é o de barco que passa por todas as ilhas.

Pode-se notar que o principal motivo para a baixa taxa de visitação do centro histórico é a falta de divulgação do mesmo, e a inexistência de roteiros culturais<sup>8</sup> que possam ser desenvolvidos como alternativa ao turismo de sol e praia. A maioria dos turistas abordados desconheciam a existência do centro histórico e quando informados sobre tal demonstraram grande interesse em conhecê-lo, pois afirmam achar interessante outras opções de lazer a serem realizadas no período que estão na praia.

Cabe ressaltar que as famílias que já conheciam o centro histórico, confirmam que sempre que passam pelo município, fazem questão de visitá-lo novamente.

Nota-se, por outro lado, pouco interesse dos jovens em visitar o centro histórico, principalmente os que vão ao município no carnaval. O carnaval nas praias é bastante conhecido e procurado por ser caracterizado pela diversão, folia e despreocupação, elementos que a maioria dos jovens busca nessa época. O Museu Nacional do Mar é o atrativo procurado por alguns dos constituintes desse público.

### **6.1.2 Entrevista com o Secretário Municipal de Turismo e Lazer**

Essa entrevista caracterizou-se como dito anteriormente por se tratar de uma entrevista direcionada (buscou-se o secretário de turismo e lazer do município, por acreditar que este iria colaborar com informações relevantes para o desenvolvimento do estudo, e também por ser importante saber o interesse do poder público em se incrementar o turismo cultural em São Francisco do Sul). A entrevista realizada caracterizou-se por seu aspecto não estruturada, com alguns objetivos a serem alcançados.

---

<sup>8</sup> Existem no centro histórico passeios de bondinho que apresentam a parte cultural e histórica do município, porém existe grande dificuldade em se encontrar informações sobre tais (local de saída, agendamento, percurso, preço, horários). Outro empecilho é o fato deste passeio somente acontecer quando se fecha um grupo (completa o nº de assentos do bondinho), fazendo com que dificilmente se realize o passeio. Obs: Durante toda a pesquisa *in loco* buscou-se realizar esse passeio, para poder analisá-lo e isso não foi possível.

O principal interesse na realização desta entrevista foi obter, a partir da visão do poder público, dados sobre o desenvolvimento da atividade turística no local; informações sobre futuras ações a serem tomadas; existência de um envolvimento com a comunidade para o desenvolvimento da atividade; de interesse na incrementação do turismo cultural e na elaboração de um roteiro interpretativo.

Segundo o secretário, foi através da iniciativa do poder público que o município começou a desenvolver o turismo na região, tendo o auxílio do poder privado tardiamente. O município possui o COMTUR – Conselho Municipal de Turismo que é formado por representantes da rede hoteleira, da Associação Comercial, Associação dos Artesãos, representantes dos banqueiros, do IPHAN e do Meio Ambiente, que se reúnem mensalmente. Os últimos investimentos do poder público na atividade turística foram à criação de estacionamento pago para carros e outro só para ônibus fora da entrada da praia que diminuiu a presença dos chamados turistas “farofeiros”. Outra iniciativa foi oferecer cursos de capacitação profissional, como: cursos de guia de turismo reconhecidos pela EMBRATUR, cursos de camareira, garçons e cozinheiros, que em média duram de três a seis meses, realizados quinzenalmente nas sextas, sábados e domingos. O principal objetivo desses cursos é preparar a mão-de-obra para melhor atender e receber os turistas.

A Secretaria de Turismo possui alguns projetos futuros voltados à construção de um portal naval de Santa Catarina e um projeto que utilize a área ao lado do Museu Histórico para construção de um mini centro de eventos e um estacionamento para os ônibus de turismo cultural, evitando que estes tenham que transitar no centro histórico.

O Secretário citou a Agenda 21, como plano de desenvolvimento sustentável, sendo este um programa feito pela comunidade local e dividido pelas áreas da saúde, cultura, educação e turismo.

Sobre a atividade turística informou que a demanda cresce cerca de 10 a 15% ao ano. Esses dados são obtidos através de duas pesquisas feitas pela Secretaria do Turismo e pelo

COMTUR nos meses de dezembro, janeiro e fevereiro. “Através destas pesquisas é que se consegue avaliar o fluxo e demanda dos turistas”.

Como na maioria das cidades turísticas, o planejamento nem sempre atende as necessidades dos turistas. Em São Francisco do Sul, o problema se encontra na grande demanda de turistas que o município recebe, que na época da temporada pode sofrer com a falta de água e luz.

Pode-se perceber que existe interesse por parte do poder público no desenvolvimento do turismo no município. Contudo, deve-se destacar o fornecimento de algumas informações errôneas por parte do secretário: em primeiro lugar ele citou o COMTUR como o órgão público principal responsável pelo desenvolvimento da atividade turística, quando este conselho é um órgão superior da Administração Municipal, criado por lei, previsto na Constituição, de caráter consultivo e deliberativo, que possui o objetivo de conjugar os esforços entre o poder público e a sociedade civil, para o assessoramento do município em questões referentes ao desenvolvimento turístico municipal. É no Conselho Municipal de Turismo que a comunidade, representada pelos vários segmentos organizados da sociedade, tais como associações, cooperativas, sindicatos, organizações não-governamentais, entre outros, participa da elaboração do Plano de Desenvolvimento Sustentável do Turismo, pronunciando-se sobre questões que dizem respeito ao planejamento e à gestão da atividade turística. (EMBRATUR, 1997) Destaca-se de grande importância a existência desse órgão, porém ressalta-se o fato de este não se constituir em um órgão público responsável pelo desenvolvimento do turismo no município.

Quando questionado sobre um plano de desenvolvimento turístico, sua resposta foi a existência da Agenda 21, que apesar de se constituir em uma iniciativa positiva, é um programa de ação que contribui para a adoção do desenvolvimento sustentável e ambientalmente racional. Nesse sentido, segundo Novaes, este documento, constitui-se em um roteiro para implementação de um novo modelo de desenvolvimento que se quer sustentável quanto ao manejo dos recursos naturais e preservação da biodiversidade, equânime entre os diferentes segmentos sociais, economicamente eficiente e politicamente participativo e democrático.

Portanto, pode até constar no documento ações voltadas ao turismo, mas não se trata de um plano de desenvolvimento.

O secretário afirmou sobre a conformidade na sinalização turística e guias nos museus, sendo que, a partir de observação do pesquisador esses itens, conforme citado no tópico 2.4.2, apresentam-se como pontos negativos no município.

Por outro lado, foi possível notar grande interesse no desenvolvimento do turismo cultural no centro histórico. Segundo o secretário, existem muitas ações programadas que irão contribuir para este segmento da atividade, e mesmo já existindo um circuito cultural, este não possui divulgação e devido a isso os visitantes desconhecem sua existência. O mesmo não apresenta características interpretativas, o que poderá agregar valor ao produto. Afirmou ainda, que este é o perfil de turista que o poder público se interessa em captar para o centro histórico, visando um desenvolvimento da atividade sem que essa prejudique o patrimônio material e imaterial.

### **6.1.3 Entrevista com a Responsável pelo Escritório do IPHAN**

A presente entrevista também se caracterizou por ser direcionada e não estruturada. A escolha da responsável pelo escritório do IPHAN se voltou ao fato de ser necessário possuir informações sobre a relação patrimônio e turismo. Objetivou-se obter informações a cerca dos projetos de preservação do centro histórico; da existência de alguma parceria com a Secretaria de Turismo; envolvimento do IPHAN com a atividade turística; a relação entre a comunidade local e o patrimônio; turismo e patrimônio local.

Analisando os dados e respostas disponibilizadas pela arquiteta responsável pelo IPHAN, é possível relatar que o centro histórico é todo preservado sob efeito do tombamento que data de 1981. São cerca de 150 construções tombadas. A forma de tombamento aplicada é a

chamada volumétrica, onde é tombado o imóvel como um todo. Atualmente, o programa Monumenta atua no município fazendo diversas obras pontuais.

Apesar de na época do tombamento ter havido resistência por parte da população local, aos poucos as pessoas foram entendendo o que era o tombamento, foram se acostumando com a idéia e apóiam hoje em dia. O IPHAN está sempre em contato com a população e procura desenvolver atividades culturais e atividades ligadas à comunidade em geral. A conscientização do patrimônio histórico e cultural e seu envolvimento com ele está aumentando. “É um processo que vem sendo desenvolvido lentamente e acredito que está melhorando com o tempo, mas não é o ideal ainda”.

No que diz respeito à existência de alguma parceria com a Secretaria de Turismo, a senhorita Anne, negou essa existência e afirmou que o órgão responsável pelo turismo deveria ser mais atuante em São Francisco do Sul.

Quando questionada sobre a atividade turística a entrevistada não demonstrou empecilhos, pelo contrário, acredita que a atividade quando planejada de acordo com as bases da sustentabilidade, preocupando-se com o patrimônio histórico e cultural e com a comunidade traz muitos benefícios.

Eu acho que a atividade turística está aumentando e está melhorando a conservação do patrimônio histórico. [...] com o turismo vêm novos investimentos, vem mais valorização do patrimônio histórico, porque é um dos principais atrativos da cidade no meu ponto de vista é o principal, além das praias.

Apontou, no entanto, em relação ao centro histórico, que o número de turistas que procuram o local é muito pequeno, sendo que a maioria já conhece a cidade, a história, gostam desse tipo de turismo. Na sua opinião, falta uma maior divulgação do centro histórico e, antes de mais nada que este local esteja preparado para receber esses turistas, desde sua infraestrutura, até profissionais capacitados e envolvimento da comunidade, para que se possa minimizar os aspectos negativos da atividade.

A entrevistada concorda que a interpretação é uma das melhores alternativas para o desenvolvimento da atividade turística, e achou a idéia de um roteiro para o desenvolvimento do turismo cultural que se utilize das estratégias interpretativas bastante atraente.

#### **6.1.4 Entrevistas com a Comunidade Local**

Podem-se considerar os membros da comunidade local, os atores de maior importância para a constituição de um roteiro interpretativo, pois, conforme exposto anteriormente, são eles que possuem o conhecimento sobre o local, e devem estar de acordo e envolvidos com a atividade.

Dessa forma, procurou-se abranger na entrevista uma quantidade de pessoas que representasse os perfis encontrados no centro histórico. Foram entrevistados moradores antigos, comerciantes locais, proprietários de bens tombados, jovens, membros da associação de artesãos e pescadores totalizando 20 pessoas entrevistadas, para que dessa forma se tornasse possível a análise dos diferentes pontos de vista.

Conforme exposto anteriormente, as entrevistas realizadas foram direcionadas (por isso os diferentes perfis de entrevistados) e não estruturadas. Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, e esta se caracterizar por se preocupar em analisar e interpretar dados, ao invés de quantificar elementos estatísticos e de probabilidade, pode-se entrevistar um número menor de pessoas, que forneceram as informações relevantes para o pesquisador.

As informações obtidas giraram em torno do envolvimento da comunidade com a atividade turística; o interesse pela atividade turística, sua relação e envolvimento com o patrimônio histórico; opinião sobre os impactos da atividade; envolvimento e satisfação com a Secretaria de Turismo; e posteriormente sobre o interesse e opinião a respeito do roteiro

interpretativo; do possível envolvimento com este; e, sugestões de locais e temas a serem abordados em sua constituição.

Verificou-se bastante semelhança nas respostas obtidas, apenas algumas das pessoas entrevistadas forneceram respostas totalmente contrárias à maioria. Analisando estas respostas, a maioria dos entrevistados, apesar de notarem significativa melhora do turismo na região, com a revitalização do centro histórico e conseqüente aumento do número de turistas, ainda estão descontentes, pois, segundo eles, a comunidade não foi envolvida neste processo.

[...] só ficamos sabendo das coisas quando elas acontecem. [...] um dia a gente começou a ver um monte de carros correndo pela cidade, o que não é muito comum por aqui, aí a gente foi saber que tinha um *rally* aqui em São Francisco do Sul. [...] muitas vezes, quando tem festa na cidade, principalmente dessas festas da igreja, pessoas de fora vêm montar suas barracas de comida, artesanato [...] e a gente, que trabalha aqui há uns vinte anos, fica de fora. [...] a gente gostaria de participar sim, mas[...] (proprietária de um *box* no mercado público)

Observa-se grande insatisfação da maior parte desta amostra com a atuação do poder público, no que tange ao turismo, o que pode ser verificado na citação a seguir: “[...] há falta de informação [...] especificamente da Secretaria de Turismo [...]”.

Contudo, um dos entrevistados apenas, diz estar satisfeito com a atuação da Secretaria de Turismo: “[...] de seis anos pra cá a Secretaria tem trabalhado bastante [...]”.

A respeito do Patrimônio Histórico Cultural, foi possível notar grande envolvimento da comunidade, principalmente os moradores mais antigos. Mostraram conhecer os locais, saber da história do município e estarem preocupados com a forma com que isso vai ser passado aos turistas. Notou-se dessa forma o sentido de memória e identidade exposto na relação que a maioria dos francisquenses tem com o patrimônio.

A comunidade apóia e conhece a importância da proteção e preservação patrimonial, porém um dos entrevistados tem algumas críticas em relação a sua restauração e revitalização, como se pode verificar:



[...] a cidade está ficando bonita com o centro histórico preservado [...] mas tem muita coisa diferente do que era. O mercado municipal, por exemplo, está sendo reformado, mas eles estão colocando 'blindex' nas janelas. Isso não existia quando ele foi construído [...] não era para reformar e deixar parecido como era antigamente?

No entanto, esse envolvimento com o centro histórico e com o patrimônio histórico, não se encontra presente nos jovens. Esta parcela dos entrevistados afirmou não gostar do local onde residem, por não haver opções de lazer noturno, ser muito pequeno e não ter a movimentação de turistas que se pode encontrar nas praias, principalmente no carnaval. Também demonstraram indiferença na questão da importância do patrimônio histórico e cultural.

Desconsiderando o grupo de jovens entrevistados, os demais acreditam que a atividade turística é uma ótima opção para o desenvolvimento do centro histórico, afirmando que esta poderia além de gerar um maior número de empregos e renda, contribuir para a valorização e preservação do patrimônio. Porém, apontam que o desenvolvimento da atividade no centro histórico deveria ser observado com mais atenção.

Quando questionados sobre o interesse em um roteiro interpretativo, após explicado seu conceito, pode-se perceber grande entusiasmo dos mesmos, tanto em ajudar a constituir o roteiro, como colocá-lo em prática. As respostas demonstraram que a comunidade local acredita que levando em consideração os princípios da interpretação a atividade turística seria desenvolvida adequadamente. A principal vantagem do ponto de vista destas pessoas seria o envolvimento que teriam com a atividade, com o local, com o patrimônio e com o turista, além é claro, dos benefícios que esse contato desencadearia para a localidade.

Após a realização da pesquisa com a comunidade local e observação dos fatos por diferentes ângulos, foi possível obter informações relevantes a respeito do desenvolvimento da atividade turística no município. Através destas, considera-se que o turismo pode vir a contribuir de forma positiva para o desenvolvimento local, aumento da qualidade de vida, aumento do resgate da memória e identidade e conseqüente preservação do patrimônio por parte dos munícipes.

Acredita-se que com o tempo, até mesmo os jovens, que se mostraram indiferentes à proposta, começariam a se interessar pela atividade, e alguns até seriam voluntários em trabalhar no roteiro. Dessa forma, aos poucos, o sentimento de identidade surgiria e a preocupação e valorização do patrimônio e da localidade despontaria nesse público.

Apesar das recentes melhoras ocorridas no turismo da localidade, constatou-se que a população ainda está descontente. Baseando-se nos relatos obtidos, as principais reclamações foram a falta de envolvimento com o fenômeno turístico e a falta de divulgação turística do centro histórico.

Cabe ressaltar que a maior parte dos entrevistados conseguiu deixar clara sua preocupação com o patrimônio material e imaterial, decorrente da importância e valor que atribuem a ele. Também ficou nítida a vontade que estes demonstraram de mostrar “seu” centro histórico para os turistas, de participar da atividade desde seu planejamento até o desenvolvimento das estratégias.

## **6.2 Sugestão de Roteiro para o Turismo Cultural e de Estratégias Interpretativas**

Diante de todo conhecimento que se buscou sobre o município através de pesquisa teórica e observação da localidade, do embasamento teórico sobre os termos de relevância ao estudo e da pesquisa realizada a diferentes atores do poder público e comunidade local, pode-se notar que São Francisco do Sul possui forte patrimônio histórico e cultural que resulta em grande potencial para o turismo cultural, porém este ainda não é desenvolvido de forma satisfatória na localidade e nem possui envolvimento da comunidade.

Desta maneira o presente estudo pretende propor um roteiro de turismo cultural que se utilize de estratégias interpretativas, buscando dessa forma, um desenvolvimento da atividade que envolva todos os atores de relevância no processo, e que traga benefícios a todos estes atores. Para isso, utilizou-se da teoria sobre a interpretação já exposta, como embasamento

para o roteiro, além de dados fornecidos pela população local sobre a história, os locais mais importantes, culinária, costumes, enfim, sobre o que estes acreditam que seja relevante o turista encontrar no roteiro.

### **6.2.1 Etapas do Plano Interpretativo**

De acordo com a teoria exposta anteriormente, existem algumas etapas a serem seguidas para a realização de um plano interpretativo. Essas etapas serão expostas a seguir:

#### Etapa 1

##### a) Recursos:

Como exposto no capítulo 5, nesta etapa serão definidos os recursos naturais e culturais e o levantamento dos recursos financeiros necessários para formação do roteiro. Porém, destaca-se que o objetivo deste estudo é apresentar um roteiro com estratégias interpretativas a fim de trabalhar os conceitos de identidade e memória com a população local e buscar uma mudança na mentalidade e no comportamento do turista, visando que esse desenvolva maior consciência social e cultural, além de preocupação com o patrimônio material e imaterial em suas viagens. Desta forma, não se torna de grande relevância o desenvolvimento dos recursos financeiros para o projeto.

Cabe ressaltar também que se limitará a exposição dos recursos a serem utilizados, devido ao fato dos mesmos terem sido expostos e detalhadamente caracterizados no capítulo 3 deste mesmo trabalho. Os recursos serão (figura 27):

- Igreja Matriz Nossa Senhora da Graça e Casa Paroquial;

- Casa de Câmara e Cadeia, atual Museu Histórico de São Francisco do Sul;
- Mercado Municipal;
- Hospital de Caridade;
- Museu Nacional do Mar;
- Cine Teatro “X de Novembro”;
- Sede do IPHAN;
- Clube XXIV de Janeiro;
- Bens tombados do centro histórico (casarões) destacando o Sobrado da Família Assef e o Casarão da família Rinow;
- Passeio de Barco pelas ilhas, destacando a Ilha da Rita;
- Forte Marechal Luz;
- Ruínas do Leprosário;
- Sambaquis;
- Vila da Glória, destacando a Capela Nossa Senhora da Glória, a Rota dos Engenhos, a Rota das Cachoeiras e o Casarão dos Backmaeirs;
- Porto;

- Festas tradicionais, principalmente a festilha e o carnaval no centro histórico;
- Gastronomia;
- Grupos Folclóricos, principalmente o Pau de Fita, as Pastorinhas e o Pão por Deus.

#### b) Temas

Os temas a serem apresentados nesse roteiro, relacionados com os recursos expostos, podem ser:

- História da Ocupação do Município – contada desde a ocupação original indígena; a primeira visita dos franceses em 1504; a disputa pelas terras entre espanhóis e portugueses; fundação da Vila pelos luso-vice-reis; a tentativa de se fundar uma colônia socialista no Falastrão do Saí, novamente pelos franceses; a vinda de imigrantes europeus, enfatizando a importância de todas essas fases para a formação do município tanto em aspectos sociais e econômicos, mas principalmente nos aspectos culturais, no que diz respeito ao patrimônio construído e também das manifestações culturais, tradições e costumes;
- Lenda do Morro do Hospício relacionada ao Hospital de Caridade (anexo 1);
- Trajetória do Grupo Dramático de Amadores “X de Novembro”;
- História do Clube XXVI de Janeiro;





**Figura 27 – Planta Centro Histórico com Detalhe dos Recursos a Serem Utilizados para o Roteiro**

Fonte: Adaptado de São Francisco do Sul – Passaporte 500 anos

Legenda:

- 1 Cine Teatro “X de Novembro”
- 2 Prefeitura Municipal
- 3 Igreja Matriz Nossa Senhora da Graça
- 4 Casarões da Rua Babitonga

- 5 Mercado Municipal
- 6 Sede do Iphan
- 7 Casarão da Família Asséf
- 8 Museu Histórico de São Francisco do Sul

- 9 Casarão da Família Rhinow
- 10 Residência de Ernesto S. Thiago
- 11 Hospital de Caridade
- 12 Sambaquis

- 13 Forte Marechal Luz
- 14 Ruínas do Leprosário
- 15 Museu Nacional do Mar
- 16 Vila da Glória

- História do amor impossível da poetisa Julia Maria da Costa, bem como exposição de algumas de suas poesias;
- História da construção do Forte Marechal Luz e importância na história de São Francisco do Sul;
- História e lendas a cerca das Ruínas do Leprosário; da Ilha da Rita bem como as diversas lendas<sup>9</sup> que enriquecem a cultura do povo francisquense;
- Aspectos sociais e culturais do porto;
- Sambaquis.

### c) Mercados

Através da pesquisa realizada pode-se traçar o público-alvo para este roteiro. Em primeiro momento deverá atingir o público de terceira idade e as famílias que visitam a localidade, oferecendo a estes uma alternativa de conhecimento e lazer ao turismo de sol e praia.

Outro segmento que se pretenderá atingir serão as escolas do município e região (ensino fundamental e médio), visto que São Francisco do Sul guarda um pouco da história dos municípios vizinhos. Aplicando um roteiro interpretativo a estes estudantes acredita-se que terão maior absorção dos conteúdos programáticos relacionados a história e geografia, e será possível despertar desde cedo, uma consciência da importância de se valorizar e preservar o patrimônio

---

<sup>9</sup> Segundo Silva (2004) as lendas francisquenses trazem subsídios para se analisar as manifestações populares de São Francisco do Sul. Tratam-se de temas diversos como escravidão, poder, o papel reservado a mulher na sociedade da época, ambição, inveja e ambição, morte. Entre as principais lendas pode-se destacar: A Lenda da Carroça sem Cavalo da Rua Dez, A Missa dos Mortos, A Lenda do Urutau, A Lenda das bruxas, A Lenda do Lobisomem, O Vulto Branco, A Lenda da Escrava, O Corpo Seco, Lenda do Morro da Cruz, A Ruína dos Leprosos, Milagre de Nossa Senhora da Graça, O Casarão Assombrado entre muitas outras.



material e imaterial próprios e de outras localidades, fazendo com que cresçam com hábitos e comportamentos diferentes dos turistas que encontramos atualmente.

Faculdades de Turismo, Arquitetura, Administração em Comércio Exterior entre outras que poderão realizar visitas técnicas utilizando o roteiro interpretativo. Estas poderão analisar os diversos aspectos culturais, sociais, econômicos, históricos, patrimônio, porto, sendo que o roteiro proposto será de grande valia na distribuição de informações sobre o local.

Aos poucos se buscará atrair também os jovens que visitam as praias e outros segmentos que ainda não possuem tanto interesse em desfrutar desse produto. O público jovem é um público potencial para o roteiro, pois conhece e visita a região, porém não possui muito interesse nos aspectos culturais. Desta forma será necessário, com o desenrolar das estratégias e monitoramento do programa, tentar torna-las atrativas para despertar o interesse para o mesmo, a fim de despertar também neles a consciência de preservação e valorização e importância da cultura.

## Etapa 2 – Meios e Técnicas

Os meios e técnicas utilizados deverão estar adequados ao público que se pretende atingir. Dessa forma deverá fornecer as informações de maneira simples e objetiva, utilizando uma linguagem que alcance desde as crianças até o público de terceira idade. No caso de visitas técnicas previamente agendadas de faculdades, poderá se utilizar uma linguagem mais técnica, e informações mais voltadas aos objetivos da visita.

O roteiro deverá proporcionar aos turistas um sentimento de mudança. Em contato com os meios e técnicas de interpretação o visitante deverá rever seu comportamento em viagens, e também em relação a proteção do patrimônio. Ele deverá entender a importância e o significado do patrimônio para o local. Entender também que apesar de não estar na sua cidade, estar provavelmente de férias em lazer, ele deve ter respeito ao local visitado, seja ele qual for. Deve respeitar os costumes, as pessoas, os atrativos e interagir com esse meio, como forma de otimizar sua experiência turística. O turista deve entender que ela causa impactos negativos nos

locais que visita e que também pode causar impactos positivos, tudo depende de seu comportamento no local visitado.

Os meios e técnicas serão detalhadamente apresentados nas estratégias de interpretação.

### Etapa 3 – Gestão e Promoção

A gestão de um projeto de Interpretação necessita de um órgão que trabalhe suas principais ações, e atua como mediador entre o poder público e a comunidade local, tornando possível a atuação da segunda e também verifique as ações a serem tomadas e que as cobre do primeiro.

Diante dos dados exposto com o resultados da pesquisa *in loco*, verificou-se que o município de São Francisco do Sul não possui determinado instância. O ideal é que venha se viabilizar a criação de um órgão público que atue como suporte para a proposta interpretativa. Esse órgão seria composto por uma equipe multidisciplinar (turismólogos, historiadores, arquitetos) e teria como principal objetivo permitir que as estratégias interpretativas se realizem.

Como foi dito, o presente atuará como uma ponte entre o relacionamento do poder público com a comunidade local, buscará meios para desenvolver as estratégias voltadas à preservação do patrimônio histórico e cultural, atuará em contato direto com o roteiro, planejando, monitorando e propondo ações reparadoras quando estas se tornarem necessárias, buscará desenvolver uma parceria com o poder privado que também atuará no roteiro. Essa parceria poderá também contribuir para subsidiar o projeto.

Oferecerá treinamentos, capacitação, comunicação e explicações para que a comunidade local possa desenvolver as atividades junto ao público e também para auxiliar nas adaptações que venham a ser feitas, será responsável pela contratação de estagiários, acontecimentos de reuniões que devem ser periódicas, cursos a serem realizados, pesquisa com o

público, viabilização de cursos para capacitação e qualificação das diversas áreas e demais ações que visem o bom funcionamento do projeto.

O monitoramento do roteiro será constante, alterações serão feitas sempre que se tornarem necessárias, ou conforme forem sendo atualizadas as formas de interpretação. Os visitantes poderão avaliar os serviços oferecidos, as técnicas utilizadas, os locais visitados, as informações repassadas a fim de demonstrarem o nível de satisfação com o projeto e possíveis melhorias a serem realizadas.

Nesta etapa também devem ser expostas as formas de divulgação do produto.

Como se trata de um produto cultural e sua realização acontecer em maior parte em um centro histórico, o objetivo da divulgação não é trazer grande número de pessoas, afinal isso pode ocasionar problemas ao desenvolvimento de um roteiro que busca entre alguns dos seus benefícios a preservação e proteção do patrimônio.

Desta forma, o roteiro e suas características ficarão expostos em sites que divulguem o município de São Francisco do Sul. Haverá folders (apêndice 1) distribuídos em hotéis, pousadas, restaurantes, bares, quiosques, no centro histórico e nas praias. O roteiro estará disponível em agências de viagens e *free-lancers* principalmente nos estados do Paraná, Santa Catarina e São Paulo. Serão também realizadas visitas ou enviado material promocional às escolas e faculdades da região.

Outra forma de divulgação podem ser as festas tradicionais, já que estas atraem grande número de turistas. Pode se realizar distribuição de material promocional, e também anunciar o roteiro no palco principal.

## 6.2.2 Estratégias Interpretativas

Como dito anteriormente, existem algumas estratégias a serem utilizadas em roteiro interpretativo. Estas têm como principal objetivo criar uma harmonia entre o local e o visitante e passar a informação desejada a ele. Para isso estas podem estar relacionadas tanto a preservação e restauração do local e dos atrativos, infra-estrutura turística e de apoio, capacitação e qualificação da mão-de-obra a ser utilizada quanto as formas de comunicação com os turistas.

Em um primeiro momento, as estratégias de interpretação a serem propostas estarão voltadas ao espaço e serviços que serão oferecidos ao turista, e são:

- Buscar mão-de-obra de áreas específicas para trabalhar em cargos que demandem como por exemplo: turismólogos – secretaria de turismo, hotéis, planejamento do roteiro; museólogos/historiadores: museus, planejamento do roteiro; arquitetos: IPHAN e com os bens materiais;
- Qualificar e capacitar toda mão de obra não específica, utilizando preferencialmente mão de obra local, preparando-a para trabalhar como guias no roteiro, nos museus e também nas estratégias interpretativas a serem utilizadas;
- Preparar a comunidade local em relação ao roteiro, dar noções de o que é; como funciona; benefícios que gera; impactos negativos que possa eventualmente acarretar; qual o papel da comunidade nesse roteiro; de que forma devem atuar; o que estarão possivelmente ganhando e perdendo com o desenvolvimento do roteiro;
- Preocupar-se com questões ligadas a acessibilidade para portadores de necessidades especiais;

- Trabalhar com projetos de educação patrimonial com a comunidade local, principalmente com os jovens e crianças, para buscar além de criar uma conscientização, atingir esse público que demonstrou pouco interesse pelo patrimônio;
- Remanejar toda a parte elétrica do centro histórico, retirando os postes e a fiação externa, (deixar parecido com outros centros históricos como por exemplo o de Florianópolis que possui toda fiação interna), visto que o tornará mais autêntico;
- Padronizar os letreiros comerciais das lojas no centro histórico, deixando-os do mesmo tamanho para evitar poluição visual e que escondam a fachada das construções;
- Aumentar a quantidade de lixeiras no centro histórico e no Forte, trabalhar com coleta seletiva de lixo;
- Proibir a entrada de ônibus e de um fluxo muito grande de carros no centro histórico visando sua preservação. Para o roteiro os ônibus e carros devem possuir estacionamento próprio e o roteiro será todo feito a pé, pois além de causar menor impacto, é possível uma melhor visualização dos recursos;
- Buscar uma parceria com o IPHAN (projeto monumental), para restaurar algumas construções que ainda não passaram por este processo e que se encontram em mau estado de conservação;
- Realizar uma “limpeza” no centro histórico: pintar fachadas que mesmo que já tenham sido restauradas, necessitem de pintura; arrumar os jardins públicos; trocar o trapiche, entre outras ações que possam tornar melhor o ambiente local;

- Investir em sinalização turística em todo o centro histórico e demais atrativos;
- Proibir a construção de casas que possuam estilos arquitetônicos modernos e diferentes dos já existentes no centro histórico.

No que diz respeito ao roteiro propriamente dito pode-se sugerir:

- Na chegada dos turistas na localidade eles serão encaminhados ao CIT – Centro de Informações Turísticas - e em uma sala será passado um vídeo sobre a localidade. O Centro de Informações já existe e possui a sala com tamanho adequado ao trabalho a ser realizado;
- Em seguida, será oferecida uma palestra destinada a explicação sobre a importância do patrimônio histórico e cultural e conscientização sobre sua preservação. A palestra utilizará como recursos audiovisuais o data-show expondo mensagens de valorização do patrimônio além de fotos e imagens que despertem a consciência de preservação dos ouvintes e som ambiente, que contribuirá para o alcance dos objetivos; o profissional que fornecerá as informações deve fazê-lo de forma objetiva e impactante, para instigar uma mudança na forma de pensar do visitante, buscando desenvolver neste a conscientização;
- Serão distribuídos folders para os turistas. Este material será utilizado tanto para a divulgação do roteiro cultural, como também para orientar a visita, fornecendo mapa e informações sobre a localidade;
- Neste momento serão apresentadas algumas normas para a visita com o objetivo de orientar e informar o visitante sobre o comportamento adequado ao longo do percurso (apêndice 2) Para tanto, será utilizado o data-show e disponibilizado as normas por escrito aos turistas;

- Serão distribuídos também algum material promocional do roteiro e da localidade, sacolinhas de lixos e bituqueiras, para que os fumantes possam apagar seus cigarros e não jogar as bitucas na rua;
- Profissionais da área estarão analisando a capacidade de carga ideal para o roteiro, procurando dessa forma, oferecer serviços de maior qualidade devido a estruturação dos grupos, e minimizar os impactos que provavelmente seriam causados por grupos maiores;
- Em uma das refeições, provavelmente o jantar por poder dispor de maior tempo, um membro da comunidade (associação de pescadores) será responsável por contar aos turistas as histórias e lendas do município, os “causos” de pescadores entre outros, esse jantar acontecerá no restaurante Portela (único restaurante que fica aberto a noite no centro histórico);
- Outra alternativa é que essa apresentação de histórias e lendas, ou até mesmo de outras expressões da cultura local sejam apresentadas no bar do Museu Nacional do Mar;
- Neste também podem ser realizados saraus, (atualmente os saraus são organizados pelos responsáveis pelo Museu acontecendo às segundas feiras);
- Diminuir o conteúdo de texto das placas interpretativas dos museus, pois por conterem excesso de texto tornam as informações desinteressantes e normalmente as pessoas não param para lê-las inteiras. Estas placas devem sempre combinar textos e imagens, os textos devem ser objetivos, simples e curtos;

- Os Museus, principalmente o Histórico, devem refazer as placas interpretativas que se encontrem velhas e dificultem a leitura do conteúdo. Essa troca das placas deve ser feita sempre que apresentarem necessidade;
- As demais informações necessárias devem ser passadas através do guia, pois o percurso tende a se tornar menos cansativo e melhor aproveitado;
- O percurso de todo o roteiro deve ser sempre acompanhado por guia;
- O roteiro irá funcionar na alta temporada e quando previamente agendado;
- Quem visitar a localidade fora de temporada, sem agendamento prévio contará com a palestra e o vídeo no CIT, guias nos museus e o restante do roteiro poderá ser auto-guiado, visto que não existe a necessidade de possuir mais de um guia nessa época, com exceção de visitas agendadas. Será disponibilizado o equipamento de áudio para que o visitante possa realizar o roteiro e obter as informações necessárias para o conhecimento local, dando aos turistas maior conforto e segurança;
- No Museu Histórico e no Museu Nacional do Mar, sempre haverá disponível um guia específico, treinado e capacitado para atuar junto aos turistas, que acompanhará toda a visita. Torna-se necessário que o Museu Histórico possua pelo menos dois guias no caso de dois grupos visitarem o museu ao mesmo tempo. O Museu do Mar deve disponibilizar de um número de três guias. Esse número deve ser revisto na alta temporada;
- As construções históricas contarão com placas interpretativas padronizadas informando data de construção, estilo arquitetônico e a quem pertenciam;



- O roteiro terá um guia para explicar sobre o casario: diferentes estilos arquitetônicos e as características de cada um deles, explicar sobre a história de cada construção e sua importância na história do município;
- Algumas casas contarão com estratégias específicas, ex: Casa da Poetisa Julia: uma moça da comunidade local trajada, pode se passar pela poetisa e realizar uma encenação que explique sua vida, seu amor impossível e sua importância para história local, além de declamar algumas de suas poesias;
- O passeio de barco também contará com a presença do guia que explicará a importância da Baía da Babitonga para toda a região, além de explicar sobre as ilhas, principalmente a Ilha da Rita, devido sua importância para o local;
- Podem ser feitas encenações sobre a ida de Gonneville à São Francisco do Sul, pois, apesar de não ser um fato de relevante importância em âmbito histórico por estes não terem sido os povoadores da região, tem grande significado para a população local;
- Podem ser feitas encenações sobre a fundação do município;
- Encenações sobre o significado que o porto possuía em um contexto regional e local (através de poesias, teatros da movimentação de idas e vindas no porto, relatos de pessoas da época) no passado. Relatos sobre sua importância atual. Isso também pode ser feito em forma de painéis ilustrativos com texto interpretativo e explicação;
- As encenações podem ser feitas através de parceria com as escolas do município, de forma a proporcionar às crianças maior conhecimento da história do município;

- Nos dias das festas típicas, haverá toda uma ambientalização, as pessoas nos restaurantes, barracas, hotéis, comércio estarão vestidas com trajes da época. As encenações também poderão acontecer nestes dias;
- Serão disponibilizadas também informações sobre os ônibus e horários que levam até o centro histórico.

### **6.2.3 Roteiro – São Francisco do Sul: A História Mais Perto de Você**

Após serem expostas as etapas do Plano interpretativo traçando os recursos a serem utilizados, o público-alvo do roteiro, o objetivo, os meios e técnicas de interpretação, o monitoramento, a divulgação, assim como todas as estratégias interpretativas que possam ser utilizadas em seu desenvolvimento, destaca-se a necessidade, para uma melhor visualização da apresentação do Roteiro: São Francisco do Sul: A História mais perto de você.

A escolha deste nome para o roteiro proposto se deu devido ao fato de se buscar enfatizar o aspecto histórico, cultural e de conhecimento do mesmo. Acredita-se que esse título desperta a curiosidade do público em entrar em contato com a história do local, além de deixar claro que o roteiro é uma alternativa ao turismo de sol e praia, para aqueles turistas que buscam algo a mais em suas viagens.

Vale ressaltar que o roteiro apresentado será realizado principalmente para grupos pré-agendados, ou para pessoas que possuam conhecimento do mesmo e sintam o desejo de realizá-lo. Porém, visitantes que busquem a apreciação destes atrativos isolados, também usufruirão das técnicas de interpretação já expostas. Os grupos não terão a necessidade de realizar o roteiro inteiro, podem optar por recursos que sejam de maior interesse, ocorrendo assim uma adaptação do roteiro existente. Quando grupos realizarem o roteiro inteiro, os membros não terão obrigatoriedade de acompanhar. Podem elencar recursos e atividades, e as realizarem isoladas.

Da mesma forma que o presente estudo não possui o objetivo de apresentar o levantamento dos recursos financeiros bem como fontes de financiamento para o desenvolvimento do projeto, também não se torna importante apresentar os custos para a realização do roteiro, visto que para tanto deveriam ser analisados custos com mão-de-obra, preservação, restauração, encenações, peças de teatro entre muitos outros elementos que deveriam ser levados em consideração para estabelecer um preço adequado ao produto. No entanto, alguns valores podem ser citados, para que se tenha noção do valor do produto a ser oferecido<sup>10</sup>:

- Museu Histórico: R\$ 2,00 por pessoa quando se opta por realizar a visita sozinho, e, R\$ 1,00 por pessoa quando se tratar de grupo;
- Museu Nacional do Mar: R\$7,00 por pessoa que se opta por realizar a visita sozinho, e, R\$ 5,00 reais por pessoa quando se tratar de grupo;
- Restaurantes: variam de R\$ 15,00 a R\$ 20,00 quando se opta por visitar sozinho, e, R\$ 8,00 a R\$ 15,00 reais quando se tratar de grupo; (Restaurantes do Centro Histórico, Vila da Glória e do Forte Marechal Luz);
- Hospedagem: baixa temporada - varia de R\$ 50,00 a R\$ 100,00 a diária por pessoa, quando se opta por visitar sozinho, e, R\$ 20,00 a R\$ 70,00 a diária por pessoa, quando se tratar de grupo; alta temporada – varia de R\$ 70,00 a 180,00 reais a diária por pessoa, quando se opta por viajar sozinho, e, R\$ 50,00 a R\$ 130,00 a diária por pessoa, quando se tratar de grupo.
- Forte Marechal Luz: R\$ 5,00 reais por ônibus ou por carro, e, R\$ 2,00 reais por pessoa;

---

<sup>10</sup> Preços adquiridos em setembro de 2006

- Passeio de barco: R\$ 20,00 por pessoa;
- Barco para Vila da Glória: R\$ 3,00 por pessoa.

Os demais recursos a serem utilizados não possuem custo para visitação (igreja, IPHAN, casarões, clube, cine teatro, ruínas, hospital etc), o que deverá ser computado serão os custos das estratégias interpretativas utilizadas.

1º dia

A visita terá início pela manhã (08h00min). O grupo de visitantes se reunirá no CIT para palestra e demais informações, além da distribuição do material promocional, sacolinhas de lixos, bituqueiras, e folder que contém o trajeto a ser percorrido no roteiro. Em seguida (09h00min) o grupo seguirá para a Igreja Matriz Nossa Senhora da Graça, onde será explicado pelo guia todo o processo de fundação e formação sócio-espacial do município, destacando a igreja como ponto principal no traçado urbano do município. Os visitantes terão tempo para conhecer a parte interior da igreja. Aproveitando a proximidade da Igreja, o guia irá mostrar aos turistas a Casa Paroquial e a Prefeitura, explicando a história e estilo arquitetônico de ambas as construções.

Continuando o trajeto o grupo caminhará rumo ao Museu Histórico, onde realizará a visita do museu acompanhado por um guia interno (10h00min). A visita terá duração de aproximadamente 01h30 min, e, depois os visitantes terão tempo para o almoço, podendo este acontecer no Restaurante Portela, no Restaurante do Zibamba Hotel e no Restaurante Zinho Batista. Todos se encontram no centro histórico e próximos aos recursos que serão trabalhados na parte da tarde.

Após o almoço (13h30min), o guia fará o trajeto dos principais casarões do centro histórico, explicando a eles sobre a história dos seus ocupantes, sua relevância para o

município, estilo arquitetônico entre outros dados relevantes. Alguns destes casarões poderão conter estratégias de interpretação próprias, como o caso do Casarão da poetisa Julia Costa. Os bens destacados neste momento serão: Mercado Municipal, Casarão da família Rhinow, Casarão da Loja Koerich, Sobrado dos Carvalho, Sobrado da família Assef, Residência de Ernesto S. Thiago. (Saindo da Av. Nereu Ramos – Residência de Ernesto S. Thiago até chegar na Rua da Babitonga)

Entre estes também serão apresentados a sede do IPHAN, com especial explicação sobre o Instituto e seu papel junto ao patrimônio local, bem como de programas e projetos que estejam sendo desenvolvidos pelo órgão, Cine Teatro “X de Novembro” com explicação sobre sua história, estilo arquitetônico e sobre o Grupo Dramático de Amadores X de Novembro. Esta explicação poderá ser através de peças de teatro para ilustrar a importância desse grupo para a localidade. Outro bem apresentado será o Clube XXVI de Janeiro.

Após o retorno os visitantes se dirigirão ao hotel (no centro histórico), e retornarão para o jantar. Opções para estratégias noturnas:

- Jantar no Restaurante Portela, com pratos típicos e posterior apresentação de estórias e causos (pescador local);
- Sarau (depois do jantar que fica a critério do visitante), com apresentações musicais, poesias, estórias, lendas, causos entre outras expressões culturais;
- Apresentação teatral (depois do jantar que fica a critério do visitante), no Cine Teatro “X de Novembro”;
- Apresentação de grupos folclóricos (depois do jantar que fica a critério do visitante), no Cine Teatro “X de Novembro”;

- No caso de grupos da Terceira Idade podem ser realizados bailes temáticos relacionados com algum aspecto da cultura francisquense. Um exemplo pode ser os bailes de carnaval que aconteciam quando São Francisco era conhecido por oferecer o baile de gala mais luxuoso de Santa Catarina, também bailes que aconteciam para eventos sociais, entre outros, no Clube XXVI de Janeiro;
- As encenações propostas nas estratégias (Goneville e fundação do município), (depois do jantar que fica a critério do visitante), no Cine Teatro “X de Novembro”;

2º dia

A visita terá início pela manhã (8h00min). O recurso a ser visitado será o ao passeio de barco. Esse passeio será substituído caso o tempo esteja chuvoso. O passeio de barco terá duração de aproximadamente duas horas, acompanhado de guia que enfatizará a importância da Baía da Babilonga na vida do francisquense e região.

O trajeto passará pelas ilhas: Ilha Mandijituba, Ilha da Murta, Ilha do Maracujá, Ilha dos Herdeiros, Ilha das Flores, Ilha do Caçõ, Ilha do Corisco, Ilha Queimada, Ilha das Claras, Ilha Grande, Ilha Redonda e Ilha da Rita, com explicação especial.

Em seguida um ônibus levará o grupo até o Hospital de Caridade. No caso de visitantes sozinhos, haverá disponibilizadas vans que os levarão ao local mediante um número de no mínimo 5 pessoas. No local o visitante terá contato com a história e com as lendas que pairam sobre ele. Serão utilizadas diferentes técnicas para apresentação dessas lendas.

Terminada a visita o ônibus retornará ao centro histórico para o almoço. Em seguida, os visitantes serão liberados para o almoço, que fica a critério de cada um, mediante sugestões já apresentadas.

As 14h00min os visitantes deverão seguir até o Museu Nacional do Mar (10h00min). O percurso será acompanhado por um guia do museu e terá duração de aproximadamente 02h00min.

Depois os visitantes estarão livres até o jantar. As sugestões para a noite, serão as mesmas já expostas, acrescentando apenas entre as encenações, aquela que se trata do porto.

3º dia

Pela manhã (08h00min), o grupo deverá se reunir no CIT, para que lhes sejam expostas informações a respeito do porto. Essas lhes serão passadas através da utilização de diferentes técnicas interpretativas. Após (9h00min), seguirão ao porto para visitação do mesmo. A visita será acompanhada de guia específico e terá duração de aproximadamente 02h30min.

Aproximadamente 11h30min o grupo partir  para Vila da Glória, onde irá almoçar e acompanhado do guia passará o restante do dia. Aqui lhes será explicado toda a trajetória da Vila, desde o Falanstério do Sa  e sua importância até a atualidade. (o passeio será substituído em caso de tempo chuvoso)

Visitar o a Capela Nossa Senhora da Glória, o casarão dos Backmaeirs e poderão optar entre a Rota dos Engenhos e a Rota das Cachoeiras. Retorno previsto para às 16h30min.

Depois os visitantes estarão livres até o jantar. As sugestões para a noite, serão as mesmas já expostas, acrescentando apenas entre as encenações, aquela que se trata do porto.

4º dia

 s 8h00min partir  o ônibus/van para a Praia de Enseada para a visitação dos sambaquis.

O próximo recurso a ser visitado será o Forte Marechal Luz, na Praia do Forte. O ônibus partirá de Enseada aproximadamente 11h30min, para almoço no restaurante do Forte e em seguida sua visita. A visita também será acompanhada de guia, sendo que no Museu do Forte haverá um guia especializado.

Seguirão depois, até a Praia do Capri para visita das Ruínas do Leprosário, acompanhados por guia. (16h30min).

Os visitantes podem ainda optar por realizar o roteiro em época de festas tradicionais, motivo que leva o percurso realizado a sofrer algumas alterações.

Durante a Festilha (abril), o visitante terá acesso apenas ao Museu Nacional do Mar, Museu Histórico, Ruínas do Leprosário, Forte Marechal Luz e Sambaquis. Porém, poderá entrar em contato com a cultura francisquense participando de uma festa que possui o objetivo de resgate das manifestações culturais, costumes, tradições e gastronomia. Por outro lado, como dito anteriormente, a festa combina também elementos mais modernos. Acontece durante todo o dia na Rua da Babitonga. Normalmente possui três dias de duração. Algumas técnicas interpretativas, como as encenações, poderão acontecer durante o festejo. Também haverá apresentação de grupos folclóricos e do Pão por Deus.

No carnaval o visitante que optar permanecer no Centro Histórico, entrará em contato com uma manifestação tradicional contendo a participação de vários blocos e escolas de Samba, na passarela da Rua da Babitonga. O baile no Clube XXVI de Janeiro também pode ser uma forma de resgate das tradições, podendo ser realizado em uma das noites de festa.

Existe ainda a festa da Padroeira Nossa Senhora da Graça no dia 08 de setembro, onde poderão acontecer as encenações, apresentação dos grupos, almoço com comidas típicas entre outros. Se o turista tiver disponibilidade de tempo para permanecer no local, o roteiro interpretativo pode acontecer nos dias posteriores à festa.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos assuntos abordados neste trabalho, foi possível perceber o quanto é importante para um determinado grupo social o seu sistema cultural de referência, no qual os indivíduos mantêm formas próprias de comportamento, seus conhecimentos, costumes, hábitos, crenças, tradições e instrumentos compartilhados em comunidade. Os bens culturais, materiais e imateriais, são os meios para que esta sociedade possa encontrar sua identificação, tendo em vista que, as manifestações culturais podem acabar desaparecendo ao longo do tempo, estes bens preservados e conservados permitirão a perpetuidade da memória coletiva de uma comunidade, garantindo para as novas gerações o acesso ao passado e a sua identidade.

Pôde-se perceber também que o turismo pode vir a ser um grande aliado nesse processo. A atividade turística encontra-se entre as mais promissoras no contexto econômico mundial. Vive, atualmente, um processo de intensa discussão determinado pela necessidade de conciliar o desenvolvimento deste setor com uma postura de respeito ao meio ambiente, conceito entendido em sua forma mais ampla e que abrange não só os recursos naturais, mas a população residente, sua cultura e seus saberes.

Assim, uma das grandes preocupações dos estudiosos acerca deste fenômeno na atualidade refere-se aos impactos provocados pela visitação em massa em determinados locais, sejam eles patrimônios naturais ou culturais. Tem-se, então, o turismo sustentável, aquele baseado em planejamento, projetos, planos, que leva em conta as características e peculiaridades das localidades e os faz alvos de estudos prévios, a fim de garantir que essas se beneficiem dos fluxos de visitantes, em lugar de serem prejudicadas por eles. O presente trabalho buscou mostrar que uma possível alternativa de desenvolvimento da atividade turística que alcance a sustentabilidade é a interpretação patrimonial.

Verifica-se que os objetivos propostos inicialmente foram alcançados no decorrer do trabalho a partir do desenvolvimento de uma pesquisa bibliográfica que permitiu um maior conhecimento sobre os aspectos geográficos, históricos, econômicos e de levantamento e

aproximação do patrimônio histórico e cultural local, além de um embasamento da teoria a respeito dos temas relevantes. E também através da pesquisa in loco que permitiu uma análise da localidade e do seu potencial, além de um estudo sobre o turismo cultural no centro histórico e aceitação e interesse na proposta central do trabalho.

As principais limitações encontradas para a realização deste trabalho giraram em torno da dificuldade em se encontrar bibliografia sobre o município, principalmente em relação aos aspectos históricos que datam de 1900 e de sua relação com o estado de Santa Catarina. A maioria das bibliografias fazem referência aos municípios de Joinville, Laguna e Florianópolis.

Outro fator a ser considerado foi a dificuldade em se obter informações do poder público e a falta de dados relacionados à atividade turística. Vale ressaltar a prestatividade, hospitalidade, gentileza e cordialidade do povo franciscano, atendendo sempre prontamente e dispostos a colaborar de todas as formas possíveis para o desenvolvimento deste.

O estudo mostrou a riqueza na herança histórico-cultural de São Francisco do Sul – SC, principalmente quando se fala do centro histórico, tombado pelo IPHAN em 1981, com aproximadamente 150 edificações. Além disso, todo o legado cultural como hábitos, costumes, a memória e a identidade local, merece ser preservado.

Como já observado, o centro histórico de São Francisco é um lugar único, que requer atenção do poder público e de estudiosos dispostos a colaborar para que a exploração turística no local não cause grandes problemas futuros, bem como perpetuar a importância deste sítio para a história do país. Não há necessidade de grandes estudos ou projetos, mas sim de planejamentos de pequenas ações voltadas à proteção do patrimônio e gestão da atividade turística, sem esquecer os principais interessados e/ou atingidos, que são os atores locais.

Os benefícios advindos com a utilização do local pelo turismo cultural são muitos, como a visualização do centro histórico, com seu potencial ainda para ser mais conhecido e utilizado de forma que possa valorizar seus atrativos patrimoniais. Uma maior valorização histórica ou turística irá gerar, na própria comunidade, um orgulho de sua história e fazer com

que a mesma olhe para seu patrimônio com outros olhos e passe a identificar-se cada vez mais com ele.

O valor de uso traz um referencial para o centro de São Francisco, e o valor de uso destas edificações poderia auferir-lhe um destaque especial, mostrando a todos a importância do mesmo na história do município e região. Assim, um plano interpretativo transformaria o ambiente arquitetônico em um ambiente mais acolhedor, mais agradável, onde o turista possa usufruir da história pela informação, sentir a energia interior destes casarios e dos monumentos.

A interpretação é um componente essencial, principalmente quando se apóia na cultura e em paisagens especiais. Ela possibilita aos visitantes conhecer e apreciar mais os lugares, podendo até levá-los a prolongar sua visita e estimular novas visitas. A interpretação agrega valor ao produto. A valorização do meio ambiente urbano, da história, dos saberes e fazeres culturais contribui para a diversificação do produto, abrindo mercado para diferentes nichos turísticos. No caso de São Francisco do Sul, além das praias, tem-se muito mais a oferecer no campo do turismo cultural.

Assim, uma boa apresentação e interpretação fazem o turista sentir que uma cidade histórica e os costumes locais são especiais. O som de um órgão pode criar um clima especial e valorizar a visita a uma igreja. A história de uma cidade pode ser melhor fixada na memória das pessoas através de painéis e encenações. Ou seja, os atrativos devem ser interpretados fornecendo informações sobre o local e seus habitantes, os seus hábitos, costumes, tradições, lendas, segredos de sua história, curiosidades de seu dia-a-dia, estimulando o olhar, provocando curiosidade e levando o visitante a descobrir toda a magia do lugar.

Em face destes aspectos, acredita-se que a proposta de roteiro interpretativo para o Município de São Francisco do Sul – SC trará benefícios para a comunidade local, que terá a possibilidade de se envolver com elementos que proporcionarão o encontro com a cultura e identidade francisquense, permitindo a preservação e conservação do patrimônio histórico e cultural e, conseqüentemente, possibilitará a transmissão da memória coletiva local às novas gerações, como também, oferecerá para os turistas acesso a momentos de lazer, entretenimento e

conhecimento. A longo prazo, com aumento do turismo cultural, esta proposta poderá proporcionar também uma nova forma de desenvolvimento, tanto econômico quanto cultural.

Neste sentido, a interpretação, ao mesmo tempo em que educa o turista e o ensina a respeitar e valorizar diferentes culturas, faz com que o visitante leve a sua experiência para sua localidade e a repasse a amigos. Essa valorização do patrimônio cultural para o turismo é uma das formas de orientar o visitante para que aproveite da melhor forma possível a sua estadia na cidade. Para tanto é necessário o envolvimento da comunidade local.

Se o desenvolvimento da atividade buscar desde o início a população do lugar, a interpretação pode ser um poderoso aliado do desenvolvimento sustentável. Uma comunidade que não conhece a si mesma dificilmente poderá comunicar a importância de seu patrimônio, seja na interação com os visitantes, seja na sensibilização das operadoras. A prática interpretativa deve, portanto, promover a discussão entre os vários segmentos sociais sobre aquilo que torna seu lugar especial e diferente. Deve também levar os moradores a (re) descobrir novas formas de olhar e apreciar seu lugar, de forma a desenvolver entre eles atitudes preservacionistas. Finalmente, deve despertar novas vocações e possibilitar oportunidades de trabalho e renda ligados ao turismo.

Mas os turistas não são os únicos a se beneficiar com o desenvolvimento do turismo cultural a partir de técnicas de interpretação. Essa forma de atividade gera lucro para a localidade, empregos diretos e indiretos para a comunidade local e conseqüentemente aumento na qualidade de vida e desenvolvimento local.

Além disso, a comunidade envolvida com as estratégias também passa a ter um contato muito mais íntimo com sua história e cultura, desenvolvendo também a valorização do patrimônio material e imaterial, proporcionando manter seus costumes, tradições, folclore, gastronomia, saber-fazer, preservar o patrimônio construído entre outras ações.

Dessa forma, acredita-se que o papel do turismólogo torna-se fundamental para o desenvolvimento dessa proposta. O planejador do turismo é aquele capaz de atingir o equilíbrio

entre o desenvolvimento da atividade e o legado cultural, buscando sua valorização e preservação.

Porém ressalta-se que o profissional do turismo necessita de uma aliança para o desenvolvimento de suas ações. O ideal de planejamento seria uma parceria entre todos os atores envolvidos, o poder público, o poder privado, a comunidade local, associações e organizações locais e uma equipe multidisciplinar que inclua o turismólogo que deve sempre buscar o equilíbrio entre o desenvolvimento e preservação, que deve levar em consideração a experiência a ser vivida pelo turista no destino em todos os seus momentos, que deve prezar pelo envolvimento e participação da comunidade em todas as etapas, além de buscar que os benefícios desta atividade atinja todos os envolvidos e quando estes aspectos não estiverem sendo alcançados deve readequar as estratégias do produto.

Seguindo o conhecido preceito que ensina a “pensar globalmente e agir localmente”, esta proposta de desenvolvimento do turismo cultural que utilize de estratégias interpretativas para São Francisco do Sul, é uma proposta que pode contribuir, embora de maneira incipiente, para recuperar nas comunidades-alvo uma visão de conjunto, de unidade histórico-cultural-social que se crê capaz de representar um eixo de sustentação ou uma ponte entre passado, presente e futuro.

Este é apenas o início de um estudo que pode trabalhar vários aspectos voltados ao desenvolvimento do Turismo em São Francisco do sul. Podem-se criar novas propostas voltadas ao planejamento e gestão da atividade, à rede hoteleira, gastronomia, à realização de uma pesquisa de demanda mais detalhada, bem como da oferta disponível para essa demanda.

Contudo, essa proposta não têm a pretensão de se transformar em “manual” a recomendar. O que pretende é trazer à tona referências culturais importantes que estão se perdendo, com o intuito não só de recuperá-las ou difundi-las, mas também de submetê-las à reflexão, sem juízos de valor que venham a impor comparações entre esta e aquela cultura.

## REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, A. **São Francisco do Sul Ex- ilha – Terra de Sonhos e Tradição**. Curitiba: Lítero-Técnica, 1972.

ANDRADE, J. V. **Turismo: Fundamentos e Dimensões**. São Paulo: Ática, 2001.

APORTANDO. **Informativo do Porto de São Francisco do Sul**, nº 16, 2003.

ARANTES, A. A. **Produzindo o passado: estratégias de construção do patrimônio cultural**. São Paulo: Brasiliense: Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 1984.

ARRILAGA, J. I. De. **Introdução ao Estudo do Turismo**. Rio de Janeiro, 1976.

BAKTHIN, M. **A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais**. Brasília: UnB/Hucitec, 1987.

BANDUCCI JR., A.; BARRETTO, M. (orgs) **Turismo e Identidade Local – Uma Visão Antropológica**. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

BARRETO, C. Patrimônio Histórico. In: BOFF, C; GONÇALVES, A. B. **Turismo e Cultura: A História e os Atrativos Regionais**. Santo Ângelo, RS: Gráfica Venâncio Ayres, 2001. p 99 – 104.

BARRETTO, M. **Manual de Iniciação ao Estudo do Turismo**. Campinas, SP: Papyrus, 1999. 6 ed.

\_\_\_\_\_ **Turismo e Legado Cultural: As Possibilidades do Planejamento**. Campinas, SP: Papyrus, 2001. 2 ed. – Coleção Turismo.

BARROS, A. J.S.; LEHFELD, N. Apª S. **Fundamentos de Metodologia Científica: Um Guia para a Iniciação Científica**. São Paulo, SP: Makron Books, 2000.

BENI, M.C. **Análise Estrutural do Turismo**. São Paulo: SENAC, 2002. 7 ed.

BEZERRA DE MENESES, U. **“Os usos culturais” da cultura: contribuição para uma abordagem crítica das práticas e políticas culturais.** In: YÁZIGI, Eduardo et al (Org.) Turismo: espaço paisagem e cultura. 3 ed., São Paulo: Ucitec, 2002.

BÖBEL, M. T.; S. THIAGO, R. **Joinville, os pioneiros: documento e história – 1851–1866.** Joinville: Univille, 2001.

BOITEUX, H. **O Falanstério do Saí.** Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, 1º Semestre de 1944.

CADERNO DE SÃO FRANCISCO DO SUL. Prefeitura Municipal de São Francisco do Sul/Secretaria Municipal de Turismo Adm 93/96, março de 1993.

CAMARGO, H. L. **Patrimônio Histórico e Cultural.**- São Paulo: Aleph, 2002. -Coleção ABC do Turismo.

CARVALHO, P.F. Patrimônio histórico e artístico nas cidades médias paulistanas: a construção do lugar. In: YAZIGI, E. (Org). **Turismo: espaço, paisagem e cultura.** São Paulo: Hucitec, 1999.

CASTELLS, M. **O Poder da Identidade: Era da informação, economia, sociedade e cultura.** 2ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais.** São Paulo:Cortez, 1991.

COSTA, H. A. **Análise das Relações de Rede e do Perfil da Competitividade Turística: estudo comparativo entre São Francisco do Sul e Laguna – SC.** Universidade do Vale do Itajaí. Mestrado Acadêmico em Turismo e Hotelaria, 2005.

DENCKER, A. F. M. **Métodos e Técnicas de pesquisa em Turismo.** São Paulo: Futura, 1998.

FARIAS, V. F. **De Portugal ao sul do Brasil: 500 anos, historia, cultura, turismo, para todas as idades.** Florianopolis: Ed. do Autor, 2001.

FERREIRA, C.; MOSER, G.. Identidade, Patrimônio Cultural e Turismo. In: MOSER, G.; MULLER, S. A. **Sociologia Aplicada ao Turismo – Subsídios para Estudos**. Indaial: Asselvi, 2001. p 55- 66.

FERREIRA, M.N. **As Festas Populares na expansão do Turismo – A Experiência Italiana**. São Paulo: Arte&Ciência – Villpress, 2001.

FREIRE, D.; PEREIRA, L.L. História Oral, Memória e Turismo Cultural. In: MURTA, S. M.; ALBANO, C. (orgs).**Interpretar o Patrimônio : um exercício do olhar**. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Território Brasilis, 2002. p 121 - 130.

FUNARI, P. P. ; PINSKY, J (orgs). **Turismo e Patrimônio Cultural**. São Paulo: Contexto, 2003. 3 ed. – Coleção Turismo Contexto. p 15-24.

GASTAL, S. Lugar de Memória: por uma nova aproximação teórica ao patrimônio local. In: GASTAL, S. **Turismo – Investigação e Crítica**. São Paulo:Contexto, 2002.

GIL, A. C.. **Métodos e técnicas de Pesquisa Social**.5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

\_\_\_\_\_, **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 3 ed. São Paulo:Atlas, 1991.

GLOSSÁRIO. **Revista Turismo: Visão e Ação**, ano2. nº 4, fev.2000.

GOODE, W.J.; HATT, P.K. **Métodos em Pesquisa Social**. 3 ed., São Paulo:Cia Editora Nacional, 1969.

GOODEY, B. Interpretação e Comunidade Local. In: MURTA, S. M.; ALBANO, C. (orgs).**Interpretar o Patrimônio : um exercício do olhar**. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Território Brasilis, 2002. p 47 – 57.

\_\_\_\_\_. Olhar Múltiplo na Interpretação de Lugares. In: MURTA, S. M.; ALBANO, C. (orgs).**Interpretar o Patrimônio : um exercício do olhar**. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Território Brasilis, 2002. p 75 – 94.



\_\_\_\_\_ Turismo Cultural: Novos Viajantes, Novas Descobertas. : MURTA, S. M.; ALBANO, C. (orgs). **Interpretar o Patrimônio : um exercício do olhar**. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Território Brasiliis, 2002. p 131 - 138.

GOULART, M.; SANTOS, R. I. C. **Uma Abordagem Histórico-Cultural do Turismo**. Turismo Visão e Ação, v 1 nr 1. p 19-29. jan/jul, 1998.

GROCH, M. V. K, Elementos Étnicos como Produto Turístico. In: BOFF, C; GONÇALVES, A. B. **Turismo e Cultura: A História e os Atrativos Regionais**. Santo Ângelo, RS: Gráfica Venâncio Ayres, 2001.p 115 – 120.

IGNARRA, L. R. **Fundamentos do Turismo**. Thonsom Learning, 2001.

INSTITUTO BINOT PAULMIER DE GONNEVILLE. **São Francisco do Sul 500 Anos – Construções Históricas**. 2004.

KERN, A. 1998. **Antecedentes indígenas**. 2. ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1998.

KNIE, J.L.W. (coord). **Atlas Ambiental da Região de Joinville: Complexo Hídrico da Baía da Babitonga**. Florianópolis: FATMA/GTZ, 2002.

KOTHER, B. Patrimônio Histórico e Turismo. In: BOFF, C; GONÇALVES, A. B. **Turismo e Cultura: A História e os Atrativos Regionais**. Santo Ângelo, RS: Gráfica Venâncio Ayres, 2001.p 105 – 110.

LAGE, B.H.G; MILONE. P.C. **Economia do Turismo**. Campinas:Papirus, 1991.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Técnicas de Pesquisa: Planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

LE GOFF, J. **História e Memória**; tradução Bernardo Leitão. 4 ed. Campinas, SP. Ed UNICAMP, 1996.

LICKORISH, L. J.; JENKINS, C. L. **Introdução ao Turismo**. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

MACENA, L. Danças e Folguedos: Elementos de Identidade Local, Patrimônio Imaterial do Nosso Povo. In: MARTINS, C. **Turismo, Cultura e Identidade**. São Paulo: Roca, 2003. p 63-76.

MASINA, R. **Introdução ao Estudo do Turismo: conceitos básicos**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002.

MENEZES, J. N. C. **História e Turismo Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MIRANDA, J. M. O Processo de Comunicação na Interpretação. In: MURTA, S. M.; ALBANO, C. (orgs). **Interpretar o Patrimônio : um exercício do olhar**. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Território Brasilis, 2002. p 95 - 105.

MOSER, G. O Turismo Cultural Inserido nas Novas Relações Mundiais: atualidade e perspectiva. In: MOSER, G.; MULLER, S. A. **Sociologia Aplicada ao Turismo – Subsídios para Estudos**. Indaial: Asselvi, 2001. p 99-111.

MURTA, S. M.; ALBANO, C. Interpretação, Preservação: Uma Introdução. In: MURTA, S. M.; ALBANO, C. (orgs). **Interpretar o Patrimônio : um exercício do olhar**. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Território Brasilis, 2002. p 9 – 12.

MURTA, S. M.; GOODEY, B. Interpretação do patrimônio para Visitantes: Um Quadro Conceitual. In: MURTA, S. M.; ALBANO, C. (orgs). **Interpretar o Patrimônio : um exercício do olhar**. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Território Brasilis, 2002. p 13 - 46.

NEVES, B. A. C. Patrimônio Cultural e Identidade. In: MARTINS, C. **Turismo, Cultura e Identidade**. São Paulo: Roca, 2003. p 49-61

NORA, P. **Entre memória e história: A problemática dos lugares**. Revista do programa de estudos de Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP.

OLIVEIRA, A. **Percorrendo Nossa Ilha – Geografia e História – São Francisco do Sul**. Joinville: Letradágua, 2004.

OMT. **Turismo Internacional: uma perspectiva global**. OMT, 2003. 2 ed.

PELLEGRINI, A. F. O. **Ecologia, cultura e turismo**. São Paulo:Papirus, 1992.

PELUSO JUNIOR, V. A. **Estudos de Geografia Urbana de Santa Catarina**. Florianópolis:UFSC: Secretaria de Estado e do Esporte,1991

PEREIRA, C. da C. **História de São Francisco do Sul**. 2 ed. Florianópolis: UFSC, 2004.

PEREIRA, R. **Formação Sócio-Espacial do Litoral de Santa Catarina (Brasil): Gênese e Transformações Sociais**.Revista do Departamento de Geociências Programa de Pós- Graduação em Geografia, Florianópolis, v 18, n 35, jan/jun, 2003.

PEREIRA, R.;VIEIRA, M. **Formações Sócio-Espaciais Catarinenses: Notas Preliminares**.Anais do Congresso de Geografia de Santa Catarina. Instituto Histórico e geográfico de Santa Catarina. Florianópolis, 1997.

PEREIRA, V. M. **O Estudo tipo-morfológico como Ferramenta de Análise de Novas Arquiteturas em Centros Históricos**. Universidade Federal de Santa Catarina. Centro Tecnológico. Depto. De Arquitetura e Urbanismo. Programa de Pós – Graduação, 2006

PINSK, J. (org) **Turismo e Patrimônio Cultural**. São Paulo:Contexto, 2003.

REJOWSKI, M.**Turismo no Percusso do Tempo**. São Paulo: Aleph, 2002.

RHODEN, L. F. Patrimônio Histórico como Potencialidade para o Turismo. In: BOFF, C; GONÇALVES, A. B.**Turismo e Cultura: A História e os Atrativos Regionais**.Santo Ângelo, RS: Gráfica Venâncio Ayres, 2001.p 111 - 114.

RUSCHMANN, D.V. M. **Turismo e Planejamento Sustentável: A Proteção do Meio Ambiente**. Campinas, SP: Papirus, 2001. 8 ed.

SAINT-HILAIRE, A. de. **Viagem a Curitiba e Província de Santa Catarina**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da USP, 1978.

SÃO FRANCISCO DO SUL, **Agenda 21– São Francisco do Sul do Futuro**. São Francisco do Sul, 2004

SANTOS Fº, J. C.;GAMBOA, S.S. **Pesquisa Educacional: quantidade-qualidade.** São Paulo:Cortez, 2000. p 13-59.

SANTOS, M. **Espaço e Sociedade.** Petrópolis:Vozes, 1982.

SANTOS, R. I. C. **Conhecimento, Conscientização e Preservação de Patrimônio Cultural para a prática do Turismo.** In: Revista Turismo Visão e Ação. Ano 4. nº 8-abr-set, 2001

SANTOS, R.I.C.; ANTONINI, B.O. A Gastronomia Típica da Ilha de Santa Catarina – Brasil. Sua Identidade como atrativo para o turismo cultural.In: LACANAU, G. C.; NORRILD, J.A. (Coord.) **Gastronomia y Turismo. Cultura al plato.** CIET – Centro de Investigações y Estudios Turísticos. Buenos Aires. Argentina., 2004.

SANTUR. **Perfil da demanda Turística de São Francisco do Sul.** Santa catarina, 2005.  
Disponível em: <http://www.santur.sc.gov.br> acesso em 23/11/2006

SECRETARIA DE TURISMO DE SÃO FRANCISCO DO SUL. **Passaporte 500 anos.** São Francisco do Sul, 2004.

SEIBEL, N. T. **São Francisco do Sul, 500 anos: construções históricas.** Joinville: AS&Editora, 2004.

SILVA, D. Apª da. **“Plantadores de Raiz” : Escravidão e Compadrio na Freguesias de Nossa Senhora da Graça de São Francisco do Sul e de São Francisco Xavier de Joinville – 1845-1888.** Universidade Federal do paraná. Programa de Pós Graduação stictu-sensu em História, 2004.

S. THIAGO, A. **São Francisco – Notícia Estatístico Descritiva.** Instituto Brasileiro de Geografia. Depto Estadual de Estatística. 2º ed. Florianópolis, 1941.

S. THIAGO, R. **Utopia e esperança na Península do Saí.** Blumenau: Ed. da FURB; Florianópolis: Ed. da UFSC, 1995.

\_\_\_\_\_ **Paisagens Meridionais.** Oficinas da Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 1944.

S. THIAGO, R.; COELHO, I. **A Univille na história da paisagem da Ilha da Rita.** Revista da Univille, v.6, n.2, dez. 2001.

SUPLEMENTO JSC – especial- São Francisco do Sul – Baía da babitonga. PHN. Fev/87, 20pgs.

SWARBROOKE, J. **Turismo Sustentável: turismo cultural, ecoturismo e ética.** vol 5- tradução Saulo Krieger - São Paulo: Aleph, 2000. Série Turismo.

TULL, D.S; HAWKINS, D.I. **Marketing Research, Meaning, Measurement and Method.** Macmillan Publishing Co., Inc., London, 1976.

YIN, R. K. **Case Study Research – Design and Methods.** Sage Publications Inc., USA, 1989.

## REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

18º Festilha resgata as tradições da Ilha. Edição nº 1002 de 22/04/2006. Disponível em: [http://www.jornaltribuna.com.br/turismo.php?id\\_materia=12918](http://www.jornaltribuna.com.br/turismo.php?id_materia=12918) acesso em: 29/08/06

BRESSAN, Flávio. **O Método de Estudo de Caso**. Disponível em: [http://www.fecap.br/adm\\_online/art11/flavio.htm](http://www.fecap.br/adm_online/art11/flavio.htm) acesso em: 22/08/06.

Campanha para criação de uma UC na Baía da Babitonga. Disponível em: [http://www.solamac.net/babitonga/babit\\_1.htm](http://www.solamac.net/babitonga/babit_1.htm) acesso: 22/07/2006

CHAVES, L. C. **Colônia Cecília, uma experiência anarquista no Brasil**. Disponível em: <http://www.culturabrasil.org/cecilia.htm> acesso em: 10/03/2007

COULON, O.M.A.F.; PEDRO, F.C. **O Socialismo Utópico**. Disponível em: <http://hystoria.hpg.ig.com.br/utopia.html> acesso em 28/08/06

EIA – Estudo de Impactos Ambiental para Reabertura do Canal do Linguado. Disponível em: [http://dnit.ime.eb.br/br280/read.canal/recursos\\_hidricos.pdf](http://dnit.ime.eb.br/br280/read.canal/recursos_hidricos.pdf) acesso em: 26/07/06

Festilha é a Festa das Tradições em São Francisco. Disponível em: <http://www.americamagica.com.br/turistas/noticias/2002/mar/festilha.htm> acesso em 29/08/07

Festilha, em sua 17ª edição agita São Francisco do Sul. Edição nº 759 de 25/04/2005. Disponível em: [http://www.jornaltribuna.com.br/turismo.php?id\\_materia=2884](http://www.jornaltribuna.com.br/turismo.php?id_materia=2884) acesso em 29/08/07

GONÇALVES, Adelaide. **As comunidades utópicas e os primórdios do socialismo no Brasil**. E-topia: Revista Eletrônica de Estudos sobre a Utopia. Disponível em: <http://letras.up.pt/upi/utopiasportuguesas/e-topia/revista.html>. Acesso em: 07/08/2006

LINS, H. N. O Porto e Sua Expressão Econômica. In: NACKE, A.; SANTOS, S.C.; REIS, M.J.(orgs) **São Francisco do Sul – Muito além da viagem de Gonneville**, 2004. CD-ROOM.

MAIA, Ana Luíza Montalvão. Turismo Cultural : Um Desafio. Disponível em: [http://www.upis.br/upis\\_web/revista\\_multipla/nr\\_001/almmaia.html](http://www.upis.br/upis_web/revista_multipla/nr_001/almmaia.html) Acesso em: 21/07/05.

NACKE, A. São Francisco no Início do Séc. XXI. In: NACKE, A.;SANTOS, S.C.;REIS, M.J.(orgs) **São Francisco do Sul – Muito além da viagem de Gonneville**, 2004. CD-ROOM.

PEREIRA, Sílvio da Costa. **São Chico: quantos anos?** Florianópolis, 2003. Disponível em: [www.costapereira.floripa.com.br/saochico](http://www.costapereira.floripa.com.br/saochico) Acesso em: 02/08/2006

PHG. **Socialismo**. Disponível em: <http://www.angelfire.com/de/phgsocialismo/> acesso em: 07/08/2006

SANTOS, A. C. Dos. Notícia sobre os Carijó. In: NACKE, A.;SANTOS, S.C.;REIS, M.J.(orgs) **São Francisco do Sul – Muito além da viagem de Gonneville**, 2004. CD-ROOM.

S. THIAGO, R. As Múltiplas Histórias da Ilha. In: NACKE, A.;SANTOS, S.C.;REIS, M.J.(orgs) **São Francisco do Sul – Muito além da viagem de Gonneville**, 2004. CD-ROOM.

VIEIRA FILHO, D. Passado e Futuro: Uma Cidade e Seu Patrimônio. In: NACKE, A.;SANTOS, S.C.;REIS, M.J.(orgs) **São Francisco do Sul – Muito além da viagem de Gonneville**, 2004. CD-ROOM.

WEBER, C. Os índios e a cidade. In: NACKE, A.;SANTOS, S.C.;REIS, M.J.(orgs) **São Francisco do Sul – Muito além da viagem de Gonneville**, 2004. CD-ROOM.

REIS, M. J. Uma História bem Mais Antiga: a ocupação pré-colonial. In: NACKE, A.;SANTOS, S.C.;REIS, M.J.(orgs) **São Francisco do Sul – Muito além da viagem de Gonneville**, 2004. CD-ROOM.

<http://www.belasantacatarina/saofranciscodosul/>

<http://www.guiasantacatarina.com.br/saofranciscodosul/fotosphp3>

<http://www.saochico.com.br>

<http://www.saofranciscodosul.com.br>

<http://www.sc.gov.br/portalturismo/Default.asp?Codmunicipio=1078Pag=6>

<http://www.sfs.com.br>



# APÊNDICES

## **Apêndice 1 - Folder**

## Apêndice 2 – Normas para Visitação

Com o objetivo de otimizar a qualidade de sua visita, e contribuir para preservação e proteção do patrimônio, são estipuladas algumas normas que devem ser levadas em conta durante a visita:

- Respeite o patrimônio, seja ele material ou imaterial;
- Adapte-se ao modo de vida local. Você é o visitante;
- Evite jogar qualquer coisa no chão, além das lixeiras que pode encontrar pelo trajeto, você receberá solinhas de lixo e bituqueiras;
- Respeite as estratégias interpretativas;
- A maioria dos casarios não estão abertos à visita por se tratarem de residências. Você os conhecerá apenas por fora. Respeite isso;
- Nos museus e igreja, mantenha silêncio;
- É proibido deteriorar, cortar, apedrejar ou substituir qualquer objeto;
- Deixe tudo no lugar, nem mesmo uma simples pedra será levada de lembrança;
- Não deixe marcas. Não é preciso registrar sua passagem escrevendo em arvores, pedras, construções ou monumentos;
- Lembre-se: seu principal objetivo é conhecer a história e cultura local. Valorize-as.

Respeite as Diversidades!

Obrigada!

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)